HISTORIA

DE

PORTUGAL.

TOMO TERCEIRO.

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL, E SUAS CONQUISTAS;

OFFERECIDA

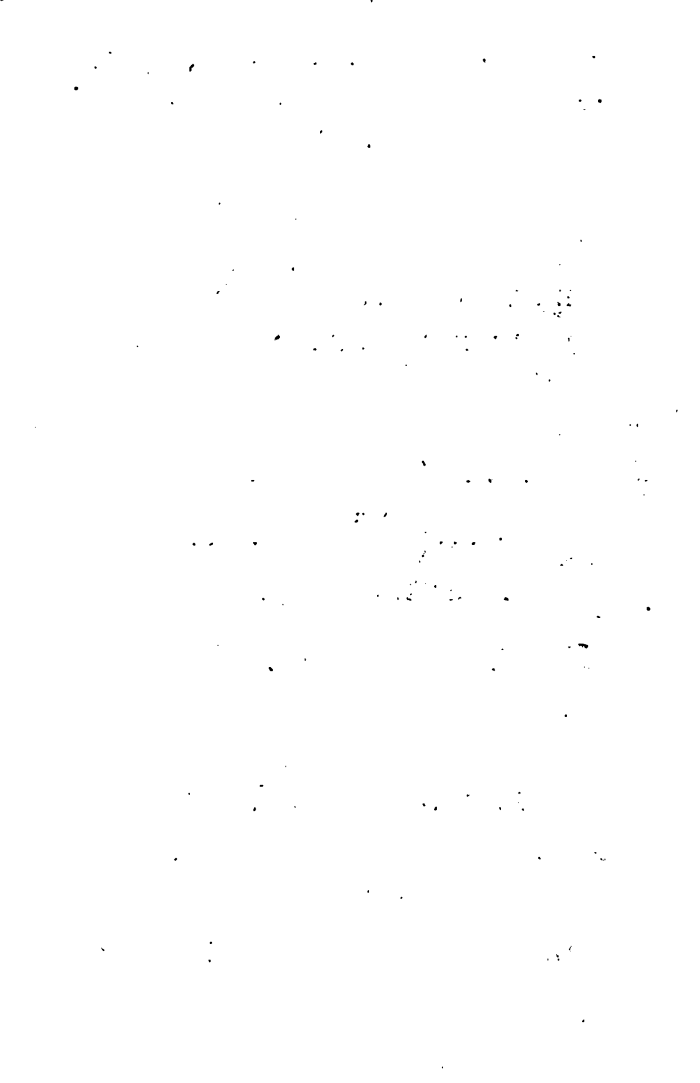
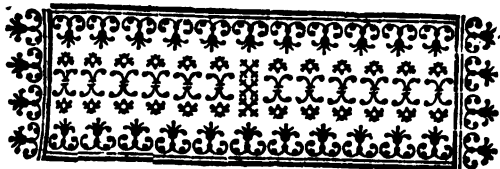
Á RAINHA NOSSA SENHORA

D. MARIA I.

POR

DAMIAÕ ANTONIO DE LEMOS
FARIA E CASTRO.

TOMO III.

LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.
1786.
Com Licença da Real Meza Censoria.

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL.

LIVRO IX.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Vida, e obras do Grande Rei D. Affonso Henriques, I. Rei de Portugal.

A VIDA, e acções de D. Affonso Henriques, Principe excellente, que entre nós sempre conservará memoria veneravel, saõ o alto objecto, com que já se chega encontrar a minha penna; rasteira nos voos para subir

Era vulg. 1128

a

Era vulg. á tanta eminencia; humilde para expôr eloquente as virtudes, as façanhas, o heroismo do primeiro Pai da nossa Patria, do Gigante do valor; Alcides Lusitano, que sobre a ruina dos Monstros firmou incontrastavel a baze do Reino, puro na Fé, amado pela piedade, até entaõ guardado nos seios da Providencia para levar o Nome do Senhor ás Gentes estranhas. Do Principe, que na fama do seu proprio, e no estrondo da magnanimidade se tece o elogio, entro á escrever a vida animoso, pela certeza, de que todos os meus defeitos seráõ imperceptiveis, ou que ficaráõ abafados debaixo da grandeza do primeiro, e occultos na extensaõ da segunda.

No fim do Tomo precedente mostrei eu ao Rei D. Affonso Senhor do seu Estado, quando se depôz delle sua Mãi a Rainha D. Theresa no anno de 1128. Alli tratei os successos dos dous annos seguintes até o de 1130, em que falleceo aquella Princeza, que deixou a seu filho na posse man-

mansa, e pacifica do Reino, que por direito lhe tocava. Alli desatei todas as dúvidas, que enchiaõ de preoccupações aos nossos Escritores para involverem os principios da Historia de D. Affonso em tantas confusões, que a poucos delles deixavaõ com o desembaraço de Hercules para cortarem tantas cabeças á Quiméra. Alli mostrei como elle, ainda naõ reconhecido Rei o era na pessoa de seus pais pela instituiçaõ do Reino, que nunca fora Condado; que o Rei de Leaõ D. Affonso VI. naõ tinha authoridade para o privar da sua regalia; que separando-o da sua Coroa, que por direito de conquista o possuia, naõ podia fazello, senaõ com o titulo, que lhe era proprio, com o mesmo, que elle conservou desde a sua origem no dominio de tantas, e taõ diversas Nações.

Era vulg.

Alli lancei as primeiras linhas para debuxar o caracter magnifico do nosso Principe, que na idade mais tenra, reconheceo o espirito da Religiaõ pelo muro mais firme do Imperio,

pe-

Era vulg. pela felicidade incontrastavel da Pessoa. O excercicio das armas o Pai lho deixára por herança, elle o amava por inclinaçaõ. Principiou cedo a perder o medo, como se vio nas suas primeiras expedições, para toda a vida ficar impavido, arrostar os perigos sem susto, levantar a alma sobre todas as imagens, que a fantasia representa pavorosas. Concebia as idéas com extensaõ, que ajustava ás medidas do animo, nunca coarctado a ambitos, que tivessem satisfeito o coraçaõ, só do seu tamanho; maior que qualquer empreza. Exemplos, e doutrinas alheias, e actos proprios lhe adquiríraõ os habitos da piedade, do valor, da prudencia, da justiça, da magnanimidade, das virtudes todas, que formaõ hum Heróe completo, digno da attençaõ das idades.

1130 No primeiro de Novembro de 1130 quando morreo a Rainha D. Theresa, já D. Affonso Henriques tinha acalmado as perturbações intestinas, que eraõ capazes de transtornar huma dominaçaõ, que nascia. Com as armas li-

livres para as empregar na guerra da Religiaõ, naõ tardáraõ os Mouros em lhe dar promptas occasiões para D. Affonso mostrar sobre elles a elegancia das suas gentilezas. O Rei de Badajóz com exercito numeroso entrou talando as campanhas da Beira, que regou com Sangue Christaõ, e foi arvorar os pavilhões soberbo nos muros de Trancoso. Naõ soffreo D. Affonso esta injuria na face dos seus Estados, e marchando com as suas trópas em demanda dos inimigos, fez caminho pelo Hermo venturoso, aonde os filhos de S. Bernardo com o Monge Joaõ Cirita desafiavaõ da terra, com a pureza da vida, a Angelica dos Espiritos do Ceo. Pedio-lhes as suas Orações para alcançar de Deos o bom successo das armas, e acompanhado do seu Prior Aldeberto, se fez na volta de Trancoso, que já achou possuida pelos Barbaros, pouco temerosos da visita.

Era vulg. 1131

Dos titulos do Mosteiro de S. Joaõ de Tarouca, que D. Affonso mandou fundar para os Santos Monges, agradecido aos serviços, que lhe fizeraõ

Era vulg. raõ nesta jornada; consta, que no primeiro encontro derrotára os Mouros, caminhando a victoria ao passo, que Aldeberto affervorava a sua Oraçaõ: Que fugindo o Mouro desbaratado, encontrára hum grande reforço, que marchava em seu soccorro, e retrocedêra a dar segundo combate, em que tambem ficou vencido: Que a guarniçaõ de Trancoso, vendo o Rei de Badajóz duas vezes desbaratado, se entregou a D. Affonso, que colheo tres palmas em hum conflicto.

Como nas resultas desta acçaõ D. Affonso queria firmar segura a baze das muitas, para que o Ceo o destinava; naõ contente com a fundaçaõ do Mosteiro de Tarouca, determinou levantar no de Santa Cruz de Coimbra hum antemural, que a sua piedade entendeo faria a Monarquia incontrastavel. He este Edificio hum dos mais magnificos da Christandade, sempre luminoso em Virtudes, brilhante em Sciencia, exemplar na edificaçaõ dos seus Conegos Regulares de Santo Agostinho, que desde entaõ o possuem como

mo Chéfe da ſua Provincia Luſitana. Era vulg.
O Arcediago D. Telo, com doze companheiros, foi o ſeu primeiro Fundador. Pôz-ſe a primeira pedra no dia 28 de Junho, e creſcendo com o zelo dos Fundadores a fama das ſuas virtudes, em poucos dias ſubio a 72 o número dos Conegos. O Rei D. Affonſo abrio ambas as mãos á ſua liberalidade para eſta fabrica ſumptuoſa, e para a da Ponte ſobre o Mondego, que ſaõ dous Padrões immortaes da grandeza do ſeu animo. Ajuntou á pompa do edificio a profuſaõ das rendas, tantas, e taõ conſideraveis, que tirando-ſe depois huma parte dellas para o Biſpado de Leiria, e Univerſidade de Coimbra, ainda ficou o Moſteiro hum dos mais ricos das Heſpanhas.

Entre os companheiros do Arcediago D. Telo ſaõ merecedores de memoria diſtincta S. Theotonio, que veio a ſer primeiro Prior de Santa Cruz; Joaõ Peculiar, que foi Arcebiſpo de Braga; Odorio, Biſpo de Viſeo; e Siſnando, Varaõ douto, que oc-

Era vulg. occupou o lugar de Prior de Monte-Mór o Velho. Muitas qualidades illustres faziaõ recommendavel a D. Tello, que sobre patricio esclarecido de Coimbra, se ornava de virtudes, e sciencia; tinha peregrinado á Palestina, e seria Bispo na sua Patria, se a facçaõ do Principe D. Affonso naõ tivesse prevalecido ao partido da Rainha sua Mãi, que determinava elegello. Nas controversias, que logo se moveraõ entre os Conegos da Cathedral, e os novos Fundadores, deo elle próvas de zelo ardente, naõ o embaraçando a idade, e os trabalhos passados para deixar de ir a Italia, aonde conseguio do Papa Innocencio II. pacificar a discordia, antes que tomasse a perturbaçaõ mais corpo.

Naõ se esquecia a casa de Trastamara de mostrar contra o nosso Principe o espirito sedicioso. D. Bermudo, irmaõ do Conde D. Fernando, cunhado de D. Affonso, por marido de sua irmã a Infante D. Urraca, teve pensamentos de se fazer Senhor de Portugal, e se rebellou com o Castello de

Ce-

Ceres. Sem perda de tempo se lançou D. Affonso sobre o rebelde, que huns dizem fora morto na escalada, outros, que o Rei o prendêra, e forçára a tomar o habito Monacal no Mosteiro de Sobrado, aonde viveo penitente, e acabou justo. Deixou descendencia illustre em duas filhas, D. Sancha, que casou com Sueiro Viegas, filho de Egas Moniz, e a segunda D. Theresa, mulher de Fernaõ de Ayras Batitela, pai de Joaõ Fernandes de Lima o Bom: huma, e outra Senhora origens de familias preclarissimas de Portugal.

Era vulg.

Como D. Affonso sempre trazia firme a idéa de fazer aos Mouros huma viva guerra, que era o unico meio para dilatar a Religiaõ, e extender os confins do Reino; levantou desde os fundamentos o Castello de Leiria, nas terras montuosas sobre hum vivo penhasco, que aos Mouros se fizesse respeitavel, lhe assegurasse nas invasões a retirada, impedisse aos Barbaros as muitas, que faziaõ no campo de Coimbra, aonde o Mouro Eujuni, al-

1135

Era vulg. alguns annos antes, havia executado crueldades inauditas com hum exercito de 300$ homens. D. Affonso, que naõ estava prevenido para atacar esta multidaõ em campo aberto, a esperou animoso em annos verdes dentro dos muros da Cidade; resoluto a salvar-se, ou a perder-se com ella; sem corage para ver de longe o seu estrago, ou o seu triunfo. Huma peste voraz cortou a Eujuni o intento, a D. Affonso a gloria da defensa; mas se para ella, sobrou o valor, e faltou o conflicto, a prudencia se mostrou advertida na fundaçaõ do Castello de Leiria, que cobrindo a Cidade, as correrias naõ seriaõ frequentes, nem os assaltos imprevistos.

Os annos que se tinhaõ passado, naõ haviaõ ainda posto em equilibrio os humores dos dous Affonsos de Portugal, e Castella; o primeiro pertendente á successaõ dos Reinos de Leaõ; o segundo á de Portugal, ambos com motivos differentes: o Portuguez affectando o direito, que a elles tinha a Rainha sua Mãi; o de Castella sentido

do da desmembraçaõ, e liberdade de Portugal, e da tenacidade do seu Principe lhe naõ querer largar as terras conquistadas em Leaõ, e Galliza. Estes foraõ os motivos, que estimuláraõ ao Rei de Castella para romper com seu primo o de Portugal, e dizem, que entaõ D. Garcia, Rei de Navarra, fizera liga com D. Affonso Henriques para este invadir as terras de Galliza, em quanto elle atacava por outra parte a Castella. Nós avançamos as conquistas naquelle Reino, visinhas as Praças, que nelle possuiamos, naõ nos servindo de pequeno soccorro os dous Condes D. Gomes Nunes, e D. Rodrigo Peres Veloso, que sustentavaõ o nosso partido contra os outros Condes D. Rodrigo Vela, e D. Fernaõ Peres, faccionarios do Rei de Castella. Era vulg.

Na terra de Lima tinha D. Affonso Henriques edificado o Castello de Celmes, que soffreo a primeira invasaõ daquelle Rei. Elle o rendeo; fez prisioneiros Fidalgos de grande espirito; conquistou algumas Praças de 1136

pou-

Era vulg. pouca importancia, e contente com esta sombra de vantagem, se recolheo á sua Corte satisfeito. O nosso Principe se portou do mesmo modo em Galliza, aonde sobre as conquistas proprias, avançou o dominio com as muitas Fortalezas, que os dous Condes amigos lhe entregáraõ; e bem contrapezada a empreza do Castelhano com a sua, voltou a descançar na Pátria á sombra das victorias. Porém como na terra de Lima lhe ficava Celmes presidiada de inimigos, naõ quiz deixar em seu poder esta força, que determina ganhar na retirada. Os Condes Peres, e Vela, que lhe percebêraõ o intento, vem com exercito formado envestillo junto ao lugar de Cerneja. Naõ altera D. Affonso a marcha á vista dos contrarios, que atacados, e vencidos, muitos cavalleiros honrados perdem a vida, e o Conde D. Rodrigo Vela a liberdade.

Mais airoso com esta victoria, partio D. Affonso a largas jornadas para soccorrer o Castello de Herena, que os Mouros sitiavaõ. Que idades

taõ

Era vulg.

taõ proprias, em que humas com outras se enlaçavaõ as occasiões, para ser cada soldado hum Heróe! Presumimos, que este Castello de Herena era o de Thomar, que foi possuido pelos Templarios, e dizem o povoára o Mestre D. Galdim, que concorreo no tempo do Rei D. Affonso. Ignoramos se a Ordem era já Senhora delle neste anno, em que os Mouros o sitiáraõ, e D. Affonso achou perdido, quando chegava a soccorrello: Conquista ás nossas armas sensivel, assim pela sua importancia, como pela visinhança de Santarem, que nos convinha ter rodeada das nossas forças, para nos facilitarem o rendimento desta Praça, igual na reputaçaõ á importancia do nosso dominio. O rio Nabaõ dividia este Castello das ruinas da Cidade de Nabancia, que por haver nella assistido Santa Irene, pode ser se chamasse Herena o Castello, assim como Santarem tomou do seu nome o de Santirene.

Por este tempo vagáraõ as duas Cathedraes de Braga, e Porto, com

Era vulg.

pouca differença entre huma, e outra vacatura. Na de Braga havia ſido Arcebiſpo D. Payo Mendes, irmaõ dos bravos Capitães Sueiro Mendes o Bom, e Gonçalo Mendes da Maya o Lidador. Baſta declarar-lhe eſtes irmãos para nós lhe conhecer-mos a qualidade: a das virtudes lhe exaltou o naſcimento, e a liberalidade para com a ſua Igreja, ainda hoje nella o faz lembrado. Na do Porto falleceo Hugo, Prelado cheio de zelo, e ardor pelos cultos da Religiaõ; circunſtancias, que o fizeraõ amado dos Principes do ſeu tempo; que inclináraõ a Rainha D. Thereſa para enriquecer a ſua Sé com as mercês, que já referi, e agora movêraõ ao Rei D. Affonſo para lhe dotar a Igreja de Meinedo, que he hum dos ſeus Arcediagos, e o Couto de Pena Cova, com outras doações, que a tem diſtinguido entre as mais brilhantes de Portugal.

Succeſſivamente occupou eſtas duas Igrejas D. Joaõ Peculiar, hum dos doze companheiros do Arcediago D.

Te-

Telo, Fundadores de Santa Cruz de Coimbra. Era hum Francez, digno das maiores attenções pelos ſeus merecimentos, e parece foi hum dos Varões veneraveis, que o Arcebiſpo de Toledo D. Bernardo trouxe na ſua companhia, quando voltou á Heſpanha da jornada de Roma. He fundaçaõ ſua o Moſteiro de S. Chriſtovaõ de Lafoës, aonde fez vida Eremitica, que foi a ſua primeira occupaçaõ em Portugal: Eſcóla ſanta, aonde o eſpirito ſe prepara com os ardores da vida contemplativa para ſer tocha inextinguivel nas opperações, e exercicio da activa. Daquelle Moſteiro, plantado no ſagrado horror do hermo, ſahio o illuſtre Cenobita a acompanhar a D. Telo na fundaçaõ de Santa Cruz, aonde as virtudes dos Fundadores faziaõ indiſſoluveis os ligamentos, que prendiaõ em vinculos de caridade as pedras racionaes do edificio. Entaõ póſta ſobre o candelabro eſta luz, que eſtivera occulta debaixo da medida no primeiro Convento, ella brilhou de modo, que illuminou o Porto,

Era vulg.

 lo-

Era vulg. logo derramou novos resplandores em Braga.

1137, e 1138 Estes annos gosava Portugal o beneficio da paz; acçaõ, que representava fazer pé atraz na postura para descarregar com mais violencia o golpe sobre a vanguarda. D. Affonso, para naõ estar nella ocioso, cuidou em enobrecer as terras do seu Dominio, que lho mereciaõ, ou na grandeza, ou pelos serviços. Declarou-se reconhecido á sua Corte de Guimarães, que sempre lhe fora fiel. Para se mostrar grato aos obsequios de vassallos taõ distintos, deo á sua Villa honrado Foral, com preheminencias particulares, com isençaõ de tributos, tanto ás pessoas, como ás fazendas. Beneficios quasi semelhantes recebêraõ Miranda, Cea, outros muitos Lugares; e o Mosteiro de S. Romaõ de Neyva o de hum Reguengo Real com todas as suas pertenças: que este Alexandre Lusitano dava tudo, reservando para si a esperança dos vastos Dominios, que concebia na idéa arrancar do poder dos Mouros no Continente de

Hes-

Heſpanha á ponta da ſua eſpada invencivel: alto aſſumpto, para que já a Hiſtoria me convida.

Era vulg.

CAPITULO II.

O Rei D. Affonſo Henriques paſſa o Téjo, e ganha ſobre Iſmar, e cinco Reis Mouros a milagroſa batalha do Campo de Ourique.

1139

OS eſpiritos ſublimes de D. Affonſo Henriques, a coragem façanhoſa dos Portuguezes, tudo animado pelas victorias precedentes, ganhadas contra Caſtelhanos, e Mouros, já naõ cabiaõ na extenſaõ curta de terreno, a que entaõ ſe limitavaõ os confins da Monarquia. Medindo elles as emprezas projectadas pela dilataçaõ do valor, reſolvêraõ, que o Téjo naõ ſerviſſe de Barreira aos ſeus Eſtados; mas que vadeando as ſuas correntes, paſſaſſem com as conquiſtas ſobre os Mouros, até onde a fortuna lhes abriſſe o paſſo, ou para reduzirem Portugal ás confrontações primeiras da an-

Era vulg. antiga Lusitania, ou para lhe darem mais espaços pelas terras, que os Mouros possuiaõ, com exclusiva do direito dos Reis de Leaõ, em razaõ da sua posse immemoravel de quatro seculos. Á idéa se seguio a execuçaõ, e alistando D. Affonso hum exercito de onze, ou treze mil homens, todos discipulos da sua Escóla, creaturas do seu valor, mais amigos do combate, que da guerra; elle o entende bastante para huma empreza, por concebida, temeraria, executada, incrivel.

Em Coimbra passou o Rei revista ao punhado de gente, que tinha de ser o escandalo da formidavel Potencia Mauritana; e postado na vanguarda da trópa destemida, antes de romper a marcha, he provavel, que com o sentido destas vozes a animaria: « Vassallos fidelissimos, companheiros » meus muito amados, Nós vamos » emprehender huma façanha, que naõ » passou pela imaginaçaõ dos Cyros, » dos Alexandres, dos Cesares, dos » Pompeos. Elles em tantas expedi-

» ções,

» ções, de que foraõ authores, buſ- Era vulg.
» cavaõ a gloria vã, ou os intereſſes,
» ignorantes dos fins da guerra. Nós,
» mais illuſtrados, que elles, vamos
» certos, em que vencidos, morremos
» felices pelo noſſo Deos, vencedo-
» res honramos a Patria com a victo-
» ria. Ha quatro ſeculos que geme
» opprimida debaixo do jugo mais
» tyranno. A nós de que nos ſerve ſo-
» breviver á ſua ruina? Que nos im-
» porta a vida ſem liberdade? Qual
» póde ſer o noſſo goſto, vendo o
» Evangelho em Heſpanha abatido,
» o Alcoraõ exaltado? Vamos; reſ-
» gatemos a Religiaõ, ſalvemos a Pá-
» tria, ou morramos com ella pela Fé.
» Lembrai-vos, que ſois Luſitanos,
» coſtumados a vencer pelo esforço,
» naõ pelo número. Eſtou certo, que
» nunca deſampararéis o voſſo Princi-
» pe; e como ſempre haveis eſtar ao
» meu lado, Eu ſerei o primeiro nos
» perigos para vós naõ ſeres ſegundos
» na gloria; Eu vencerei para vós ven-
» ceres comigo, ou Eu morrerei para
» vós naõ temeres morrer, aonde o voſſo
» Chéfe morrer. »

Fal-

Era vulg.

Fallando assim o bravo Principe; os instrumentos marciaes daõ final de se romper a marcha com caras ao Téjo. Vadeado este caudoloso rio, entrou o exercito na fertil Provincia, que estava á discriçaõ do Rei Ismar, depois que tirou a vida ao de Badajóz. Elle quiz impedir a D. Affonso entranhar-se pela Provincia; mas sendo forçado a amparar-se á sombra daquella Praça além do Caya, a campanha ficou livre para a talarmos ao nosso arbitrio. Em Africa, e Hespanha convida Ismar vinte Regulos, cinco delles Reis poderosos, para ajuntarem com as suas as forças proprias, formarem hum exercito espantoso, acodirem á causa commua, ao credito do Alcoraõ, acabarem por huma vez com a Hydra de Hespanha, sem lhe deixarem cabeça, que se levante, nem halito, que respire. Enchêraõ-se os valles, coroáraõ-se os montes com a multidaõ de 400$ Mouros, como dizem, para fazerem frente a doze, ou treze mil Portuguezes, que naõ se assustaõ com

os perigos, quando os emprehendem pela Fé, pelo Rei, e pela Patria. Era vulg.

Já os nossos Estandartes haviaõ tremolado por todo o Alem-Téjo, e chegando ao Campo de Ourique, acampa o exercito nos planos da Villa de Castro-Verde, no sitio que chamaõ Cabeça de Rei. Daqui principiamos a ver desfilar do monte, aonde hoje está huma Hermida de Nossa Senhora de Ara-Cœli, as formidaveis esquadras de Ismar, que cobriaõ as dilatadas campinas de toda a circunferencia, avisinhando-se ao nosso acampamento. Hum theatro todo de horror na realidade, e apparencia, perturbou os animos, que no primeiro lançar dos olhos, medíraõ as desproporções sem darem liberdade ao juizo para calcular nos motivos as vantagens. Os Varões mais constantes, macilentos daõ a ler com as tintas dos rostos os caractéres do temor na alma. Sem fallar murmuraõ; callaõ eloquentes; valerosos descobrem a covardia; rodeiaõ o Principe, para que se veja nelles, ou os veja; e porque

Era vulg. que as faces immutadas naõ o perturbaõ, o medo rompe o silencio, e se adverte a fallar respeitoso, naõ repára nas vozes languidas, com que se explica.

Elles dizem: Senhor, que vos arruinais, e nos perdeis. Muitos Mouros; poucos Portuguezes. Contra cada hum de nós ha cem Barbaros. Que Heróe combateo campo a campo, rosto a rosto hum cento de inimigos? Nós estamos rodeados de todo o poder de Africa. Se pelejamos morremos. Mulheres viuvas, filhos orfãos será a consequencia triste da nossa temeridade. Peçamos a paz, e repassemos o Téjo, que he fosso profundo para a nossa segurança, sem pertendermos mais largura de terra, que nos poem os corações em tanto aperto. Nós nos perdemos sem gloria contra hum poder, que os batedores do campo chamaõ infinito. Reservemos as vidas para melhor occasiaõ: Vós, que sois a nossa alma, salvai-vos das mãos da angustia, até que chegue outra opportunidade com certeza de gloria.

Ou-

Era vulg.

Ouve Affonſo ſem perturbaçaõ as vozes roucas. Naõ reſponde palavra; mas animando o roſto com a fortaleza, o moſtra alegre, e fero, impavido, e jucundo, riſonho, e circunſpecto. Manda, que o exercito ſe forme em batalha; e paſſeando pela frente das ſuas fileiras, em acenos mudos, mas energicos; no ſobir, e declinar os olhos; no movimento das mãos; nos geſtos graves dos membros; Cabos, e ſoldados entendêraõ, que elles indicavaõ eſte conceito, que o valeroſo Principe entre ſi formava: Muitos Mouros, poucos homens: muitos homens, poucos ſoldados: turba mercenaria, nada guerreira; avarenta dos deſpojos, pouco ambicioſa da gloria. Sem Fé, entregue á Providencia ordinaria: ſectaria do erro, indigna dos auxilios Divinos. Grande cópia de armas; fracos pulſos, que naõ merecem os esforços do Deos dos Exercitos. Numeroſa cavallaria; Cavalleiros ſem deſtreza, que vem a talar, naõ a combater. Neſte meſmo campo Viriato com Luſitanos gentios desbaratou formi-

Era vulg. midaveis, muito mais valerosos Romanos: Affonso com Portuguezes Christãos ha de duvidar de vencer a multidaõ de Mouros covardes? Elle, que peleija pela Religiaõ, pela Patria, pela honra, ha de contar número de inimigos, ou medir a extensaõ da sua corágem? Vem chegando a noite; amanhecerá outro dia, e as luzes de nova Aurora desterraráõ dos coraçóes os crespusculos da tarde, que representaõ gigantes os phantasmas.

Assim discorrendo Affonso, manda ao seu exercito, que descance. Recolhe-se á sua tenda para revolver no fundo do animo a deliberaçaõ, que deve tomar em lance de tanto aperto. Estes saõ os esgalhos do Sceptro, que lastimaõ a mesma maõ, que lisongeaõ. Para divertir a molestia dos cuidados, o Principe abre huma Biblia, que tinha na tenda, e acaso se encontra com a memoravel victoria de Gedeaõ, que na frente de 300 Hebreos derrota com morte de 120ꝺ homens o campo dos quatro Reis Madianitas. D. Affonso julga este encontro, para

mys-

myſterioſo, opportuno; para acciden- Era vulg.
te, raro. Elle levanta o coraçaõ, e os
olhos ao Ceo; falla no fundo da alma
ao Deos, que penetra o centro dos
eſpiritos, e lhe diz: Vós ſabeis, que
por honra voſſa me empenho neſta
guerra: naõ ſou taõ juſto como Ge-
deaõ; mas o meu Povo he mais ſan-
to, que o ſeu: vós agora ſois o meſ-
mo Deos de entaõ; o Deos, que ſem-
pre he, e de mais Homem como nós,
e por amor de nós. Dobradas cauſas
vos obrigaõ a multiplicar os ſoccor-
ros. Eſta he voſſa; vós a dirigi; ani-
mai a voſſa gente; auxiliai os ſolda-
dos Luſitanos, de quem ſois Chéfe.
Ditas eſtas palavras, D. Affonſo, ren-
dido ao pezo dos cuidados, ſuavemen-
te adormece ſobre o Livro Sagrado.

Tanto que a natureza opprimida
fez fechar os olhos ao corpo fatigado,
o coraçaõ, que vigiava, repreſentou
á phantaſia, que hum Velho veneran-
do lhe fallava: que lhe promettia ſem
dúvida a victoria: que o inaugurava
amado de Deos, inſtrumento feliz da
ſua gloria, clarim ſonoro da exaltaçaõ
do

Era vulg. do ſeu Nome. Neſte doce enleio ſe deleitava D. Affonſo, quando o ſeu Camariſta Joaõ Fernandes de Souſa entra na tenda, e lhe dá parte: Que hum Anciaõ reſpeitoſo, que diz ter com ſua Alteza negocio grave áquella hora, pede audiencia. Manda Affonſo, que entre se he Chriſtaõ. Apenas o Principe lhe põe os olhos, conhece a realidade da imagem, que lhe acabava de lhe repreſentar o ſonho. Commovido, e attento eſpera ouvir o Emiſſario, que o conforta, o anima, e com as meſmas vozes, que ſe lhe figuráraõ dormindo, lhe promette a victoria, á viſta do Salvador glorioſo á face da ſua carne mortal. Affirma-lhe ſer amado de Deos, que nelle, e nos ſeus deſcendentes tinha poſto os olhos da ſua miſericordia até á decima ſexta geraçaõ: que nella ſería a prole atenuada; mas que neſſe meſmo eſtado Deos tornaria a vella para abençoalla: que ao ouvir o ſom da campainha da ſua Hermida, aonde havia 66 annos o guardava a Divina Providen-

tencia, sahisse ao campo; por que Jesu Christo queria fallar-lhe. Era vulg.

D. Affonso trata ao Embaixador com o respeito, que merece a Augusta Pessoa, que representa. O Hermitaõ se retira cortez; D. Affonso perde o somno consolado, e conta os instantes da noite como naõ incluidos na ordem do tempo, que em esperanças de gosto sublime sempre tem espaços longos. Na segunda vigia soa a campainha, e Affonso, que espera desperto o sinal para receber a coroa, que se promette aos vigilantes, armado de espada, e rodella, sahe ao Arraial, prompto para a execuçaõ das ordens do seu Chéfe. Levanta a vista ao Ceo, donde espera o seu auxilio, e da parte Oriental vê sahir delle hum globo de luz brilhante, precursora daquella, que Oriente he o seu Nome, e já sahe a apparecer Sol de Justiça, que lhe traz a saude nas suas pennas. Assegura-se, que entre raios scintillantes Jesus Christo apparecêra crucificado a D. Affonso; a Cruz dez covados levantada da terra; Jesus Christo rodeado

Era vulg. do de innumeravel multidaõ de Anjos na figura de mancebos, veſtidos de branco., galla ordinaria da ſua Corte, que ſempre veſte a cor da innocencia.

A' preſença do Rei dos Reis, Deos da Mageſtade, em ſuaves tranſportes humilha, enche de temor, e reſpeito ao bravo Affonſo. Tira as armas, deſpe os veſtidos, marcha deſcalço a ver a viſaõ grande. Sendo lagrimas doces o primeiro pezo das ſuas vozes, reſpeitoſo, e reverente chora, falla, e diz: A mim, Senhor, que tenho huma Fé viva, correis o véo á Imagem inviſivel do Padre, e me pondes patente o caracter da ſua ſubſtancia? Deſcobri-vos, manifeſtai-vos a eſſes barbaros incredulos, para que abandonando os erros, vos conheçaõ. O Redemptor benigno com voz cheia de ternura, derramando a graça, que tem nos labios, lhe reſpondeo: Eu naõ te appareci neſta figura para augmentar a tua Fé; mas para confortar o teu valor na empreza, que he minha; para firmar em ti o Reino, que he meu: Confia, que naõ vencerás

ſó

ſó eſta batalha; mas todas aquellas em que te empenhares contra os inimigos do meu Nome. Acharás a tua gente animada para o combate, e te pedirá conſintas entrar nelle com o titulo de Rei, que quererá conferirte. Tu o aceita, naõ repugnes; que ſou o Fundador, e Diſſipador dos Imperios do Mundo, e em ti, e na tua geraçaõ quero fundar para mim hum Reino, que levará o meu Nome ás Nações eſtranhas. Para que os teus deſcendentes conheçaõ, que da minha maõ recebem o Imperio, comporás as ſuas Armas do preço, com que comprei o Genero Humano, e daquelle por que foi comprado dos Judeos. Aſſim ficará ſantificado eſte Reino, amado de mim pela pureza da Fé, exaltado pela piedade.

Era vulg.

Ouvida a doçura, a efficacia, a magnificencia deſta promeſſa, Affonſo adorando ao Senhor com o roſto em terra, lhe diz: Grande Deos das miſericordias, que merecimentos ſaõ os meus para uſares comigo de piedade taõ ſingular? Se he hum ef-

Em vulg. feito da vossa mesma bondade, dilatai-a, Senhor, sobre os Successores, que me prometteis; conservai fiel, e livre de perigos a gente Portugueza; se contra ella tendes ordenado algum castigo, venha sobre mim, e meus descendentes, e salvai o Povo, que amo como filho. Promette Jesus Christo a Affonso, que nunca apartará delle os olhos da sua misericordia, pelo haver escolhido para seu Operario em Regiões remotas. Desapparece a visaõ, e o preconizado Rei, cheio de alentos Divinos, se recolhe á sua tenda, culpando a noite, que lhe retarda vagarosa a gloria do mais formoso dia. Aqui teve origem a tradiçaõ constante, que digo no Prefacio do I. Tomo, naõ me conformando com a opiniaõ dos criticos severos, que querem tivesse principio viciado no tempo do Rei D. Joaõ o I. por occasiaõ da guerra com Castella.

Em fim amanhece o dia 25 de Julho de 1139 em que a Igreja Santa celebra a Festa do grande Patrono, Soldado de Hespanha o Apostolo Sant-

Iago,

Iago, agouro feliz da futura victoria. Era vulg.
D. Affonso, com figura terrivelmente agradavel, apparece no campo, e vê na sua gente novas imagens de outros homens bem diversas, das que examinára na tarde precedente. Todos respiraõ corage, vomitaõ chammas, ardem incendios; impacientes pela batalha, pedem ao seu Chéfe o conflicto. D. Affonso, que na mudança naõ pensada conheçe a maõ occulta, que a move, faz celebrar em muitas partes o Sacrificio tremendo do Altar: elle, com a maior parte do exercito, recebe o Sacramento de conforto, muniçaõ dos fortes, que sem desfalecimento os sobe triunfantes ás fragosidades mais escabrosas. Depois monta a cavallo, e fazendo tremolar a sua Bandeira, ordena o exercito para a batalha.

Na vanguarda postou 3ꝟ Infantes, que reservou para si com 300 cavallos escolhidos. A retaguarda de igual numero, a mandou cobrir por Lourenço Viegas, e Gonçallo de Sousa, este genro, e aquelle filho do seu

Era vulg. Ayo Egas Moniz. Os lados direito, e esquerdo da linha de batalha foraõ entregues ao valor, e disciplina de Martim Moniz, e de Mem. Moniz, Fidalgos igualmente illustres, que animosos. O Principe, que até entaõ tudo obrára em silencio, pondo-se em lugar, aonde fosse visto de todos, mostrando no rosto os sinaes do triunfo, com este conceito lhes falla. « Va-
» lerosos Portuguezes, hontem eu,
» e vós vacilavamos no que deviamos
» fazer; eu com semblante de irreso-
» luto, vós com apparencia de teme-
» rosos. Amanheceo novo dia, que
» nas sombras da noite deixou sepul-
» tadas as dúvidas. O vosso Principe
» vos ordena, que marcheis, naõ a
» disputar a batalha; mas a colher os
» fructos da victoria. Toda essa chus-
» ma de Barbaros está entregue nas
» vossas mãos: Vós sois os instrumen-
» tos do combate, o nosso Deos o
» Author do triunfo; a acçaõ vossa,
» a gloria delle. Pela hora feliz, que
» já chega, nós sahimos das nossas
» casas. Nella em hum só acto, seraõ

» mui-

» muitas as vantagens. Nós honrare- Era vulg.
» mos a Deos, dilateremos os con-
» fins da Patria, firmaremos livre o
» nosso Reino, os nossos nomes voa-
» ráõ cheios de gloria pelos ambitos
» da Eternidade. Nada mais vos digo;
» porque naõ pareça, que animando-
» vos para a batalha, me esqueço de
» que somos Portuguezes. »

O ecco destas vozes foi o ruido universal de Chéfes, e soldados, que movidos do mesmo espirito, clamavaõ ao seu Principe lhes permitisse declarallo Rei á face de todos antes de entrar na batalha: que a justiça assim o instava, elles o queriaõ, a occasiaõ de tanto empenho o necessitava, já para honra dos Lusitanos em tantas idades escravos, já para terror dos Mouros havia quatro seculos dominantes. Naõ podia repugnar D. Affonso á observancia da ordem, que antes recebêra do Rei dos Reis; e dado o sinal do consentimento, as tropas, vibrando as lanças, cortando o ar com as espadas, atroando os ares com os clarins, fazem soar por todo

o

o horisonte as vozes : Real, Real, por D. Affonso Rei de Portugal. Os Mouros, que ouviaõ o estrondo, e ignoravaõ o motivo, furiosos de que na sua presença, em tal lance, tivessem taõ poucos homens lingua para fallar palavras de alvoroço, que indicavaõ esperanças de vencer; a passo largo nos acommettem, e começa a memoravel acçaõ da formosa jornada de Ourique.

Cobrindo o Rei a vanguarda, he o primeiro, que rompe a batalha, e ao bravo Rei de Sylves, que o busca, com o primeiro bote de lança o deita em terra morto. Já a vozeria dos Barbaros, o estrondo dos instrumentos, os gemidos dos agonizantes he horror, he confusaõ, he espanto. Saltaõ pelo campo as cabeças sem sentido, as pernas, e braços sem dono; humas entranhas fervem, outras palpitaõ: perde a côr o campo; largo tempo, nadando em sangue, nenhum dos esquadrões perde terreno. O Rei, que se achava nos lugares de maior perigo, para que aquelles, que naõ pode-

deſſem animar-ſe ouvindo-o, o imitaſſem vendo-o: Ordena ao Alferes Garcia Mendes, que rompa a vanguarda dos inimigos, e arvore o Eſtandarte Real no meio delles. Aqui ſe reveſte a corage dos eſpiritos do furor. O Rei ſegue ao Alferes, e ſuperior a ſi meſmo, fulminando a eſpada como raio para todos os lados, quem alcança o primeiro golpe, eſcuſa ſegundo. D. Pedro Paes, D. Diogo Gonçalves Valente, D. Lourenço Viegas, Mem Moniz, e Martim Moniz, vendo o ſeu Rei mettido em tanto empenho, ſe avançaõ á refrega como leões, e obraõ tantas maravilhas, que os Mouros os olhaõ com eſpanto, os noſſos com reſpeito.

Era vulg.

Diogo Gonçalves, que ao lado do Rei obrava aſſombros, cahio carregado do pezo das ſuas meſmas façanhas. Hum Mouro ſe lança a cortar-lhe a cabeça; mas ſeu cunhado Fernaõ Mendes de Bragança o atraveſſa, degola outros, toma hum cavallo, e ſalva do perigo o fatigado Herói com

Era vulg. com este soccorro. Elle, que recobra os espiritos, volta á escaramuça, e coroado de novas gentilezas, deixa a vida nas mãos do cansaço. Dos muitos casos de taõ plausivel dia he panegyrista o discurso, já que o tempo nos roubou as memorias, os maiores applausos o descuido. Na confusaõ dos golpes, o seu pezo fazia dobrar a vanguarda inimiga, aonde o Rei, coberto de pó, e de sangue, banhado o rosto em suor escuro, com aspecto aos Barbaros terrivel, aos nossos grato; verificava na superioridade mais que humana o conforto Divino, que o movia. Tudo se rende aos seus pés; mas o retrocesso dos Barbaros ainda naõ he final da victoria; que a multidaõ a cada passo lhe poem tropeços, e de huma cabeça cortada se reproduzem muitas. Para reparar a confusaõ, antes que fosse quebra, Ismar acode com todas as forças, e rodeado o nosso campo, naõ ha braço ocioso; todos saõ representantes, e naõ fica hum só para expectador de Scena taõ vistosa.

Os

Os noſſos lados, e retaguarda redobraõ a furia do combate, que aviva a elegancia com as proezas de Gonçalo Mendes da Maya o Lidador, e mais Fidalgos, que o ſeguem. Já ſe-naõ diſtinguem Capitães de ſubalternos; cada ſoldado he hum Chéfe; elle ſe dá as ordens, e as executa. Dura com eſte horror a batalha, e ſendo meio dia, a victoria naõ ſe declára. Entaõ o Rei, que pode ver a embaraçava hum eſquadraõ intrepido da guarda de Iſmar, que cobria ſeu ſobrinho o deſtemido Homar Atagor; elle o inveſte, na meſma marcha o rompe, degolla o alentado Homar, os Mouros ſe deſordenaõ, e elle clama victoria. A voz, e exemplo do Principe corre de tropel a ſua gente ſobre os derramados, que levaõ na vanguarda a Iſmar já fugitivo, e por toda a parte os noſſos vaõ encontrando rendidos, naõ contrarios; deſpojos do medo, naõ inimigos com valor. Depois de ſeis horas de batalha, os braços naõ perdêraõ as forças para cortar cabeças. No reciuto de tres

Era vulg.

le-

Era vulg. leguas naõ se pizavaõ mais que cadaveres, e as ribeiras de Cobres, e Terges corrêraõ sangue, que impellido da chuva, que sobreveio, tingio as aguas do Guadiana, aonde aquellas ribeiras se recolhem. A cima de 200ф se suppoem os mortos; mas contemplo aos nossos poucos, e naõ ociosos para fazerem esta denumeraçaõ monstruosa com tanto vagar, que naõ errassem na conta. Da nossa parte faltaraõ alguns Fidalgos, entre elles Martim Moniz, senaõ he o mesmo, que morreo depois na tomada de Lisboa; e outros bravos soldados, que honráraõ a Deos com o sangue, a Patria com a victoria.

Affonso, igualmente circunspecto, que destemido, vendo a grande mortandade, o terror dos Mouros, a sua fugida precipitada, os seus empenhados no alcance, que poderia ser origem de alguma desordem na trópa cançada com tantas horas de combate: Faz tocar a recolher, para que no campo se congratulem da victoria em abraços mutuos os amigos, que tive-

verao mãos para esmagar debaixo dos golpes aos contrarios. Tres dias celebrou o exercito no mesmo arraial o seu triunfo com louvores perenes ao grande Deos das Batalhas: recolheo despojos immensos, que deixárao a Pátria rica, os soldados contentes: fez muitos prisioneiros, que andavao pelos bosques errantes, e desmandados, para ser mais apparatosa a sua entrada triunfal em Coimbra, que recolheo em si a gloria de huma das vantagens mais sublimes em armas, que foi vista no mundo em muitas idades. No dia da Assumpçao da Senhora entrou o exercito vencedor nesta Capital; assistio aos Officios Divinos, que celebrou o seu Bispo D. Bernardo, e em huma eloquente Homilia, que recitou o Arcebispo de Braga D. Joao, ouvio o primeiro pregao sagrado do seu valor, na origem, e no applauso gravado em Fastos Divinos.

Em vulg.

Nao se lembrou mais a nossa magnanimidade, ou a nossa incuria de honrar o lugar, aonde se obrára a chéfe-acçao, em que os Portuguezes ele-

Esp. vulg. elegêraõ Rei, formáraõ Reino, restituíraõ a liberdade, fizeraõ immortal o seu nome. Padrões, Obelyscos, Monumentos, nada levantamos nos áridos desertos do Campo de Ourique para marcarem á posteridade o sitio venturoso do maior milagre, que obrou o nosso espirito. Até ao tempo do Rei D. Sebastiaõ, que honrou com a sua presença aquelles valles, apenas se viaõ as paredes arruinadas da Ermida do veneravel Velho, que da parte de Deos veio fallar a D. Affonso na noite antes da batalha. Nem esta memoria de successos taõ eminentes os nossos antigos quizeraõ conservar inteira. Porque assim a vio, D. Sebastiaõ se lastimou, e mandou levantar sobre as ruinas illustres hum Templo, que hoje he a Igreja Parrochial da Villa de Crasto-Verde, e nelle hum arco, aonde fez esculpir esta Inscripçaõ, que compôz o nosso Resende: Aqui neste Campo, estando para peleijar o Rei Ismar, e outros quatro Reis Mouros, que traziaõ exercito innumeravel, o venturoso Rei D. Af-

fon-

fonſo Henriques foi acclamado primeiro Rei dos Portuguezes, e animado por Chriſto noſſo Salvador, que lhe appareceo crucificado, a peleijar valeroſamente. Com pouca gente fez tanta deſtruiçaõ nos inimigos, que as correntes dos rios Cobres, e Terjes ſe accreſcentáraõ com o ſangue derramado. Porque huma proeza taõ memoravel, e eſtupenda naõ eſqueceſſe no lugar, aonde aconteceo, o Rei D. Sebaſtiaõ, primeiro do nome, que igualou o reſpeito do esforço militar ao deſejo, que teve de accreſcentar a gloria dos ſeus Antepaſſados, renovou a memoria della com eſte titulo, que mandou levantar.

Era vulg. I

Era vulg.

CAPITULO III.

Trata-se das Pessoas principaes, que se acharaõ na Batalha do Campo de Ourique: Prova-se a appariçaõ de Jesu Christo ao Rei D. Affonso, e se escreve a formaçaõ das Armas do Reino.

NA Aula militar do grande Conde D. Henrique se haviaõ disciplinado os espiritos intrepidos, que fizeraõ ostentaçaõ dos actos grandes do seu valor na sublime Escóla do herioco Rei D. Affonso Henriques. Ás nossas idades chegáraõ as memorias de alguns dos aguerridos Aventureiros, que o acompanháraõ na jornada de Ourique, entre os quaes saõ bem dignos da lembrança da Historia os tres irmãos Fernando, Rui, e Nuno Mendes de Bragança, que no dia do glorioso combate mostráraõ, que lhes circulava nas veias o Real sangue dos Reis de Armenia, por huma filha sua, que de Mendo Alaõ de Bargan-

ça

ça teve filho em Hespanha a D. Fernando Mendes o Velho. Deste Fidalgo, e de huma filha do Rei D. Affonso VI. nasceo Mem Fernandes, que casando com D. Sancha Viegas, filha de Egas Gosendez, foraõ os pais dos tres Heróes, que nas obras do seu valor na batalha déraõ as próvas mais constantes da sua alta qualidade. Era vulg.

Semelhantes heroicidades obráraõ o fidelissimo Ayo Egas Moniz, seus filhos Sueiro Viegas, Moço Viegas, e o Alferes Garcia Mendes. Alguns daõ este emprego a Pedro Paes; mas tendo Garcia tantas próvas a seu favor, naõ devemos privallo da gloria de ser elle hum dos primeiros instrumentos da victoria, quando acompanhado dos seus soldados, arvorou o Estandarte Real no centro da vanguarda inimiga, aonde foi o maior ardor da batalha, e o principio da derrota dos Mouros. Lourenço, Fernando, e Egas Mendes de Gundar, todos tres irmãos, desempenháraõ ser filhos do alentado Mem de Gundar, Capitaõ do Conde D. Henrique, e entre elles

o

Ega vulg. o Fernando o de companheiro inſeparavel do famoſo Gonçalo o Lidador. Eſte bravo, e ſeu ſobrinho Pedro Paes, depois Alferes do Rei, foraõ dous inſtrumentos glorioſos da victoria. O Lidador já neſte tempo eſtava cheio de merecimentos, por haver ſervido ao Rei D. Affonſo VI., ao Conde D. Henrique, ultimamente a ſeu filho, ſempre de modo, que cada huma das ſuas acções elle a obrava, como ſe foſſe a primeira para merecer, a ultima para ſe coroar. Semelhante applauſo nos merecem Diogo Gonçalves, filho de Gonçalo Oveques, Godinho, e Egas Fafes, filhos de Fafes Luz, Alferes do Conde D. Henrique, Payo Guterres, Martim Anaya, Gonçalo Dias o Cide, D. Fuas Roupinho, Fernaõ Pires, Martim Moniz, com os mais cabos, e ſoldados, aos quaes ſentimos naõ ſaber os nomes, aſſim como lhes qualificamos as obras, para deixarmos á poſteridade memoria illuſtre dos Fundadores da noſſa Monarquia.

Era vulg.

De Martim Moniz, e de Mem Moniz, que mandavaõ os lados do exercito, disse a maior parte dos nossos Escritores, que eraõ filhos do grande Egas Moniz; mas he certo, que todos se enganáraõ, assim porque nenhum delles usou do patronimico de Viegas, como porque estes Fidalgos procediaõ de familia muito differente, de que outros Authores déraõ noticia.

A appariçaõ de Jesu Christo na figura de Crucificado ao Rei D. Affonso na noite precedente á batalha, he hum ponto da nossa Historia, que tem levado as attenções da Critica mais delicada. Bem sei, que a Escritura de juramento do Rei, feita aos vinte e nove de Outubro de 1152, e descoberta no Cartorio de Alcobaça pelo Doutor Fr. Bernardo de Brito no anno de 1596, dá occasiaõ para se fazerem sobre ella varias reflexões. A primeira he, que hum Monumento desta importancia estivesse guardado no Archivo de huma Communidade de homens doutos o longo espaço de 444 annos, que

Era vulg. correm do de 1152, em que elle foi lavrado, até o de 1596, em que o descobríraõ, sem que em tanto tempo houvesse hum Monge applicado, que precedesse a Brito no invento. A segunda he, que todas as firmas da Escritura saõ de huma mesma letra, que fornece hum indicio vehemente de ser a obra supposta, fabricada ao arbitrio dos interessados na gloria da Naçaõ. Porém antes que eu trate da fé deste pergaminho, em quanto á appariçaõ devo dizer, que ella tem a seu favor a tradiçaõ constante desde a idade do Rei D. Affonso até a presente sem dúvida, nem hesitaçaõ de Portuguez algum, que todos de pais a filhos recebemos esta noticia, revestida do caracter de certeza, como deixo dito.

Depois as nossas Chronicas, e muitas Historias estrangeiras compostas antes, e depois do apparecimento, ou achado do pergaminho, confirmaõ a fé da tradiçaõ. Entre os nossos diz Duarte Galvaõ na Chronica do Rei D. Affonso: Que meia hora ante ma-

nhã

nhã se tocára a campainha, que o Ermitaõ dissera: que o Principe sahíra da sua Tenda, como elle mesmo affirmára, e déra noticia na sua historia, e que vira ao Senhor na Cruz, na fórma que o Ermitaõ lhe promettêra: Que pelas cousas do dito Rei andarem por culpa dos tempos em mui desfallecida lembrança de escritura, quiz Deos, segundo parece, que ficassem algumas em confirmada fama. Manoel de Faria e Sousa diz com a sua costumada elegancia: « Rompia el alva, » quando oida la señal, salió de su Pa» vellon armado, y a la parte del » Oriente le llevò la vista un rayo, » que con claridad notable se estendia » por el aire; multiplicando-se nubes » de resplandores, y abiertas le mos» traron colocado en un Throno de » Angeles a Christo crucificado, ani» mandole con fuerzas para vencer » tantos Barbaros, y con Insignia pa» ra su Reino. Favor bien acreditado » con tradiciones, escritos autenticos, » y Authores estrangeros. »

Era vulg.

Era vulg.

Antes que pondere as razões, que fazem crivel a verdade do citado pergaminho, que entre todos os Documentos he o mais cathegorico, e decisivo, exponho a substancia delle, e a sua figura. He formado de letra antiga já gastada da diuturnidade, e corrupçaõ dos tempos, com o sello do Rei D. Affonso, e outros quatro de cera vermelha, pendentes de fios de seda da mesma cor. Nelle diz, e jura o Rei diante dos Bispos de Braga, e Coimbra, de S. Theotonio, e dos Grandes da sua Corte: Que elle víra com seus olhos indignos a Jesu Christo estendido na Cruz por esta fórma: Que estando com seu exercito no Campo de Ourique para dar batalha a Ismar, e outros quatro Reis Mouros, que mandavaõ infinitos milhares de homens; a sua gente attribulada, afflicta, arguindo o empenho por temerario: elle enfadado do que ouvia, começára a cuidar no que havia resolver: Que como tivesse na sua Tenda hum Livro, que continha os dous Testamentos, lêra nelle a victoria de

Ge-

Gedeaõ, e dissera entre si: Bem sabeis, Senhor Jesu Christo, que por amor vosso emprehendi esta guerra contra vossos adversarios; em vossa maõ está dar-me, e aos meus fortaleza para vencermos estes blasfemadores do vosso Nome:

Era vulg.

Que ditas estas palavras adormecêra sobre o livro, e começára a sonhar, que via hum homem velho, que lhe dizia: Affonso, tem confiança, vencerás, destruirás estes Reis Infieis, desfarás sua potencia, o Senhor se te mostrará: Que estando nesta visaõ, chegára Joaõ Fernandes de Sousa seu Camareiro, dizendo: Acordai, Senhor, que está aqui hum homem velho, que vos quer fallar: Que elle lhe respondêra: Entre se he Christaõ: Que tanto que entrou conheceo ser o mesmo, que víra no sonho, e lhe dissera tivesse coraçaõ: que venceria, e naõ sería vencido: que era amado do Senhor, que sem dúvida pôz sobre elle, e sobre sua geraçaõ depois delle os olhos da sua misericordia até a décima sexta descendencia, na qual se

di-

Era vulg. diminuiria a succeſſaõ ; mas que nella aſſim diminuida , Elle a tornaria a olhar , e a veria : Que o meſmo Senhor lhe mandava dizer, que quando ouviſſe à campainha da ſua Ermida, na qual vivia havia 66 annos guardado no meio dos Infieis com o favor do Todo Poderoſo , ſahiſſe fóra do Real ſem criado algum para lhe moſtrar a ſua grande piedade : Que elle obedecêra, e proſtrado em terra com muita reverencia , venerára o Embaixador , e quem o mandava : Que poſto em oraçaõ aguardando o ſom , na ſegunda vigia da noite ouvíra a campainha, e armado com eſpada , e rodela ſahíra fora dos Reaes :

Que ſubitamente vira da parte direita contra o Naſcente hum raio brilhante , que clarificando-ſe pouco a pouco, ſe fazia maior, e que pondo os olhos naquella parte , de repente víra no meſmo raio o final da Cruz mais reſplandecente que o Sol , e a Jeſu Chriſto fixado nella ; de huma, e outra parte grande cópia de Mancebos luminoſos , que cria ſerem os Santos

tos Anjos: Que vendo esta visaõ, depozéra o escudo, a espada, os vestidos, os çapatos, e lançado de peitos em terra começou a rogar por seus vassallos sem algum temor: A que fim me appareceis, Senhor? Quereis por ventura accrescentar a Fé a quem tem tanta? Melhor he vos vejaõ os inimigos, e creiaõ em vós; que eu, que desde o Bautismo vos conheci por Filho de Deos, e da Virgem, assim vos conheço agora: Que a Cruz maravilhosa estava dez covados levantada da terra, e que o Senhor fallando de hum tom suave, lhe dissera: Naõ te appareci deste modo para accrescentar tua Fé; mas para fortalecer teu coraçaõ neste conflicto, e fundar os principios do teu Reino sobre pedra firme: Confia, Affonso, porque naõ só vencerás esta batalha, mas todas as outras, em que peleijares contra os inimigos da minha Cruz: Tua gente acharás alegre, esforçada para a peleija, e te pedirá, que entres na batalha com titulo de Rei: Naõ ponhas dúvida; quanto te pedirem conce-

Era vulg.

Era vulg. cede ; que Eu ſou o Fundador , e Deſtruidor dos Reinos , e dos Imperios ; e quero em ti , e teus deſcendentes fundar hum Imperio para mim, por cujo meio o meu Nome ſeja levado ás Nações eſtranhas: Para que teus deſcendentes conheçaõ quem lhes dá o Reino , comporás o Eſcudo de tuas Armas do preço com que Eu remi o Genero Humano , daquelle por que Eu foi comprado pelos Judeos , e ſer-meha Reino ſantificado , puro na Fé , amado por minha piedade :

Que tanto que elle ouvíra eſtas couſas , proſtrado em terra o adorára , e diſſera: Por que merecimentos , Senhor , me moſtrais taõ grande miſericordia ? Ponde voſſos olhos benignos nos Succeſſores , que me prometteis , guardai , e ſalvai a gente Portugueza : Se acontecer , que tenhais contra ella aparelhado algum caſtigo , executai-o antes èm mim , e em meus deſcendentes , e livrai eſte Povo, que amo como unico filho: Que conſentindo niſto o Senhor , diſſe: Nunca ſe apartará delles , nem de ti a minha mi-

misericordia; porque tenho por elles aparelhado grandes searas, e os escolhi para meus segadores em terras muito remotas: Que ditas estas palavras, desappareceo, e elle cheio de confiança, e suavidade se tornára para o seu Real: Que por passar tudo na verdade, elle o jurava aos Santos Evangelhos de Jesu Christo tocados com suas mãos, e mandava a seus Descendentes, que para sempre succederem, que em honra da Cruz, e cinco Chagas de Jesu Christo trouxessem em seu Escudo cinco escudos partidos em Cruz, e em cada hum delles os trinta dinheiros, e por Timbre a Serpente de Moysés, por ser figura de Christo; e que este fosse o Trofeo da sua Geraçaõ: Que se alguem intentasse o contrario, fosse maldito do Senhor, e atormentado no Inferno com Judas traidor: Feita a Carta em Coimbra aos 29 de Outubro do Anno de Christo 1152, e firmada: Eu el Rei D. Affonso: Joaõ Metropolitano Bracarense: Joaõ Bispo de Coimbra: Theotonio Prior: Fernaõ Peres Védor da Ca-

Era vulg.

Era vulg. Casa: Vasco Sanches: Affonso Mendes Governador de Lisboa: Gonçalo de Sousa Procurador de Entre-Douro e Minho: Payo Mendes Procurador de Viseo: Sueiro Martins Procurador de Coimbra: Mem Peres o escreveo por Mestre Alberto Cancellario de el Rei.

Este he o famoso Monumento, que animando a tradição, prova sem disputa a Apparição de Jesu Christo ao Rei D. Affonso antes da batalha. Ás duvidas, que se lhe oppoem, respondo em quanto á primeira, que em nada derrota a verdadeira fé da Escritura conservar-se ella 444 annos no Archivo de Alcobaça, sem que no decurso de quatro seculos, e meio houvesse algum espirito curioso, que a descobrisse. Qual de nós ignora a pouca applicação dos genios Portuguezes naquelles seculos escuros para a indagação dos Monumentos veneraveis da antiguidade? Nelles se occupavaõ os soldados em obrar maravilhas, sem se embaraçarem em animar os Fastos. Os Escritores da Historia mais

se

ſe ſerviaõ da tradiçaõ, que dos documentos para toda a qualidade de próvas. Os Eccleſiaſticos, que naõ ſe contentavaõ com ſaber ler pelos ſeus Breviarios, faziaõ todo o eſtudo na Eſcritura, e obras dos Padres, que unicamente entendiaõ proprios das ſuas profiſsões. A eſpeculaçaõ da Theologia, eſpecialmente da Myſtica, formava todo o plano das ſuas idéas. Por iſſo, naõ ſó a citada Carta; mas outras muitas Eſcrituras reſpeitaveis, bem póde ſer, que ellas paſſaſſem pelas ſuas mãos picando-as, como abrolhos; as ſuas letras antigas pelas viſtas ferindo-as, como eſpectros. Naõ era deſte caracter o memoravel antiquario o Doutor Fr. Bernardo de Brito; e como elle examinou o ſeu Cartorio de Alcobaça com olhos de ver, foi-lhe facil achar.

Era vulg.

A ſegunda dúvida de ſerem da meſma letra as firmas da Eſcritura, que a denunciaõ ſuppoſta, iſſo ſó tem lugar na imaginaçaõ dos ignorantes do coſtume daquellas idades. Entaõ os confirmadores, e teſtemunhas das

Car-

Era vulg. Cartas, naõ punhaõ nellas individualmente as ſuas firmas; mas hum ſó declarava por todos quem eraõ as teſtemunhas, e confirmadores nas ditas Cartas. Deſta verdade ſaõ próva os noſſos pergaminhos originaes, e eſpecialmente aquelles em que ſe nomeaõ as Cathedraes, que eſtavaõ vagas, as quaes he evidente, que naõ lançavaõ eſtas firmas. O certo he, que quando Fr. Bernardo de Brito deſcobrio a Eſcritura, que foi no anno de 1596, quando reinava em Portugal Filippe II. que ainda depois viveo dous annos: o Abbade de Alcobaça, que entaõ era Fr. Lourenço do Eſpirito Santo, homem de grandes virtudes, e talentos, elle a trouxe á Corte de Lisboa, e a apreſentou aos Miniſtros do Governo, que a julgáraõ por verdadeira, e fiel. Naõ contente com eſta approvaçaõ, o meſmo Geral a levou a Madrid, e a offereceo ao Rei Filippe, que depois de a mandar examinar pela critica mais ſevéra, e judicioſa, de todos foi venerada, e elle a eſtimou por antiguidade taõ reſpeitoſa,

quan-

quanto era ſublime o objecto, que el- Era vulg.
la marcava conſtante, indubitavel, digno de toda a fé humana.

Outra conſequencia da verdadeira Appariçaõ de Jeſu Chriſto ao Rei D. Affonſo ſaõ as Armas do Reino, que o meſmo ſenhor lhe mandou formar para Diviza, de que o Imperio era ſeu. Do tempo do Conde D. Henrique até ao da batalha, as Armas Reaes eraõ no Eſcudo huma Cruz potente. Depois della o Rei D. Affonſo, na forma do preceito Divino, diſpôz o ſeu Eſcudo com as cinco Quinas, ou Chagas, poſtas em Cruz, e em cada Quina os trinta dinheiros. Porque eſte numero naõ cabia em ſitio taõ curto, foi reformado o Brazaõ, e mettidos em cada Quina cinco dinheiros, contados duas vezes os da Quina do meio, para fazerem o número dos trinta; e por timbre a Serpente de Moyſés, figura de Jeſu Chriſto. D. Affonſo III. que veio a ſer ſenhor do Reino do Algarve, accreſcentou por eſta razaõ no Eſcudo huma orla de dez Caſtellos de ouro em

pur-

Era vulg. purpura ; mas D. Sancho I. quando principiou a conquista do mesmo Reino, já nelle tinha mettido os Castellos, que o Rei D. Joaõ II. reduzio a sete.

As nossas Armas Reaes da sórte que hoje se usaõ, saõ em campo de prata cinco Quinas de azul formadas em Cruz. Cada huma dellas he carregada de cinco bezantes de prata postos em aspa, com huma orla de purpura carregada de sete Castellos de ouro. Sobre o Escudo hum Elmo de ouro todo aberto, posto em frente guarnecido com penachos do esmalte do Brazaõ, e sobre elle, huma Coroa Real. O Escudo, cercado com os collares das tres Ordens Militares, o da de Christo pendente no baixo delle a Cruz, sustentado por dous Anjos, e nelle gravadas as Armas do Reino. Sobre a Coroa Real está o Timbre, que he a Serpente; a Divisa: *In hoc signo vinces*, e por baixo o Grito de Guerra: *S. Jorge.* Deste brilhante Escudo, que naõ foi logo composto immediatamente depois da bata-

lha

lha de Ourique, mas quando deo opportunidade o tempo, he augusta, e verdadeira origem a Appariçaõ, e preceito de Jesu Christo feito, e imposto ao Rei D. Affonso, naõ em alusaõ aos cinco Reis Mouros vencidos, como pensáraõ Mariana, e outros taes emulos como elle das glorias de Portugal, que tem huma Instituiçaõ Divina. Era vulg.

CAPITULO IV.

Continua-se com os successos da vida do Rei D. Affonso Henriques.

A GLORIOSA victoria do Campo de Ourique, que a acclamaçaõ de D. Affonso para Rei, o credito das nossas armas, parece que foraõ estimulos picantes em D. Affonso, Rei de Leaõ, para renovar contra seu primo o de Portugal as pertenções á successaõ do Reino. Ainda elle em Coimbra naõ despira as armas, e já o chamava esta nova guerra. Mais vingativo, que soldado, entrou o Leonez em Portu- 1140

gal

Era vulg. gal com grandes forças, què quiz representar maiores no terror dos estragos. O nosso D. Affonso, que nas Escólas da humildade tinha aprendido a naõ soffrer arrogancia, nas do heroismo a naõ tolerar atrevimentos: Ataca, derrota, faz prisioneiro ao Conde D. Ramiro de Flores, e detem o passo ao Rei de Leaõ; toma-lhe conta do que acabava de obrar nas suas terras, e em segundo glorioso combate, prende a seu irmaõ D. Fernando Furtado, ao consul Poncio-Cabreira, a Bermudo Peres, a outros muitos Fidalgos, e obriga a sua soberba a valer-se do Arcebispo de Braga, para que lhe conceda a paz. Ella se ajustou com tanta igualdade de ambas as partes em substancia, e accidentes, que bem denotava ser negociaçaõ entre Reis livres, sem idéas, nem imaginaçoẽs de superioridade do Leonez para com o nosso Soberano, que se via Rei reconhecido pelos seus Póvos, sem mais dependencia, que a de Deos.

Ser-

Servio esta discordia entre Christãos de grave prejuiso aos negocios da Religiaõ, e de grande felicidade aos interesses, e vantagens dos Barbaros. Com ella recobrou alentos o desfalecido Rei Ismar, que approveitando a diversaõ, cahio sobre a Praça de Leiria, que por falta de soccorro se rendeo ás suas armas depois de morta a maior parte da sua guarniçaõ, e de roto em feridas o seu gentil Capitaõ Payo Guterres. Toda a Estremadura sentio os damnos causados por hum contrario colerico, e vingativo, que atacava a Naçaõ com dous odios. Feita a paz com os Leonezes, e ferrando a barra do Porto huma esquadra de 70 náos Francezas, que navegavaõ para a guerra Santa da Palestina; o Rei com estes hospedes, naõ só determinou castigar nos Mouros a confiança; mas tirar do seu poder a Cidade de Lisboa, que já principiava a levar-lhe as attenções. Na ida, ou na volta desta jornada, elle recobrou Leiria; e ainda que entaõ naõ pode lograr o primeiro projecto, deixou ar-

Era vulg.

Era vulg.

rasados os arrabaldes da Cidade, e toda a Estremadura tremendo ao esforço dos seus pezados golpes.

Depois de tantos triunfos, vendo D. Affonso, que por ordem expressa de Deos, os vassallos com eleicaõ livre o haviaõ acclamado Rei de Portugal, determina dar ao titulo a ultima demonstraçaõ sensivel, e obsequiosa; pedindo delle confirmaçaõ ao Successor do Apostolo S. Pedro o Papa Innocencio II. por huma Carta feita em Dezembro de 1142, em que lhe dizia: Que elle, conhecendo, que Jesu Christo havia entregue as Chaves do Ceo a S. Pedro, determinára tomar ao Santo Apostolo por seu Advogado para com Deos para merecer o seu favor: Que por isso offerecia a sua terra ao mesmo Apostolo, e á Santa Igreja de Roma com censo, e tributo annual de quatro onças de ouro. Respondeo o Papa a esta Carta com ternura paternal, asseguranado-lhe: Que o recebia na protecçaõ do Santo Apostolo, e da Igreja Santa, que o confirmava em Rei de Portugal

com

com a honra, e dignidade dos mais Reis, e que ao Arcebiſpo de Braga dava poder para cada anno cobrar o tributo, que remetteria á Santa Sé Apoſtolica. Pagou D. Affonſo Henriques em ſua vida eſte voluntario cenſo, que todo era esforço da piedade, nada inducçaõ obrigatoria de hum Reino, que naõ era Feudo, nem dependencia da Igreja para ſer eſtimado forçoſamente tributario. Seu filho o Rei D. Sancho parece ſe occupou deſta idéa, e ſe eſcuſou ao pagamento, que depois ſatisfez alguns annos D. Affonſo III. por piedoſo, ou por dependente; mas depois da ſua morte já mais os Portuguezes reconhecêraõ tal tributo, nem os Papas ſe cançáraõ em o pedir.

Era vulg.

1143

Tendo o Rei dado eſte paſſo edificante; a que ajuntou outro bem conforme na ſugeiçaõ, que fez da Monarquia á Santa Virgem de Claraval; reconhecimento, que teve a duraçaõ do primeiro: Reſolveo-ſe a convocar Cortes em Lamego para eſtabelecer as Leis fundamentaes do Reino, que

Era vulg.

com os maiores esforços tem impugnado os nossos emulos. Nellas foi determinado: Que reinasse sobre Portugal o Senhor Rei D. Affonso, e a sua Successaõ Varonil, segundo a ordem do nascimento, com preferencia dos mais velhos aos mais moços: Que morto o Rei sem descendencia, lhe podesse succeder seu Irmaõ, que seria Rei em sua vida sómente; porque para reinarem os seus filhos, primeiro seriaõ eleitos pelos Bispos, e pelos Estados, e de outra sórte naõ reinariaõ: Que perguntando Lourenço Viegas da parte do Rei aos Bispos, e mais senhores se queriaõ, que as Filhas entrassem na successaõ da Coroa, sobre que elle desejava se fizesse huma Lei: os Bispos, e Senhores, depois de huma contestaçaõ longa, assentáraõ, que as Filhas do Senhor Rei reinassem; mas desta maneira:

Que naõ tendo o Rei de Portugal Varaõ, e tendo Filha, ella seja Rainha depois da morte de seu Pai, com tanto porém, que ella se case com hum Senhor Portuguez, o qual

naõ

naõ usará do nome de Rei, senaõ depois de ter da Rainha filho macho; e que quando elle acompanhar a Rainha, sempre irá ao seu lado esquerdo, e nunca cingirá a Coroa: Que esta Lei se observe sempre, e a Filha mais velha do Rei naõ tenha marido, que naõ seja hum Senhor Portuguez, para que naõ succeda, que Principes Estranhos sejaõ Senhores do Reino: Que se succedesse a Filha mais velha do Rei casar com Senhor Estrangeiro, com Principe de outra Naçaõ; ella naõ seria reconhecida Rainha; porque elles naõ queriaõ, que os seus Póvos fossem obrigados a obedecer a hum Rei, que naõ nascesse Portuguez; sendo elles os seus subditos, os seus compatriotas, que sem outro soccorro mais, que o do seu valor, e a expensas do seu sangue elegêraõ o Rei: Que estas eraõ as Leis respectivas á successaõ da Coroa de Portugal, que Alberto, Cancellario do Senhor Rei, leo em alta voz: os Póvos as applaudíraõ, e respondêraõ: Ellas saõ boas, saõ justas, e protestáraõ

Era vulg.

Era vulg. raõ naõ queriaõ outras, fosse para si, ou para os seus descendentes, que como elles as observariaõ para sempre:

Que Lourenço Viegas disse aos Pòvos, que o Senhor Rei perguntava, se queriaõ elles, que tambem se fizessem Leis respectivas á Nobreza, e á Justiça: Que elles respondêraõ, que consentiaõ, em que se fizessem, com tanto que ellas fossem conformes ás Leis Divinas, e saõ as seguintes: Que todos os que saõ do sangue Real, elles, e seus descendentes sejaõ reconhecidos Principes: Os Portuguezes, que houverem combatido pela Pessoa do Rei, por seu Filho, por seu Genro, em defensa do Estandarte Real, sejaõ Nobres; mas que os descendentes dos Mouros, os filhos dos Judeos, nem dos Infieis, naõ possaõ aspirar á Nobreza: se hum Portuguez for feito prisioneiro de guerra pelos Barbaros, e morrer no cativeiro sem haver renunciado a santidade do seu Bautismo, nem a da sua Religiaõ, os seus filhos sejaõ nobres: Aquelle que matar hum Rei inimigo, ou seu filho, ou

Era vulg.

ou que ganhar o ſeu Eſtandarte Real, ſerá reconhecido por nobre : A antiga Nobreza ſerá ſempre eſtimada como tal, e aquelles que tomáraõ armas pelo noſſo ſerviço no famoſo dia da Batalha de Ourique, ſeráõ nobres, e nomeados os Noſſos antigos vaſſallos : Se hum nobre for taõ fraco, que fuja no tempo, em que deve combater; ſe ferir huma mulher com eſpada, ou lança; ſenaõ expozer a ſua vida pela liberdade da Peſſoa do Rei, pela do Principe ſeu filho, pela defenſa do Eſtandarte Real; ſe for convencido de perjuro, e de haver occultado ao Rei a verdade das couſas, que elle quizer ſaber; ſe fallar mal da Rainha, ou das ſuas filhas; ſe abandonar o ſerviço do Rei para tomar partido no dos Mouros; ſe furtar, e blasfemar do Santo Nome de Deos; em fim, ſe attentar contra a Peſſoa do Rei, eſte homem nobre ſerá degradado de todo o caracter de nobreza, e toda a ſua poſteridade:

Que ſendo eſtas as Leis concernentes á Nobreza, Alberto, Cancela-

Era vulg. lario do Senhor Rei, as leo em alta voz: Que os Póvos as applaudíraõ, respondêraõ, que eſtavaõ boas, eraõ juſtas, e affirmáraõ naõ queriaõ outras, tanto para elles, como para os ſeus deſcendentes, que como elles ſempre as obſervariaõ inviolavelmente: Que os naturaes do Reino obedeceriaõ ao Rei, ás ſuas Ordenanças, aos Alcaides dos Lugares poſtos por elle para julgarem ſegundo as Leis de equidade, que feriaõ executadas, e os vaſſallos obrigados a ſubmetter-ſe-lhes: Que o reo convencido de furto, pela primeira, e ſegunda vez ſeria poſto em público meio nu á vergonha; mas ſe reincediſſe, o marcariaõ na teſta com hum ferro quente; ſe continuaſſe a furtar, ſe lhe formaria proceſſo, e ſe foſſe condemnado á morte, os Juizes naõ executariaõ a Sentença ſem ordem expreſſa do Rei: que ſe huma mulher caſada cometteſſe adulterio, e o marido com boas próvas a chamaſſe a Juiſo, e delle ao Senhor Rei, ambos os adulteros feraõ condemnados a morrer no fogo; mas que ſe o mari-

rido naõ quizesse, que fosse queimada, entaõ naõ se queimasse o complice; porque naõ era justiça morrer hum reo, e outro naõ: Que qualquer homicida, seja quem for, tivesse pena de morte, como tambem aquelle, que violasse huma donzella, que ficaria senhora dos bens do violador, e ainda que fossem desiguaes, casassem ambos:

Era vulg.

Que se alguem tomasse por força a fazenda alheia, queixando-se o dono á Justiça, esta a faria restituir: Que aquelle que ferisse outro com ferro, páo, ou pedra, o Juiz lhe faria restituir o damno, e pagar dez maravedis: Que aquelle que fizesse injuria a Ministro de Justiça, ao Alcaide, ao Portador do Rei, ou ao Porteiro; se o ferir, lhe fizessem final com ferro quente; quando naõ, pague cincoenta maravedis, e que restituisse o damno: Que estas eraõ as Leis respectivas á Justiça, que Alberto, Cancellario do Senhor Rei, leo em alta voz: os Póvos as applaudíraõ, respondêraõ, que estavaõ boas, eraõ jus-

Era vulg. justas, e accrescentáraõ, que ellès naõ queriaõ outras, assim para elles, como para os seus descendentes, que como elles as observariaõ inviolavelmente.

Entaõ se levantou Lourenço Viegas que era o Procurador do Rei, e disse aos Póvos: Vós quereis, que o Senhor Rei vá as Assembléas do Rei de Leaõ; que lhe pague tributo, ou a outra pessoa estranha, naõ sendo o Senhor Papa, que lhe confirmou o titulo de Rei? A esta pergunta se levantaõ todos de repente puchando pelas espadas, e com ellas na maõ, dizem a vozes altas: Nós somos livres, o nosso Rei he livre como nós: nós devemos a nossa liberdade á nossa corage: Se o Rei consentir em fazer cousa semelhante, elle será indigno de viver, e ainda que Rei, naõ reine entre nós, nem sobre nós. A estas palavras o Rei, com a Coroa na cabeça, a espada nua na maõ, elle se levanta, e diz aos Póvos: Vós sabeis os perigos a que eu me tenho exposto, os lances a que me tenho arroja-

do

do para vos procurar eſta liberdade, Era vulg.
que de preſente gozais no meu Reino.
Eu vos tomo por teſtemunhas, como
tal me ſirva eſta eſpada, que Eu cin-
jo, para vos ſuſtentar, para vos de-
fender. Bem dizeis, que qualquer
Rei, que conſentir em huma acçaõ
indigna do ſeu caracter, elle naõ me-
rece viver. Meu filho, ou meu neto,
que elle foſſe, deſde já Eu os decla-
ro incapazes de reinar, indignos de
me ſucceder, eſtranhos ao Throno,
que Eu occupo. Com applauſos, e
acclamações geraes dos Póvos, a eſtas
ultimas palavras do Rei, ſe houveraõ
por celebradas as Cortes; feitas, e
confirmadas as Leis fundamentaes da
Monarquia taõ diſputadas.

Tantos negocios importantes pa-
ra o eſtabelecimento, que ella neceſ-
ſitava, com o Eſtado, que entaõ naſ-
cia, naõ impediraõ, que o Rei em
cada hum dos annos paſſados fizeſſe
entradas nas terras dos Mouros, ain-
da que a inſenſatez dos ſeculos nos
roubou a memoria das acções, que
nellas ſe obráraõ. Daqui em diante,
Por-

Fra vulg. Portugal renovado Reino, resuscitada a sua primitiva gloria, livre, e independente, entrou a mostrar idéas de Conquistador, já olhando a defensiva por impropria ao seu caracter. Principiáraõ aquelles Portuguezes a animarse com os espiritos dos antigos Lusitanos, que naõ cabendo no recinto do seu terreno, buscavaõ campo espaçoso para dilatar os corações. Os

1144 seus estimulos se avivàraõ com a quebra, que os Cavalleiros do Templo tiveraõ junto a Soure, atacando hum exercito de Barbaros, que commandava Auferi, bravo Alcaide de Santarem. Muitos dos cavalleiros perdêraõ a vida, alguns a liberdade, e entre estes o Santo Varaõ Martinho seu Vigario, que o Ceo conduzia pelo caminho dos trabalhos.

1146 Nós ignoramos os successos destes annos até ao do casamento do Rei, que vendo-se senhor de hum Estado consideravel, para perpetuar a successaõ se recebeo com D. Mafalda, filha de Amadeo III. Conde de Saboia, e da Condeça Mafalda de Albon: Casa-

taõ

taõ illustre, que nella igualmente compete a sublimidade do sangue com a magnificencia da antiguidade. Deste *feliz* consorcio nascêraõ D. Henrique a 5 de Março de 1147 que naõ reinou: D. Sancho, que succedeo a seu Pai, nasceo em Coimbra a 11 de Novembro de 1154: D. Joaõ, que morreo minino: D. Urraca, que foi primeira mulher do Rei D. Fernando II. de Leaõ, com o qual casou no anno de 1160 separáraõ-se por parentes no de 1171: D. Mafalda, que esteve contratada pará casar com D. Affonso II. Rei de Aragaõ; mas naõ contraíraõ o matrimonio: D. Theresa, que os Estrangeiros chamaõ Mathilde, e casou com Filippe I. Conde de Flandres, em Agosto de 1148, e por morte de seu marido, succedida em 1190 casou segunda vez com Eudo III. Duque de Borgonha, em 1194, e foraõ separados por parentes em 1195. Ella falleceo a 6 de Maio de 1218, e jaz no Convento de Claraval na Capella dos Condes de Flandres: D. Sancha, que morreo sem estado.

Era vulg.

Fó-

Era vulg.

Fóra do matrimonio teve o Rei filhos a Fernando Affonſo, que ſe preſume foi Alferes de ſeu Pai depois da batalha de Badajóz, aonde morreo Pedro Paes, que até entaõ occupou aquelle cargo: a D. Pedro Affonſo, que teve muita amizade com o Padre S. Bernardo, e tanta devoçaõ á ſua Ordem, que dizem fora ſeu Monge no Moſteiro de Alcobaça: tambem ſe affirma fora ſeu filho D. Affonſo, que alguns confundem com o ſobredito D. Pedro, e paſſou á Paleſtina, aonde pelos ſeus merecimentos, e qualidade foi criado Graõ-Meſtre da Ordem militar do Hoſpital. Tambem daõ ao Rei duas filhas naturaes, que foraõ D. Thereſa, declarada pelo Conde D. Pedro mulher de Sancho Nunes Barboſa, da Caſa do Conde D. Nuno de Cela-Nova; e D. Urraca, que o meſmo Conde eſcreve caſára com D. Pedro Affonſo, neto de Egas Moniz.

O prazer do caſamento do Rei naõ lhe impedio o juſto pezar da morte do ſeu fideliſſimo Ayo, o illuſtre Fidalgo, que acabo de nomear, e neſ-

neſte anno paſſou a receber o premio dos ſeus catholicos merecimentos. Foi ſepultado no Moſteiro do Paço de *Souſa*, e no ſeu ſepulchro gravado eſte Epitaphio: Aqui deſcança o Servo de Deos, inclyto varaõ Egas Moniz, na éra de 1184. He o anno de Jeſu Chriſto 1146.

Era vulg.

Já neſtes annos o Rei ſe occupava dos penſamentos de conquiſtar Santarem; empreza, que ſe difficultava pela grandeza da Villa, pelo inexpugnavel do ſitio, e que ſe fazia importante para tirar do poder dos Barbaros hum freio ás noſſas expedições, e hum baluarte, que ſervia de mais ſegurança a Lisboa. Reſoluto a executar o que meditava, manda a Santarem, com pretexto de tratar negocios com o ſeu Alcaide Auſeri, a hum Fidalgo bem inſtruido na guerra, chamado Mem Ramires, para ſe informar do eſtado da Praça, e ver ſe tinha lugar para ſer levada por ſorpreza. Cumprio Ramires os ſeus deveres, e na volta aſſegurou ao Rei que a empreza podia conſeguir-ſe, e ſe offereceo para ſer

o

Era vulg. o primeiro, que arvoraſſe a bandeira Real nos muros de Santarem, como exactamente cumprio. Eſta informaçaõ tirou as dúvidas, e communicada a reſoluçaõ aos Capitães Lourenço Viegas, Pedro Paes, e Gonçalo de Souſa, o Rei eſcolhe 250 ſoldados intrepidos para o acompanharem na expediçaõ, a que pedia bem aguerridos muitos mil homens, hum cerco longo, esforços naõ vulgares.

1147 Com eſte campo volante ſahio o Rei de Coimbra para Alfafar, dahi a Dornelos, donde deſpedio a Martim Moab, para intimar a Auſeri, que naquelle dia eſpiravaõ as tregoas. Continuou a marcha em ſilencio até a Serra de Albardos, aonde o Rei, tratando com ſeu irmaõ D. Pedro a ardua empreza, em que o zelo da Fé, e o eſpirito do valor o mettiaõ; lembrou-lhes os milagres, que o ſervo de Deos Bernardo fazia em França; que ſe o invocaſſe com algum voto, tinha por certo havia alcançar de Deos o bom ſucceſſo das armas. Dizem, que entaõ promettêra o Rei fundar

pa-

para os ſeus Monges o Moſteiro de Alcobaça ſe tomaſſe a Villa, e dotallo com toda a terra, que dalli deſcobria até ao mar: que á meſma hora o Santo, que eſtava em França na Cidade de Langres, fizera levantar alguns dos Monges, que entaõ dormiaõ, e lhes ordenou, que ſem demora partiſſem para Portugal a tomar poſſe dos bens, que o ſeu Rei acabava de lhes doar por hum voto; evidencia bem ſenſivel da acceitaçaõ, que tinhaõ os rógos de D. Affonſo na preſença do acatamento Divino.

Era vulg.

Feito o voto, foi continuando a marcha até a Mata de Pernes, aonde raiou o dia; e mandando o Rei fazer alto aos ſeus Aventureiros, lhes declarou: Que elle vinha reſoluto a inveſtir Santarem com taõ poucos ſoldados, confiado em Deos, que naõ media proporções para conceder victorias; fiado nelles, que eſtimava, naõ por quantos; mas por quem eraõ. Aſſegura-lhes, que nos ſemblantes imperturbados, que lhes obſerva ao ouvir de repente a propoſta de hum

Era vulg. empenho, por demasiadamente sublime, nem ainda para pensado; elle lhes está lendo huma próva constante, de que vem mais a triunfar, que á combater. Protesta, que se tem experiencias longas de ser elle na sua companhia o primeiro nos perigos, agora o veraõ tanto mais inseparavel, quanto vem resoluto a ganhar, ou morrer em Santarem. A este conceito se comovêraõ os campeões impavidos, e ternos pela conservaçaõ do Rei, quanto ferozes por se lançarem já aos Barbaros: pedem-lhe eleja lugar seguro, aonde os veja obrar, separados delle com as almas taõ unidas, que naõ afrouxará o seu ardor sem triunfo completo, ou morte geral, qualquer dos lances glorioso, com tanto que viva, para os authorisar depois, hum por feliz, outro por honrado.

Naõ houve instancia efficaz, que despersuadisse o Rei dos seus intentos; circunspecto em emprehender, tenaz em desistir. Ordenou, que naquelles campos descançasse o dia a trópa occul-

culta, que na noite ſeguinte tinha de formar para a gloria de Portugal dias brilhantes. Quando ella eſcureceo, os noſſos continuárao a marcha á ſurdina, e chegados ao valle, que fica entre o monte Iria, e a fonte de Thamarma, mandou o Rei pôr pé em terra, formou hum eſquadrao, de que deo a vã-guarda ao pratico Mem Ramires para ſer o primeiro em ſobir, e arvorar no muro o Eſtandarte, como promettêra; elle cobrio a retaguarda, e ſem ſer ſentidos, chegárao a coſer-ſe com a muralha. Ainda nao tinhao ſobido mais que Ramires, e dous camaradas, quando deſpertárao os Mouros, que clamárao, como havia Chriſtãos na Praça. Ramires invoca Sant-Iago, começa a refrega, o Rei reſponde debaixo, como ecco: Sant-Iago, Virgem Maria, ſoccorrei os voſſos; aqui eſtá o voſſo Rei, nao eſcape hum ſó Barbaro das voſſas mãos. Entao a trópa dividida em dous córpos marchou aos deſtinos premeditados. Hum, que cobria o Rei, caminhou ſobre a direita para a par-

Era vulg.

te de Alphan : outro , mandado por Gonçalo Gonçalves , ſe moveo á eſquerda para occupar a entrada da rua Serecigo , e impedir aos Mouros apoderar-ſe da pórta de Thamarma.

Tinhaõ ſobido pelas eſcadas 25 bravos , que aproveitando-ſe da confuſaõ dos inimigos , pelo meio dos ſeus magotes eſpavoridos , e atonitos , com Ramires na ſua téſta , corrêraõ a romper a fechadura da pórta. Elles o conſeguíraõ intrepidos , e felices. Entrou o Rei o primeiro , e com os joelhos em terra , fixa no Ceo o coraçaõ , como hoſtia viva , racional obſequio , que offerece a Deos. Cheio de conforto Divino ſe levanta , tira pela eſpada , e como leaõ rugindo entra pela Praça fortiſſima , defendida da gente mais bellicoſa ; e com golpes a cada lado , deſoccupa as ruas , por onde paſſa. Os cadaveres ſaõ tropeços da marcha , a reſiſtencia deſeſperada o quer ſer da victoria ; mas o Rei mandando fazer as mortes indiſtintas , ſem differença de ſexo , e idade ; o horror dos gemidos , o tropel

da

da gente, o clamor das mulheres, e meninos, o eſcuro da noite cauſou hum eſpanto taõ geral, que o Alcaide Auſeri apenas teve acordo para fugir; nos mais até faltou para ſe ſentirem morrer. Amanheceo o fauſto dia, que preconiſára a noite com a viſta de huma Eſtrella de grandeza extraordinaria, que deſpedindo hum raio luminoſo, declinou para o mar; tambem preſagiado aos Mouros, que quando lhes foi intimado o rompimento da trégoa, víraõ voar pela regiaõ do Meio-Dia hum touro com azas de fogo, ſegundo dizem.

Era vulg.

Nelle ſentíraõ os Mouros o ſeu eſtrago eſpantoſo, o Rei a ſua felicidade incrivel, conſeguida em menos de huma hora no rendimento da Praça mais importante, que entaõ era hum dos antemuraes do Reino. Na meſma qualidade da acçaõ conheceo elle a evidencia do milagre, e entaõ começou a effectiva correſpondencia entre elle, e o Padre S. Bernardo, que dalli em diante lhe ſervio de ſoccorro bem efficaz com as ſuas ora-

çoes.

Era vulg. ções. O Alcaide Auſeri levou com tanta precipitaçaõ a retirada, que foi parar a Sevilha. O ſeu Rei eſtava na torre del Oro, quando aviſtou os Cavalleiros ao longe, e funeſtamente preſago diſſe para os ſeus, que entre elles vinha Auſeri: que ſe ao paſſar o rio elles deſſem de beber aos cavallos, Santarem eſtava perdida, ſe contiuaſſem a marcha com a meſma preſſa, o ſeu deſtino era pedir ſoccorro. Como o Rei viſſe, que ſuccedia a primeira parte do ſeu diſcurſo, retirouſe confuſo, ſem poder diſſimular o deſgoſto de huma perda, que lhe promettia conſequencias triſtes.

O tempo nos occultou os nomes, e as proezas dos 250 guerreiros, que acompanháraõ ao ſeu Rei em huma facçaõ de tanto eſtrondo. Se tiveſſemos Hiſtoriadores como Roma, e Grecia, ainda hoje os clarins da Fama animariaõ o ſeu pregaõ. Apenas a eſcuridade nos deixou memorias de Mem Ramires, de Lourenço Viegas, de Martim Moab, de Moigema, de Mem Moniz de Candarey, progenitor

dos

dos Machados, Senhores de Entre Homem, e Cavado, de Pedro Paes, dos Gonçalos de Soufa, e Gonçalves, efte que ignoramos fe foi o povoador de Soure, ou outro Capitaõ do mefmo nome: Heróes fublimes, aos quaes deve a Patria render hum reconhecimento refpeitofo em todas as idades.

Era vulg.

CAPITULO V.

De outras conquiftas do Rei D. Affonfo Henriques, efpecialmente a de Lisboa.

O RENDIMENTO de Santarem fez huma concuçaõ tal na Eftremadura, que tremêraõ todas as fuas Praças. O Rei, que queria affinalar-fe na conquifta de todas, quantas os Mouros poffuiaõ na Provincia, refolveo naõ differir mais tempo o fitio de Lisboa, como a mais importante para a fua gloria, e para o repoufo do feu Eftado. Bem via elle, que os Mouros tinhaõ 200ꝟ homens em eftado de com-

Era vulg. combater, e de defender a Cidade; que as ſuas forças em comparaçaõ das dos inimigos, nada ſignificavaõ: que animar elle a eſperança na temeridade, era offender o valor. Porém confortado pelas promeſſas Divinas, pela juſtiça da cauſa, pela experiencia dos ſucceſſos, pelo temor dos Barbaros, diſpoſtas as couſas de Santarem, que ſe rendeo em Março, já no ſeguinte Abril elle campeava com o ſeu exercito nos contornos de Lisboa. Elle diſcorria pelas terras dos Mouros com tanta ſegurança, com o eſpirito taõ firme, como ſe as forças foſſem iguaes, ou como ſe tiveſſe huma certeza taõ conſtante do que lhe havia ſobrevir, que lhe deſterraſſe os motivos de duvidar.

Apreſenta-ſe o deſtemido Rei ſobre Lisboa; e a pezar das grandes ſahidas, que os Mouros faziaõ da Praça para impedirem os ſeus trabalhos, Affonſo os avança, rebate os inimigos, continúa nos aproches. Quando aſſim ſe occupava, ſorpreza-o a noticia, de que tomava porto em Lis-

boa

boa huma grande fróta, que entende ser o golpe mortal das suas esperanças; o ferro, que lhe corta a confiança, que podia ter na fortuna das suas armas, no valor dos seus soldados, na opportunidade de huma occasiaõ taõ propria. Naõ duvida, que a fróta de hum soccorro formidavel, que vem firmar na posse dos Africanos a Capital de Portugal; mas o justo receio depressa se dissipa, e se converte em prazer summo a extrema melancolia. Affonso reconheceo pelo Estandarte da Cruz, que era huma Armada de Cruzados destinada a fazer a guerra aos Infieis. Vai avistar-se com o seu Chéfe, que era Guilherme de Longa-Espada, Duque de Normandia, e o persuade, que o seu merecimento naõ sería menor para com Deos, menos distinta a gloria entre os homens, se ajudasse a arrancar huma Cidade Christã do poder dos Barbaros; se em lugar de ajuntar as suas armas na Syria aos exercitos de Conrado III., e de Luiz de França contra os Sarracenos, elle a unisse em Portu-

Era vulg.

Era vulg. tugal ao de Affonſo Henriques contra os Africanos. A menos perſuasões ſe renderiaõ huns homens, que encontravaõ no caminho o meſmo, que hiaõ procurar taõ longe das ſuas caſas, que era glorificar a Deos em guerra ſanta.

Deſembarcáraõ os Cruzados, dos quaes ſabemos taõ pouco, que além do Principe ſeu Commandante, apenas conſervamos os nomes de Childe Rolim, D. Liberche, D. Ligel, os dous irmãos Guilherme, e Roberto La-Corni, e D. Jordaõ. Ajuntáraõ as ſuas com as noſſas trópas para ſer batida Lisboa por dous lados; nós da parte Oriental, aonde agora eſtá o convento de S. Vicente; os Cruzados da Occidental no campo, que he hoje do de S. Franciſco da Cidade. Foraõ felices auſpicios do bom ſucceſſo da empreza a derrota de 5ȣ cavallos, que vinhaõ ſoccorrer a praça, e 1ȣ500 dos noſſos paſſáraõ a eſpada junto a Sacavem. Naõ deſmaiáraõ com ella os de Lisboa, que ſendo muitos em número, formáraõ hum contra-muro de

de peitos fortes nas partes, aonde as fortificações eſtavaõ arruinadas, ou imperfeitas; brechas, a que os noſſos particularmente derigiaõ os esforços mais vigoroſos, e aonde achavaõ nos ſitiados huma reſiſtencia bem igual. Sim era grande a mortandade, que faziamos entre os Barbaros; mas nova gente ſubſtituia a Praça dos que acabavaõ de morrer. Os ſeus Officiaes, que temiaõ esfriaſſem no ardor á viſta de tantos, e taõ certos perigos, naõ lhes davaõ tempo de meditar nos proprios eſtragos. Aſſim a naçaõ infiel, que a ſua corage naõ era mais que hum furor, e eſſe paſſageiro, naõ tinha lugar, nem de ſentir os effeitos do medo, nem de o conhecer.

Era vulg.

Nós ao contrario nos animavamos mutuamente para irmos forçar os Agarenos nos ſeus meſmos póſtos; olhavamos a ſua reſiſtencia por hum avance da noſſa gloria; reſpeitavamos a morte como hum trofeo, que arvorava a noſſa piedade. Quanto mais a entrada da Cidade ſe nos diſputava, mais

Era vulg. mais o noſſo ardor creſcia. Laſtima he, que à ignorancia em idades pelo valor taõ formoſas, nos roubaſſe os feitos individuaes de cinco mezes de acções de honra, que deviaõ occupar os ambitos dos ſeculos. Se faziaõ ſahidas, ſe arruinavaõ os noſſos aproches, eſtes Infieis compravaõ bem cara qualquer vantagem pela multidaõ de gente, que lhes matavamos em toda a occaſiaõ, que das muralhas os tiravamos ao campo. Como aquelles que eſcapavaõ deſtas ſortidas, naõ ficavaõ em eſtado de ſervir, a Cidade ſe enchia de invalidos, que derramavaõ nella o terror; cauſa dos sãos naõ acodirem á defenſa, ſenaõ conſtrangidos, e por força. Nós ſim perdiamos gente; mas eſta perda animava a contumacia para ſe avancarem as maquinas ſem receio de huma morte, que ſe eſtimava premio glorioſo de merecimentos.

Em hum recontro morreo o illuſtre Alemaõ Henrique, natural da Cidade de Bona. Succedeo huma noite dous moços ſurdos, e mudos dei-

ta-

tarem-ſe a dormir no campo de S. Vicente, aonde eſtava o ſeu ſepulchro. O Santo Henrique lhes apparece em ſonhos, e lhes revela, que Deos pelos ſeus rogos, e pelos dos mais Servos ſeus mortos no ſitio, e alli enterrados, era ſervido reſtituir-lhes o ouvir, e fallar. Acordaõ os moços louvando a Deos, e aos ſeus ſervos a vozes altas; alborata-ſe, e enche-ſe de prazer todo o exercito com hum teſtemunho taõ ſenſivel da piedade de Deos ſobre elle; do Deos, que vivos os ampara, mortos os glorifica. Pouco depois deſte caſo, morre ás mãos dos Barbaros hum criado do meſmo Henrique, e lhe daõ ſepultura inferior, apartada da de ſeu Amo. Apparece Henrique ao Inſpector daquelle Cemiterio, e lhe ordena ajunte o cadaver do ſeu criado com o delle na meſma cova; porque para com Deos, e entre os Juſtos naõ havia excepçaõ de peſſoa. Redobra-ſe o alvoroço no campo com a repetiçaõ deſtes teſtemunhos, e já entre elle as idéas de vencer, ou morrer formaõ huma glo-

Era vulg.

Era vulg. ria indiſtinta; a do primeiro acto temporal, a do ſegundo eterna.

Em heroicidades de virtude, e valor ſe paſſáraõ cinco mezes, até que chegou o dia 25 de Outubro, em que a Igreja fazia memoria dos Santos Criſpim, e Criſpiniano, eſcolhido pelos noſſos Chéfes para darem hum aſſalto geral ao Emporio da Luſitania, entaõ eſcandalo enorme da ſua piedade. Avançou-ſe a deſtemida tropa; começou o combate; dura ſeis horas; eſpada em maõ he entrada Lisboa; nella perde a vida com a mais honrada morte o famoſo Martim Moniz, que ſe atrevaſſa na porta, ainda hoje chamada do ſeu nome, para ſervir a ella por tranca de abrir, aos ſeus de ponte para a entrar; ſaõ degollados 200ф Mouros, e nada mais ſabemos das façanhas eſpantoſas, que forçáraõ a render-ſe Lisboa defendida por hum preſidio monſtruoſo.

Concluidas as congratulaçõεs do jubilo por tamanha victoria entre Portuguezes, e Eſtrangeiros, o Rei grato ao memoravel ſerviço, que aca-

ba-

bavaõ de lhe fazer, lhes offerece todas as riquezas, e a parte da Cidade, que elegeſſem, ſe nella quizeſſem ficar moradores. Acceitáraõ a primeira offerta; e mais ricos com a gloria, que com os deſpojos, deſpedidos dos noſſos com ternura, foraõ gozar nas ſuas Patrias o deſcanço deleitavel á ſombra de huma reputaçaõ ſublime. Deſtes Heróes Eſtrangeiros quizeraõ eſtabelecer-ſe entre nós D. Childe Rolim, ao qual, ou a algum filho ſeu, foi dado o ſenhorio da Villa da Azambuja: D. Ligel, que ſe caſou com D. Dordia, filha de Pedro Viegas: os dous irmãos Guilherme, e Roberto La-Corni, ſenhores da Atouguia, que deo appellido aos Fidalgos ſeus deſcendentes: D. Jordaõ, que foi o primeiro povoador da Lourinhã, de que depois ſe lhe fez mercê: D. Alardo, que teve o Senhorio de Villa Verde, e ainda hoje o ſeu nome em appellido junto ao de Barba, ſe conſerva em familias eſclarecidas deſte Reino.

Era vulg.

Da conquiſta de Lisboa foraõ conſequencia os rendimentos de Sintra,

Al-

Era vulg. Almada, e Palmela, que os Mouros restauráraõ depois, e o Rei tornou a ganhar, como adiante veremos. O Rei triunfante se demorou em Lisboa o tempo preciso para regular os negocios do seu restabelecimento; dispôr o governo; repartir as terras; destribuir as riquezas; premiar os soldados, que companheiros inseparaveis nos perigos, tambem o deviaõ ser nos interesses. Expiados os erros, e sordidez do Mahometismo, se rendêraõ a Deos graças solemnes por huma conquista taõ vantajosa, na qual a gloria do seu Nome parecia equivocar-se com a de D. Affonso. Entaõ, assim como dominava em Portugal o valor, assim reinava a ignorancia. Igualmente havia falta de Ecclesiasticos, e de letras, e as letras nos Ecclesiasticos eraõ taõ poucas como elles. Por esta razaõ nos obrigava a necessidade a mendigar pelos Paizes estranhos sugeitos habeis para lhes conferirmos os nossos Bispados. Lisboa conquistada entrou logo no seu número por determinaçaõ do Papa Eugenio III., e foi nomeado seu

pri-

primeiro Biſpo o Eſtrangeiro Gilberto, homem de piedade conhecida, que conſagrando huma grande Meſquita, ſe deſtinou para Igreja Cathedral. Elle fez logo ſugeiçaõ ao Arcebiſpo de Braga, e com a ſua prudencia ſoube unir em hum ſó eſpirito os Portuguezes, Mouros, e outras Nações do Nórte, que ficavaõ povoando a Cidade. Era vulg.

LIVRO X.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Fundaçaõ de Alcobaça, e outros successos da vida de D. Affonso Henriques.

Era vulg. 1142 ou 1147 ou 1152

DOM Affonſo Henriques reconhecido a tantos beneficios do Ceo, de que muita parte attribuia á efficacia das Orações de ſeu amigo S. Bernardo, naõ quiz demorar mais tempo o juſto cumprimento do ſeu voto, as devidas demonſtrações do ſeu agradecimento na fundaçaõ do Moſteiro de Alcobaça para morada dos ſeus Monges. Aqui abrio a magnificencia do Rei ambas as mãos, naõ ſó para a ſumptuoſidade da fabrica, que he huma das brilhantes da Europa; mas para a liberalidade das mercês com que a dotou. Fez doaçaõ ao Moſtei-

ro de trinta e huma Villas, em algum tempo taõ consideravelmente ricas, que sustentavaõ com decencia quasi mil Monges, e depois desmembradas para patrimonio de outros Conventos, de Terças Ecclesiasticas, e Commendas, nunca estas québras amolgáraõ a integridade, e solidez do seu corpo. Naõ me canço em descrever a grandeza deste taõ vasto, como augusto edificio, em que me precedêraõ outras pennas, por mais interessadas, por melhor instruidas, muito mais delicadas. Contento-me com dizer que tudo nelle he magnifico, como desempenho da profusaõ de muitas Magestades. Os primeiros tres Reis de Portugal edificáraõ a Igreja, e o dormitorio velho. D. Diniz mandou fabricar as claustras; D. Manoel a Sacristia; o Cardeal Rei D. Henrique os dormitorios novos, e os Paços que hoje servem de hospedarias.

Era vulg.

Entre as primicias illustres, que recolheo este Mosteiro, foi huma a da conversaõ de D. Pedro Affonso, que nelle tomou o habito de Monge, e

Era vulg. nós naõ ſabemos ſe era irmaõ, ou filho natural de D. Affonſo Henriques, nem he facil tirarmos eſta próva da letra F. do ſeu epitaphio, que na lingua Latina tanto póde ſignificar *Frater*, como *Filius*. Nelle perſeverou Monge D. Pedro até a ſua morte, e nelle foi ſepultado ao lado do Evangelho na Capella mór, com o dito epitaphio, que he o ſeguinte, gravado no ſeu monumento: Aqui deſcança D. Pedro Affonſo, Monge de Alcobaça, F. de D. Affonſo, Illuſtriſſimo Rei primeiro de Portugal, que com ſeu trabalho, e induſtria deo eſta terra á Ordem de Ciſter, applicando-ſe a eſte Moſteiro de Alcobaça na éra de 1185, na qual el Rei D. Affonſo I. de Portugal ganhou Santarem: ao qual D. Pedro Affonſo o Abbade D. Domingos mandou trasladar do clauſtro, aonde primeiro eſteve ſepultado, a eſte lugar em dia de S. Joaõ Bautiſta na éra de 1331.

1148 Á tomada de Lisboa ſe ſeguio huma torrente de victorias. Os ſeis annos primeiros foraõ levados em contar

tar

tar triunfos, que tivêraõ por consequencia o rendimento de todas as Praças da Estremadura, de muitas no Além-Téjo, por onde o Rei feliz começou a avançar as conquistas. Como toda a extensaõ dáquem do Téjo estava já sujeita ás nossas armas, ellas quizeraõ dálem delle ir encontrar-se com o Guadiana, talvez com idéas de irem fechar os termos no Guadalquivir, como depois se vio executar. Naquella Provincia foi vigorosa a resistencia dos Barbaros, portentosas as nossas façanhas, mas que importa, se tudo ficou sepultado no fundo dos monumentos, sem Inscripções para conforto da memoria!

Era vulg.

No meio de tantas glorias sentio o Rei a perda da Rainha D. Mafalda, que a 4 de Novembro deste anno passou a melhor vida na Cidade de Coimbra, aonde deixou lembrança saudosa, merecida das suas virtudes. Dellas foraõ Padrões immortaes a reedificaçaõ da Igreja de S. Pedro de Rates, as fundações do Mosteiro de Leça, do Hospital, e Igrejas de Canavefes. O

1157

Rei,

Era vulg. Rei, incapaz da ociosidade, que já antes estava desembaraçado dos Mouros, rendidos huns, outros tributarios, todos medrosos, gastava o tempo em fazer construir Mosteiros, em trabalhar nas fortificações das Cidades, e Praças fronteiras do Reino. Mas naõ cessando a infidelidade dos Barbaros de dar occasiões para novos rompimentos; o Rei, que naõ queria as armas com ferrugem, algum delles dissimulava, para naõ perder no castigo a conjuntura de dilatar os progressos. Opprimia-se o espirito de D. Affonso com a consideraçaõ, de que nos annos passados a fortaleza de Alcacere do Sal obrigasse a sua corage a levantar della o primeiro sitio na face de huma Armada de Cavalleiros Cruzados, que lhe deraõ soccorro; e resolveo a todo o risco soldar esta quebra para tirar aos Mouros a presumpçaõ, ou a confiança.

1158 Outra vez se apresentou o Rei sobre Alcacere, que em dous mezes de sitio soffreo constante, quanto entaõ sabiaõ metter em uso o valor, e ar-

te

te de atacar para render. Hum succeſſo pouco vulgar, que ſó teve ſegundo na peſſoa do meſmo Rei, ainda com maiores vantagens, como veremos em ſeu lugar, fez deſalentar os Mouros, naõ para deixarem de ſe defender; mas para recearem, que lhes ſería poſſivel entregar-ſe. Vinhaõ em ſoccorro da Praça 500 cavallos Africanos, e dez mil infantes: o Rei com ſeſſenta lanças os eſpera em ſitio, que cobriſſe a temeridade, e ajudaſſe a victoria. Elle ſe aproveita da deſordem da marcha; e carregando os inimigos em fórma, que primeiro ſentíraõ os golpes, que viſſem as mãos, donde elles vinhaõ: deſcompoem-nos, dobra-os, reſiſtem duvidoſos, grande parte he paſſada á eſpada, o reſto foge, e a troco da ferida de huma perna, compra o Rei o mais bem aſſinalido triunfo. Naõ quiz elle dar tempo aos da Praça para lhes paſſar o ſuſto, e depois de poucos dias, no do grande Bautiſta, reſolve inveſtir Alcacere com hum aſſalto geral. Foi eſte eſpantoſo; nós ſabemos, que eſpada em

Era vulg.

Era vulg. maõ leváraõ os nossos a Praça; que foi santificada das expiações barbaras, e ridiculas dos Agarenos.

1162 Em successos gloriosos, de nós ignorados, se passavaõ os annos, felices nos progressos para o estabelecimento da Monarquia, que no terreno bem cultivado da reputaçaõ já lançava fundas as raizes. Naõ deo pequena a toda a Patria o transito glorioso do grande S. Theotonio, Prior de Santa Cruz de Coimbra, sobrinho do estimavel Bispo da mesma Cidade D. Cresconio, honra de Ganfei, Lugar do seu nascimento; de Coimbra, theatro das suas virtudes: de todo Portugal, que se faz respeitavel por tal filho: Aquelle Varaõ grande, ao qual hum Rei da estatura de D. Affonso Henriques se dobrava para lhe tomar a bençaõ de joelhos: Varaõ, que imitador do Casto José do Egypto, fugio airoso largando a capa nas mãos das meretrizes: que na perigrinaçaõ da Palestina, no Instituto Monacal, nas obrigações da Prelasia, na vida, e na morte deo tantas provas da heroi-

roicidade das ſuas virtudes, que os Povos as referem, o ſeu louvor toda a Igreja o annuncia. Era vulg.

Pelo meſmo tempo ſe illuſtrou Portugal com a formaçaõ da Ordem Militar de Avis que eu, com todas as mais do Reino, e da Chriſtandade, já eſcrevi no ſegundo Tomo da Aula da Nobreza. Incançavel o Rei em idéas de vantagem, e na execuçaõ de todas ellas; quando as armas reſpiravaõ, naõ tinha ſocego em levantar Caſtellos, dotar, e fundar Moſteiros, viſitar, e reforçar as Praças. Eſtando na de Alcacere, foi informado, que era pouco numeroſa a guarniçaõ de Ceſimbra. Determina-ſe a inveſtilla, e o meſmo foi atacalla, que rendella. Daqui marchou com ſeſſenta cavallos, e poucos homens de pé a examinar a fortificaçaõ de Palmela, que deſejava metter no número das ſuas conquiſtas. No fundo daquellas matas eſtava D. Affonſo embrenhado, quando ſentio a marcha do Rei de Badajóz, que com 4ↀ cavallos, e 60ↀ Infantes vinha ſoccorrer Ceſimbra, ignorante

1165

Era vulg.

rante do ſeu deſtino. Eſte he o ſegundo lance, em que o Rei ſe fez imitador de ſi meſmo, como prometti moſtrar na narraçaõ do primeiro ſuccedido ſobre Alcacere. Naõ ſe cançou D. Affonſo em contar o número dos inimigos, ſenaõ em obſervar a deſordem da marcha. Nada tinha de militar, mais que trazer na ſua vanguarda baſtantemente avançado hum corpo de batedores, que vinhaõ entretidos, antes em vozes de alegria, que na obſervaçaõ de hum campo apto para ſorprender.

Perſuade D. Affonſo aos ſeus, que enviſtaõ eſte magote deſmandado, que ſendo forçado a dobrar ſobre o exercito, lhe communicaria o terror, e a deſordem. Inſpirações ſoberanas, que o Chéfe dos Reis lhes communica para a execuçaõ de huns eventos ſublimes, que ſaõ deſignios da ſua inſondavel Providencia! Todos duvidaõ na execuçaõ de huma ordem temeraria, como ſe os juizos vulgares dos vaſſallos podeſſem penetrar os impetos occultos, que movem o eſpirito

to dos Principes para emprehender. Era vulg.
D. Affonſo ſem dizer palavra, deixa cahir a viſeira, enriſta a lança, firma o eſcudo, bate as eſporas ao ginete, e dizendo, ſigaő-me: Sahe do boſque o Leaő eſpantoſo, acompanhaő-no rompendo as ſelvas os Tigres, antes covardes, já indomitos; lançaő-ſe á vanguarda dos Barbaros, e o primeiro repentino arremeço he logo ſinal conſtante da victoria. Eſpantados os Mouros da furia, e dos golpes, ao ouvir as vozes, *viva o noſſo Rei*; elles perdem a corage, e o campo; entendem, que todo o exercito Portuguez os ataca, e ſem lhes dar acordo o medo para tomar novo conſelho, voltaő caras; vaő ſendo atraveſſados pelas cóſtas; cahem precipitados ſobre o groſſo do exercito, que cortado do meſmo terror panico, ſegue o exemplo da fugida, que lhe pareceo o mais ſeguro. Vai o Rei no alcance, até que cançado, e todos os ſeus, de matar, faz ſinal de recolher.

Se ſuccedeſſe eſte caſo entre Gregos, e Romanos, que Epinicios ouvi-

Era vulg. virſamos de ſemelhante victoria ? Dizem os noſſos Chroniſtas, que foi conſequencia ſua render-ſe Palmela: que o Rei aviſára a Ceſimbra vieſſe o exercito unir-ſe com elle: que todos os ſeus ſemblantes lhe moſtráraõ a melancolia dos corações por ſenaõ acharem em feito taõ honrado, que entaõ repartido por mais, naõ o ſeria tanto. Eſte tropeço deſtruido, deixou o paſſo franco em toda a campanha, aonde tremoláraõ vencedores os noſſos Eſtandartes; mas com tanta laſtima dos noſſos eſpiritos, quanto he reprehenſivel o ſilencio da Hiſtoria nos applauſos merecidos do valor mettido em tantas occaſiões, dignas de
1166 honrar Faſtos eternos. O Rei lhe levantou hum Padraõ immortal com inſcripçaõ ſimples na Doaçaõ, que fez do Caſtello de Santa Olaya ao Moſteiro de Santa Cruz por eſtas palavras: Que conſiderando quantas mercês lhe fizera o Senhor, deſde a mocidade até a velhice, como lhe déra o Reino, e o ampliára, rendia-lhe a ſua ſubmiſ-

saõ, entre outras offertas, com a do Era vulg.
Castello de S. Olaya.

Nas primeiras conquistas do Além-Tejo havia o Rei tomado a Praça de Béja, que os Mouros se restituíraõ, e nós reconquistamos no anno de 1162 sem sabermos mais do modo desta empreza, que dizer-nos a Historia dos Godos: Como na éra de 1200 (he a de Jesu Christo 1162) hum dia antes das Calendas de Dezembro, na noite da Vespera do Apostolo S. André a Cidade Pacence, que he Béja, foi acomettida pelos homens de el Rei D. Affonso, Fernaõ Gonçalves, e outros soldados communs, e por elles foi ganhada com maravilhoso esforço, e assim ficou em poder dos Christãos. Agora neste anno feliz de 1166 o memoravel Giraldo Sem-Pavor, assim chamado pelo pouco que mostrava nos mais arriscados combates, fez á Patria o assinalado serviço de tirar do poder dos Mouros a famosa Cidade de Evora com hum estratagema igualmente animoso, e bem ideado.

Era

Era vulg.

Era Giraldo hum Fidalgo muito valente, que cahio em hum delicto grave, como homem fragil, e temeroso da justiça do Rei D. Affonso, se refugiou na Provincia do Além-Tejo, para onde o seguio huma numerosa trópa de vadios alentados, que com semelhante homem na sua tésta, viviaõ de roubar, e commetter insultos indistinctamente em terras de Christãos, e de Mouros. Como exercicio taõ vil naõ podia deixar de se fazer espantoso na alma de hum Fidalgo costumado a empregar-se em acções illustres; concebe a alta idéa de expiar o seu delicto com a empreza generosa da tomada de Evora, que o Rei appetecia, e a sua grande fortaleza difficultava. Communica Giraldo os seus pensamentos aos camaradas, que como homens de valor, ainda que mal empregado, nenhum dúvida arriscar-se em huma façanha, que debaixo do estrondo de conseguida, abafaria o rumor dos seus escandalos passados. Ponderáraõ no modo da sorpreza, que naõ podia ser occulta a huma

Ci-

Cidade toda rodeada de planos, aonde naõ ſe moveria a gente ſem ſer deſcoberta a todas as ſentinelas dos muros. Elles víraõ, que ſó no alto, aonde agora eſtá o Moſteiro de S. Bento haviaõ matas, e quebras de terreno capazes de armar ciladas; mas que ſobre a maior eminencia eſtava a torre da Atalaia, que vigiava o campo para fazer á Cidade ſinaes, de que nelle andavaõ inimigos, e era neceſſario ganhalla.

Era vulg.

Porém reſoluta a empreza a todo o riſco, Giraldo com a ſua gente ſe chega á Atalaia, que huma Dama, filha do Alcaide, guardava a huma janella dormindo, em quanto ſeu Pai deſcançava na cama. Elle a ſobe induſtrioſo, arroja a Moura da janella, degola o Pai, e com ambas as cabeças na maõ moſtra aos ſeus, que o primeiro paſſo eſtá dado felizmente. Dividida a ſua trópa em dous corpos, hum para apparecer na campanha, e chamar fóra da Cidade a guarniçaõ; outro, que elle mandava, para inveſtir a pórta, por onde ella ſahiſſe; faz

Era vulg. faz ſinal a Atalaia, de que inimigos tálaõ a terra. Com a noticia, que deraõ as ſentinellas da muralha, de que o corpo dos Chriſtãos naõ era conſideravel, ſahe hum groſſo da melhor trópa para lhe caſtigar o atrevimento. Giraldo, que com a ſua gente marchava a toda a preſſa, ganha a pórta, aonde ſe lhe ajunta o ſegundo corpo; e deixando-a bem guardada, entrou pelas ruas a matar quanto reſiſtiſſe. Naõ foi muito o ſangue; porque elles tiveraõ a advertencia de ir correndo os ferrolhos de todas as portas, e deixáraõ fechada a maior parte dos moradores. Os Mouros, que ſe recolhiaõ vaidoſos de ter poſto em fugida aos Chriſtãos, vendo a entrada da Praça impedida; ouvindo os gemidos dos que morriaõ; o clamor dos que gritavaõ fechados nas caſas; o horror da noite, a ignorancia da fórma do ſucceſſo, tudo os preoccupa, poucos reſiſtem, muitos morrem, os mais ſe poem em fugida.

Amanhece o fauſto dia, em que Giraldo, e os ſeus ſalteadores apparecem

tem com caras de Heróes. Rendêraõ-se humildes os Mouros fechados; huns se retiráraõ, outros quizeraõ ficar comnosco, e residíraõ em Evora até ao tempo do Rei D. Manoel; a Cidade foi entregue ao saque. Giraldo fez logo saber ao Rei o que acabava de obrar em beneficio da Patria, em honra do seu serviço; rendendo obediencia, offerecendo a Cidade, pedindo para si, e para os bravos companheiros do seu valor a aboliçaõ dos antigos crimes. Ouvio D. Affonso aos Emissarios com summo prazer, e concedendo quantas graças se lhe pedíraõ, encarregou ao mesmo Giraldo o governo da Cidade; bem certo, que quem com tanta corage a ganhára foragido, melhor a defenderia quando honrado. Logo lhe foi pósta guarniçaõ, entre ella a dos illustres Cavalleiros da Ordem de Aviz, de que ainda se conserva memoria na Torre chamada da Freiria. Desta façanha de Giraldo formou as suas Armas a Cidade de Evora; e della as tomou a familia dos Cogominhos pelo seu as-

Era vulg.

Era vulg. cendente, que acompanhou com os seus homens de armas a Giraldo, e della lhes deixou por honrada devisa: em campo vermelho cinco chaves Mouriscas de prata em aspa, e por timbre duas chaves das armas em aspa atadas com hum troçal vermelho.

CAPITULO II.

Referem-se outras conquistas do Rei D. Affonso Henriques, e os successos da guerra com seu genro o Rei de Leaõ.

1166 SE os nossos antigos Portuguezes fossem taõ inclinados a escrever as suas façanhas, como a obrallas, só as deste anno feliz eraõ bastantes para encher muitos volumes. Porém o empenho de emprehender, e executar callados, apenas se deixa ouvir de muito longe nos eccos da tradiçaõ em hum suçurro, que nas idades da nossa illuminaçaõ, quando nos lisongea sublime, nos lastima passageiro. Humas a outras se preparavaõ as occasiões de glo-

gloria, que faziaõ o valor brilhante, Era vulg. a Monarquia poderosa. Exaltada a reputaçaõ com o modo maravilhoso do rendimento de Evora, restituido a ella o seu Bispo D. Sueiro, se entaõ naõ foi criado de novo; o Rei incansavel no trabalho, que o costume fazia insensivel á sua idade, torna a entrar na sua Provincia do Alem-Téjo, solemniza a tomada de Evora com huma corrente de victorias, que precedêraõ, e se seguíraõ ás conquistas de Moura, Serpa, Alconchel, e Coruche. Aqui continuamos nós a mostrar, que o rio Guadiana naõ era limite marcado para as nossas expedições, senaõ as Praças dos Mouros em qualquer terreno, que estivessem situadas em Hespanha. O rendimento da Praça de Elvas tambem se entende ser fructo desta expediçaõ, em que as nossas armas corrêraõ livres, e dominantes por toda a Provincia, já olhando a Betica como theatro para as suas representações futuras.

1167 Aquí parece que tomáraõ novo corpo os ciumes de D. Fernando II. Rei

Era vulg. Rei de Leaõ, para nos inquietar com huma nova guerra. Naõ foi della causa o repudio, que D. Fernando fez da Rainha D. Urraca sua mulher, filha do nosso Rei D. Affonso, como pensáraõ todos os Chronistas Portuguezes, que bebêraõ esta noticia mal averiguada na Historia de Duarte Galvaõ; porque depois da guerra se celebrou aquelle casamento, como se próva com huma deducçaõ Chronologica inegavel. Tambem os Escritores Castelhanos lhe deraõ de duraçaõ o tempo, que corre do anno de 1169. até o de 1180; quando he certo, que ella começou depois da conquista sobre os Mouros de Além-Téjo, que foi no principio do anno de 1167, e teve fim no de 1168, em que o Rei D. Affonso Henriques se restituio ao seu Reino da prizaõ, em que o teve seu sobrinho o de Leaõ.

Sendo na realidade duvidosos os verdadeiros motivos da guerra, dizem, que D. Affonso a rompêra, ganhando em Galliza o Castello de Cedofeita, que o Rei D. Fernando viera

res-

restaurar; e naõ o podendo levar á força, o imaginado milagre de hum raio, que cahira nelle, aterrára os Portuguezes para lhe abrirem as portas sem resistencia. Tambem se attribue ao nosso Infante D. Sancho, que entaõ era hum minino de dez annos, a jornada de Arganhal, que huns presumem vencêra o Rei de Leaõ, outros que a victoria ficára indecisa. A D. Affonso se concedem muitas vantagens em Galliza, aonde do tempo de seu Pai ainda conservava a Cidade de Tuy; dominio, que agora avançou com toda a terra de Toronho, Lima, e outras novas conquistas, que depois largou em cambio da sua liberdade. Porém o successo constante desta guerra he o de Badajóz, que dominavaõ os Mouros tributarios do Rei de Leaõ. Naõ entendeo D. Affonso, que este reconhecimento podia ser direito para aquelle Principe estimar como sua huma Praça, que os Barbaros dominavaõ pelo da conquista havia 400 annos. Vem sitialla como dos Mouros, sem o embaraçar

Era vulg.

Era vulg. a justiça do Rei de Leaõ; ataca-a, e a rende.

1168 D. Fernando acode em pessoa ao soccorro de huma Praça, que estimava como sua em razaõ do tributo, que lhe pagava. Antes delle chegar, diz Duarte Galvaõ, que enviára Mensageiros a D. Affonso, que da sua parte lhe representáraõ, deixasse a Praça, pois sabia, que era sua, e do seu Reino: Que D. Affonso respondêra naõ havia deixalla; e que entaõ da parte do seu Rei o desafiáraõ. Naõ se escusou elle ao empenho, e ainda que era inferior em forças, mandou formar o exercito em batalha, e esperou na Praça a chegada do Leonez. Com a noticia de que a sua vanguarda já combatia com a do inimigo, D. Affonso a toda a pressa quer vir á batalha; mas ao sahir a porta, a que os seus deixáraõ o ferrolho mal corrido, com a violencia do galope deo nelle huma pancada taõ violenta, que quebrou a perna, e ficou mal ferido o cavallo. Neste estado se embaraçou na escaramuça; mas o ginete naõ poden-

dendo soffrer a violencia dos repelões, já desfalecido, cahio com o Rei, que os nossos quizeraõ defender como Leões; mas dando-lhes em cima o grosso dos inimigos, a tróco de vidas importantes, e da liberdade do Rei, que foi prezo, o de Leaõ ganhou a victoria, e a Praça.

Era vulg.

Nem sempre a fortuna he favoravel ao Varaõ forte. Foi vencido Affonso, que sempre vencêra; prezo o Rei, que dera liberdade á Patria; embotadas as armas, que haviaõ cortado tantos louros. Destinos altos da Providencia, para que o homem na sua idéa naõ seja magnificado sobre a terra. Com summo respeito foi o Rei de Portugal tratado pelo de Leaõ, que com igual desvelo, que delicadeza, se applicou ao reparo da sua saude; que o fez curar com a veneraçaõ, e caricias de filho; mas em hum coraçaõ generoso, no triste estado da sórte, nada sería bastante para lhe suspender a vehemencia da dor na face dos estimulos do aggravo. Sempre magnanimo D. Affonso, houve de

Era vulg. ceder ao tempo para reſtituir a liberdade: mas nunca ſubmetter o caracter para offender a ſoberania. Naõ ha duvida, que no ajuſte da paz prometteo ao Rei de Leaõ fazer-lhe entrega das Praças neſta guerra conquiſtadas em Galliza, e das mais que antes della poſſuia, e de que eſtivera de poſſe a Rainha ſua Mãi pelo direito, que tinha ao Reino de Leaõ.

Porém que o Rei D. Affonſo ſe obrigaſſe, quando foſſe em eſtado de montar a cavallo, ir aſſiſtir ás Cortes daquelle Reino; que para ſe eſcuſar de o fazer, com quebra da palavra Real, no reſto da ſua vida ſempre andára em carruagem: iſſo he huma quimera inventada por hum ignorante dos negocios de Heſpanha, como foi Lucio Marineo Siculo, ao qual cegamente, ſem ponderaçaõ, nem exame, ſeguiraõ os noſſos Hiſtoriadores antigos, e alguns dos Caſtelhanos, menos o Arcebiſpo D. Rodrigo, D. Lucas de Tuy, o noſſo deſafeiçoado Mariana, e a Chronica geral, que em ponto taõ importante naõ fallaõ hu-

ma

ma só palavra; omissaõ, que era impossivel em huns Authores taõ illuminados, taõ zelosos do credito, dos interesses, das regalías da sua Patria. As pazes se fizeraõ sem mais convençaõ, que a da entrega de Badajóz, e mais Praças de Galliza; as quaes ratificadas, o Rei voltou livre ao Reino para suavizar nos corações a magoa, que a sua infelicidade fizera inconsolavel.

Era vulg. 1170

Assim como ella deixou a D. Affonso no corpo defeituoso, nas forças debil; tambem deo ousadia aos inimigos para presumirem vencer ao Heróe até entaõ invencivel, e aos seus Capitães, que com a reputaçaõ do seu nome sempre eraõ vencedores. Recobráraõ espiritos os Mouros, e suppozeraõ a fraqueza do Rei desalento das nossas armas, nova corage das suas, hum meio infallivel para a restituiçaõ das suas perdas. Elles pertendêraõ próvar o seu conceito pela Comarca de Béja, que havia annos olhavaõ com respeito, por estar entregue a sua defensa ao famoso Lidador Gonça-

Era vulg.

çalo Mendes da Maia, que coroou os da vida, e o ultimo dia da sua morte com duas victorias, para nos deixar a materia da lembrança posthuma em triunfos dobrados. Era entaõ temído em Hespanha o Mouro Almoleimar, que entre nós se quiz acreditar de valeroso com mostrar, que naõ temia a corage, a experiencia, a reputaçaõ do velho Lidador. Entrou elle talando as terras da sua jurisdiçaõ com furor, que desaffiaría, só por compassivo, outro qualquer espirito menos sensivel, que o do nosso Heróe. Sahe aos Barbaros com hum esquadraõ intrépido, a maior parte Fidalgos disciplinados nas Aulas das suas aventuras; e foi o primeiro repelaõ taõ rápido, que despedaçadas as lanças, as espadas se empenháraõ no combate.

Pozeraõ ambas as tropas pé em terra: avançaõ-se peito a peito huns a outros contrarios, todos com credito de valerosos, faceis a acabar, dificultosos em ceder. Os golpes dos nossos eraõ intoleraveis; mas os Mouros

ros os recebêraõ morrendo; poucos se desviáraõ delles fugindo. Foi passado á espada o Capitaõ Almoleimar com a maior parte da sua trópa: o Lidador ficou aberto em feridas, taõ formoso com os matizes do seu sangue, que era hum objecto da enveja universal. Quizeraõ os seus recolher-se a curallo dos golpes, e celebrar o triunfo, quando apparece no campo outro exercito, que marchando antes a soccorrer a Almoleimar, agora corria a vingar-lhe a morte. Persuadiaõ os nossos se retirasse do novo conflicto o seu Chéfe, que esgotado de sangue, abbreviaria a vida; mas naõ foi possivel conseguir esta justa demanda de hum Heróe, que quiz acabar com as armas na maõ, como morte correspondente para quem fizera vida da gloria das armas. Depois de pedir aos Fidalgos, que em morrendo elegessem por Capitaõ a seu genro D. Egas Gomes de Sousa, os impetos da alma arrojaõ o corpo a ser o primeiro em romper a vanguarda dos inimigos. Neste mesmo

Era vulg.

Era vulg. mo impulso o Lidador peleija, morre, e vence.

1171 Os mesmos motivos, que animáraõ a Almoleimar para investir a Comarca de Béja, enchêraõ de corage a Albojaque, Rei de Sevilha, para vir com hum exercito numeroso cercar a propria pessoa de D. Affonso, que entaõ se achava em Santarem. A impossibilidade de montar a cavallo para sahir a campo contra os inimigos, era huma tortura insoffrivel ao Real espirito, coartado na face dos Barbaros, contraido ao recinto das paredes da Praça. Leva a noite sem socego; invoca o Deos das Batalhas; pede o soccorro de S. Miguel, Chéfe das Esquadras Celestes, e no dia seguinte faz saber aos seus, que lhe dissuadiaõ o sahir da Praça: Como era indigno se dissesse do Rei de Portugal, costumado a derrotar Mouros a centos de milhares, que elles o tinhaõ sitiado dentro em Santarem: que lhes agradecia a offerta de sahirem elles a campo, e ficar o seu Rei na Villa: que a manobra antes se fizesse pelo contra-

rio;

rio; ficando nella os mais, sahindo elle com os menos, ou para vencer mais glorioso, ou para morrer em campo aberto: que nada podia poupar em huma acçaõ, de que dependia o credito passado, toda a reputaçaõ do futuro, a honra da vida, e a fama posthuma. Naõ embaraçou esta resoluçaõ decisiva a voz, que correo, de que D. Fernando de Leaõ a jornadas largas marchava a Santarem: ignorante D. Affonso se o destino de seu genro era aproveitar a occasiaõ de despicar os aggravos antigos, se soccorrello em tal aperto como bom visinho, e fiel parente. Esta mesma noticia acompanhada de dúvidas, foi o estimulo para o Rei naõ dilatar contra os Mouros a batalha, que sendo vencida, o deixava apto para dar segunda ao Rei de Leaõ, se chegasse á sua presença com semblante de inimigo.

Era vulg.

Entendêraõ os Mouros a seu favor a vinda do Rei de Leaõ, e animados com esta esperança, reforçáraõ o cerco, já augurando-se a feli-

ci-

Era vulg. cidade da mais conſideravel preza. D. Affonſo, invariavel na primeira idéa, verdadeiramente fórte na face do maior perigo; faz-ſe conduzir em andas ao campo, e enveſte a arrogancia, a confiança, a vaidade dos Mouros. Elles ſuſtentaõ o pezo da batalha com tantas certezas de vencer, que nos atropelaõ, mataõ o Alferes Real, arraſtaõ o noſſo Eſtandarte. D. Affonſo, incapaz de ſoffrer eſta injuria feita á ſua viſta, ſem arriſcar a peſſoa; baixou do carro militar, e armado de eſpada, e rodela, ſeguido dos ſeus, de tal ſórte mudou o ſemblante do combate, que os Mouros começáraõ a perder terreno, foi reſtituido o Eſtandarte, mortos os Barbaros mais deſtemidos, o Rei occupado de tal terror, que a toda a redea ſe fez na volta de Sevilha, com tanta vaidade como ſoldados. Correo a fama da victoria a tres jornadas de Santarem, aonde ſe achava o Rei de Leaõ, que mandou congratular della a D. Affonſo, ſentido de naõ participar a honra de taõ honrado feito, que vinha buſ-

buscar na sua companhia; mas que como já naõ lhe eraõ necessarias as suas armas, elle voltava, e para todas as occasiões semelhantes officioso lhas offerecia.

Era vulg.

Recebeo D. Affonso ao Embaixador com as demonstrações do maior agrado; agradeceo a seu Genro a obrigaçaõ em que o punha, a que se mostrava grato regalando-lhe os despojos mais preciosos, que achára no campo vencido. He tradiçaõ constante, que quando o Rei se lançou aos inimigos, apparecêra ao seu lado huma Aza, donde sahia huma espada, que fazia nos Mouros grande estrago: que elle attribuira esta visaõ a favor especial do Arcanjo S. Miguel; e que em honra sua instituíra a Ordem Militar da Ala, que naõ passou na duraçaõ além da vida do Rei D. Affonso. Foi fructo desta victoria huma trégoa de cinco annos entre Christãos, e Mouros; beneficio, de que se servio D. Affonso para regular os negocios interiores do Reino; para poder com segurança mandar as suas gentes ao ca-

bo

Era vulg. bo de S. Vicente buſcar as Reliquias deſte Martyr invicto, que já tinha procurado em peſſoa com a infelicidade de naõ as deſcobrir; porque naquelle tempo Lisboa, que lhes havia dar ſólio mageſtoſo, ainda eſtava em poder dos Mouros.

1173 Na batalha do Campo de Ourique fez o Rei priſioneiros alguns Mozarabes, deſcendentes dos Chriſtãos de Valença, que trouxeraõ os oſſos de S. Vicente para o Promontorio Sacro, e lhe deraõ eſta noticia, que conſervavaõ por tradiçaõ dos ſeus Maiores. D. Affonſo, deſejoſo de poſſuir o precioſo theſouro, pouco tempo depois foi ao Sacro Promontorio, e feitas as diligencias mais exactas, naõ quiz a Providencia, que a terra, que o occultava, entaõ o deſcobriſſe. Dous daquelles Mozarabes ſe eſtabelecêraõ com os noſſos em Lisboa, aonde viviaõ com Chriſtandade edificante. Corria o anno de 1173 quando Deos lhes inſpirou perſuadirem aos ſeus patricios foſſem por mar ao Promontorio, e no lugar, de que lhes

de-

derao confrontações individuaes, buscassem as Reliquias Sagradas, que sem duvida estavaõ nelle. Promptamente os Capitães pios, e guerreiros armáraõ huma embarcaçaõ, em que fizeraõ a pequena viagem; e invocando os auxilios Divinos com espirito ardente, oraçaõ fervorosa, jejuns, e mortificações austéras, buscáraõ o sitio, que traziaõ bem marcado, e descubríraõ com todos os sinaes indicados pelos religiosos Mozarabes. O grande Pai de familias poz patente aos seus servos o thesouro escondido no campo; e para naõ duvidarem, que era o mesmo, o authorisou com hum milagre. Succedeo querer enriquecerse com hum dos ossos do Santo hum dos aventureiros piedosos: immediatamente ficou cégo: fez, que fosse restituido ao lugar dos outros, para logo recobrou a vista. Recolheraõ-se a Lisboa com o prazer daquelles vencedores, que cativa a preza, se alegraõ na divisaõ dos despojos.

Era vulg.

Chamavaõ os Mozarabes ao lugar do depósito a Igreja dos Córvos,

Era vulg. em razaõ deſtas aves, que acompanhavaõ o Corpo do Santo, e deſde entaõ atégora naõ tem deixado de aſſiſtir na meſma parte, aonde eſteve, que hoje he Convento dos Capuchos reformados da Provincia da Piedade. Alli vem os noſſos olhos, que aſſiſtem perennemente dous Córvos: que cada dia vai hum Religioſo ao Clauſtro, e chamando-os com o nome de Vicente, acodem a receber a ſua raçaõ: que quando ſahem os Religioſos aos Lugares viſinhos, elles voando, muitas vezes os acompanhaõ, e com elles ſe recolhem ao Convento; que quando morre algum dos companheiros, naõ havendo córvos em todos aquelles diſtrictos, entaõ apparece hum bando, e mettendo-ſe nelle o que ficou vivo, eſcolhe novo ſócio, e deſapparecem os mais. Aſſegura-ſe com toda a Fé Humana a verdade deſte ſucceſſo, que naõ julgo ſe he hum milagre continuado, ou hum acaſo contínuo, e ſó confeſſo, que Deos he admiravel nos ſeus Santos. Elle o Deos, que faz maravilhas ſó,

Com

Com alvoroço indiſivel recebêraõ os de Lisboa as Reliquias adoraveis, e ordenada pelo piedoſo Roberto, Deaõ da Sé, huma Prociſſaõ ſolemne, foraõ nella collocadas á veneraçaõ pública dos Fiéis.

Era vulg.

CAPITULO III.

Expedições do Infante D. Sancho, mandadas fazer por ordem de ſeu Pai, e outras dos ſeus Capitães.

APENAS eſpiráraõ os cinco annos de trégoa, que D. Affonſo Henriques havia ajuſtado com o Rei de Sevilha depois da batalha de Santarem: eſtando a Monarquia reſpeitavel, o Eſtado em paz á ſombra das victorias; mas viva a lembrança da injúria feita á peſſoa do Rei no ſitio poſto por Albojaque áquella Praça, ancioſo o deſejo do Principe em levar as armas, e avançar as Conquiſtas além do Guadiana pela Provincia Bética: Chama a ſeu filho o Infante D. Sancho, e lhe propõe o muito, que tinha tra-

1178

Era vulg. balhado, sem se poupar a perigos; para lhe formar hum Reino em forças, em reputaçaõ consideravel: que era natural os Mouros intentarem no fim da trégoa a restituiçaõ de algumas Praças no Alem-Téjo, e que se lhes deviaõ prevenir os designios: que elle o desejava fazer em pessoa, naõ só para assegurar a Provincia; mas para os visitar na Capital de Sevilha: que o embaraçava para a execuçaõ das suas idéas a impossibilidade de montar a cavallo; e nesta desconsolaçaõ só o alentava ter nelle hum filho, que na frente das trópas em nada lhes deixaria sentir a falta do Pai. D. Sancho lhe beijou a maõ reverente, e agradecido: Promete-lhe applicar todos os esforços para se mostrar viva cópia do seu Original; creatura da sua natureza, e disciplina; filho no ser, e nas obras.

Em Coimbra se passou revista ao luzido exercito, que o Rei entregou ao Infante, e o veio acompanhando a pé até passar a ponte. Aqui foi o lugar da despedida, em que a Magesta-

tade naõ pode occultar a ternura, sem se opprimir o espirito para na respiraçaõ communicar o valor. Rodeado dos bravos Heróes do seculo de D. Affonso Henriques, o Infante chegou a Evora, aonde se deteve para chamar os alentados Fronteiros, que haviaõ ser os seus guias na marcha, e informar-se do estado dos Mouros para formar o plano da campanha ajustado á probabilidade das vantagens. Entrou o exercito pelas terras inimigas, que levou a ferro, e fogo para fazer na Provincia geral o terror. Naõ podiaõ crer os Mouros, que os Portuguezes intentassem pizar os terrenos, aonde depois da perda de Hespanha os pés dos Christãos já mais haviaõ dado passo. Como a marcha os desenganava, de que tinha por destino fazellos mostrar a Sevilha, naõ quizeraõ consentir, que as suas paredes respeitaveis soffressem esta affronta, e com trópas muitas vezes superiores, esperáraõ ao Infante nos dilatados planos entre a sua Corte, e Villa-Raza. Alvoraçáraõ-se os espiritos

Era vulg.

dos

Era vulg. dos nossos com esta desejada noticia ; que obrigou o Infante a formar o exercito em cinco esquadrões, que encarregou a outros tantos Capitães experimentados, reservando para si o da vã-guarda, por mais perigoso o mais honrado. Nós sentimos naõ chegarem ás nossas idades os nomes destes grandes homens, que certamente naõ saõ os mesmos que nos deixou em memoria Duarte Galvaõ ; porque a maior parte delles eraõ já mortos.

Arrostáraõ-se os campos ao romper do dia, o mais formoso para o esquadraõ do Infante, que no primeiro repelaõ se deixou ver dos nossos com admiraçaõ, dos Mouros com espanto. Elles, que conhecêraõ nas obras o espirito, que o animava, o carregaõ com as maiores forças. Dous dos mais visinhos, que dizem eraõ commandados pelos Condes D. Pedro de Asturias, e D. Ramiro, soccorrem a nossa vã-guarda, e fazem geral a refrega. A desesperaçaõ dos Mouros largo tempo se poem em parallelo com o nosso valor. De ambas as partes ha mor-

mortes, feridas, golpes eſpantoſos, nenhuma cede, e parece que cada ſoldado eſtá reſoluto a deixar a cabeça, aonde no principio da acçaõ plantou os pés. O noſſo Alferes Real, que diz Galvaõ ſer ainda o bravo D. Pedro Paes, e Brandaõ prova, que era Fernando Affonſo: elle, que até entaõ eſtivera no centro da eſquadra com a firmeza de huma montanha, e o Eſtandarte arvorado; vendo na ſua frente o de Sevilha rodeado dos mais bravos homens, grita ao grande D. Mem-Moniz, e a outros Fidalgos, que tinha ao lado, que todos ſe avancem com elle a arraſtar a inſignia ſoberba dos Barbaros. Aqui ſe travou horrenda a batalha, e aqui principiou glorioſa a victoria. Eſpada em maõ foraõ os noſſos rompendo as fileiras dos Mouros, como o furacaõ violento, que arrebata, quanto enconrta por diante. D. Mem Moniz com a meſma corage do dia do Campo de Ourique, abrindo o paſſo até ao lugar, aonde eſtava o Alferes Mouro, com duas cutiladas o deitou a terra, e lan-

Era vulg.

Era vulg.

lançando-se a elle, lhes arrancou das mãos o Estandarte, de que se servio para varrer a campanha.

Para naõ verem esta injúria os Mouros, voltaõ as costas, que offerecem sem resistencia á ponta das nossas lanças. O Infante lhes segue o alcance, e entra com elles de envolta em Triana, donde facilmente faria o mesmo em Sevilha, se a vã-guarda, que fugia, naõ arriscasse o exercito pela salvaçaõ da Praça, cortando a ponte. Entaõ foi geral o estrago nos inimigos, que lançando-se ao rio, se affogavaõ, e os que ficavaõ em terra, aos fios das espadas pereciaõ. Quasi geral vio o barbaro Rei dos muros de Sevilha a mortandade dos seus vassallos sem a poder remediar; e o Infante coberto de gloria, e indignaçaõ pela difficuldade de passar o rio para descarregar sobre a Praça o ultimo golpe, volta ao acampamento dos Mouros, aonde se fez senhor de despojos immensos, que deixáraõ aos seus soldados ricos, e contentes.

De-

Depois do Infante celebrar a victoria no campo os dias necessarios, como nelle naõ appareciaõ inimigos, resolveo occupar as forças nas conquistas, que tinha principiado antes da batalha. Foraõ tantas por toda Andaluzia, que diz a Historia dos Godos, que o Rei D. Affonso Henriques neste tempo era senhor de toda a terra, que fica entre os rios Mondego, e Guadalquivir. Niebla, entaõ praça muito forte, determinou fazer parar o Infante na carreira das victorias; mas naõ a salvou o valor, senaõ o destino. Quando intentamos esta empreza de Andaluzia, a Cidade do Alem-Téjo, que mandou mais gente para se ajuntar ao exercito, foi a de Béja, que ficou sem mais guarniçaõ, que a paisanage. Dous Alcaides Mouros, que dizem se chamavaõ Alboazil, e Halé, para divertirem o Infante da sua expediçaõ com a conquista de Béja, vieraõ por-lhe apertado cerco. Soffrêraõ os paisanos com grande valor os primeiros assaltos; mas hum delles ágil, e destemido, julgan-

Era vulg.

Era vulg. gando por impossivel a defensa sem soccorro, teve industria para enganar huma noite as guardas dos Mouros, e veio a Niebla dar parte ao Infante do perigo da sua Patria.

Ajuntou conselho de guerra, aonde foi determinado, que estava primeiro defender o proprio, que conquistar o alheio: que se devia abandonar o sitio de Niebla para soccorrer a Béja. Sem demora o Infante se poem em marcha com a cavallaria, e mais tropa ligeira, ordenando ao grosso do exercito caminhasse a jornadas ordinarias escoltando as bagages. Os batedores inimigos deraõ parte aos Alcaides da vinda do Infante na testa de hum destacamento, separado do resto das tropas. Quizeraõ os covardes largar o campo antes de ver de quem fugiaõ; mas os Alcaides, e os valentes resolveraõ acometter o Infante antes de unir as forças. Esperou-os a pé firme, e travada a batalha com valor igual, da parte dos Mouros com a vantagem do número, a victoria esteve indecisa espaço largo. Po-

rém

rém mortos os dous Alcaides, passada á espada a flor das suas trópas, o resto do exercito se poz em fugida antes de roto. Mandou o Infante seguir o alcance sem perdoar a genero algum de vivente, para que soubessem os Mouros como cortava a sua espada nos primeiros golpes. Ignoramos se foi ella a que descarregou outros sobre hum filho do Imperador de Marrocos, que nos representaõ desbaratado sobre Abrantes pouco depois desta victoria de Béja.

Era vulg.

Quando o Rei de Leaõ ficou senhor de Badajóz depois da acçaõ, em que prendeo ao Rei D. Affonso, entendeo conveniente dar della o governo a hum Mouro, chamado Aben-Abel, por ser bemquisto dos habitadores seus nacionaes; mas o Mouro, longe de responder á confiança, que D. Fernando fizera delle, abusou della taõ indignamente, que sem demora entregou a Cidade ao Miramolim dos Almohades, origem de todas as irrupções dos Barbaros em Portugal depois do primeiro sitio de Santarem.

1179

Des-

Era vulg. Deste Miramolim era filho o Aben-Jacob derrotado sobre Abrantes, e seus Capitães os Mouros animosos, que neste tempo talavaõ o Alem-Téjo, rendêraõ Coruche, e o Infante successivamente foi derrotando em encontros repetidos, de que ao longe ouvimos huns éccos em Historias alheias, que nos fazem perceber, que houvéraõ; mas naõ como foraõ estes gloriosos combates. Gamir, Rei de Merida, foi hum destes aventureiros, que depois de devastar a campanha, fez tremolar os seus Estandartes á vista do Castello de Porto de Mós, defendido pelo respeitavel nome de D. Fuas Roupinho. Naõ quiz este bravo ver-se sitiado sem traçar á sua offensa despique maior, que a resistencia.

1180 Encarrega a defensa do Castello a huns poucos de homens, que excediaõ em valor á mesma confiança do Capitaõ, e com os mais corre ás praças visinhas pedindo aos seus Commandantes lhe engrossem o número com parte das suas guarnições. Quando o entendeo bastante para a idéa,

que

que formava o seu espirito impavido; apresenta-se huma tarde na serra quasi vertical ao Porto de Mós aonde sem ser visto, se recreou em ver a gentileza com que os seus soldados resistiaõ a hum assalto desesperado dos Mouros. Quizeraõ os intrepidos Portuguezes, que acompanhavaõ a D. Fuas, lançar-se aos Barbaros, naõ succedesse levarem o Castello em preza na face da sua corage. D. Fuas os deteve, advertindo-lhes naõ os assustasse o assalto; que sabia a qualidade da gente, que tinha no Castello; naõ quizessem com huma avançada intempestiva malograr o projecto brilhante, que trazia concebido. Todos ficáraõ immoveis, sendo até a noite expectadores invejosos da mais illustre defensa, das proezas incriveis, que huns pares de homens obravaõ sobre a multidaõ dos Mouros resolutos, por honra do Capitaõ, e sua. A escuridade das sombras separou cercados de cercadores; estes taõ cortados do ferro, do pejo, da fadiga, que vio a tropa de D. Fuas, como elles naõ cuidavaõ mais, que

Era vulg.

Era vulg. que em refazer as forças laças com o ſomno profundo.

Agora he tempo, (diſſe D. Fuas aos ſeus) que o Senhor entregou eſſa quantidade de Barbaros nas noſſas mãos: deſçamos o monte; demos ſobre elles; façamos eterno o ſeu ſomno. Poſtado D. Fuas na vã-guarda da patrulha, viſtoſa na reſoluçaõ, ſem viſta na quantidade, baixaõ a montanhá ſem ſer ſentidos, e paſſeando os arraiaes dos contrarios, vaõ deixando os Mouros na poſtura, em que os achavaõ. Quando a morte principiou a ſer nelles ſenſivel, já o campo eſtava juncado de córpos ſem alma. Os primeiros que acordavaõ para morrer tocáraõ a rebate com os gemidos de agoniſar. Os mais cançados, que os ouviaõ, duvidoſos do que era, eſtendiaõ os membros opprimidos, antes que ſe lançaſſem ás armas animoſos. Em fim, conhecida a cauſa do ruido, a chuſma tumultuaria rodeia a barraca do ſeu Rei Gami, menos diſpoſta a defendello, que a conſolar-ſe com que ſeja elle o ultimo, que morra.

ra. A trópa de D. Fuas vai sobre elles, matando a seu salvo covardes, e valentes, que tudo foi passado a fios de espada, a excepçaõ dos poucos, que fiados nos pés encontráraõ a salvaçaõ na fugida. No meio da confusaõ, no furor da mortandade, tiveraõ os nossos advertencia de perdoar ao Rei Gami, fazendo-o prisioneiro; e D. Fuas pelas proprias mãos a hum Infante seu Irmaõ, com outros senhores de conta, que o mesmo D. Fuas em pessoa veio a Coimbra apresentar ao Rei D. Affonso, que estimou igualmente a importancia da preza, e os authores della.

Era vulg.

Outro elemento estava preparado para theatro do valor, e do fim de D. Fuas. Neste mesmo anno da sua victoria huma Armada de Africanos cometteo insultos intoleraveis nas nossas cóstas, especialmente nas de Lisboa, e Setuval. Foi o Rei D. Affonso informado destes insultos, quando D. Fuas se achava em Coimbra, levando os merecidos applausos de triunfante. Estimou o Rei a opportunidade

da

Era vulg. da occasiaõ para remunerar os merecimentos de tal vassallo, mettendo-o no novo empenho de servir a Religiaõ, o Rei, e a Patria. Despede-o com cartas ao Governo de Lisboa, para que logo se faça prestes a armada das galez, que havia entregue ao commandamento de D. Fuas para sahir a castigar nos Barbaros o attrevimento de infestarem os seus mares. Depois de tantas idades tornáraõ a apparecer sobre elles os Portuguezes, que estavaõ destinados para devaçar os seus recostos nos climas, e Regiões mais apartadas. D. Fuas se encontrou sobre o Cabo de Espichel no dia 29 de Julho com a Armada inimiga, que soltando flamulas, e galhardetes, empavezada, e guerreira, se fez na volta dos nossos com semblante, de que antes vinha a celebrar o triunfo, que a entrar na batalha. Quanta corage cobraõ os contrarios, quando suppoem aos inimigos bisonhos na guerra! Taes pareciaõ entaõ os Portuguezes sobre as ondas; mas animados por D. Fuas, que nellas soube manejar

jar o tridente, investio, e rendeo a galé Capitania do General Dalxemi; fazendo as outras o mesmo ás que couberaõ á sua repartiçaõ. Era vulg.

Com o espectaculo das galés tomadas, mais vistoso por primeiro, entrou D. Fuas pela barra de Lisboa, aonde os moradores bordavaõ as margens do Téjo para congratularem com acclamações, e vivas aos authores do insolito triunfo. O seu écco fez nos ouvidos do Rei som taõ harmonioso, que mandou reforçar a Armada, e que D. Fuas obrasse com ella como bem lhe parecesse. Tornou o Capitaõ a sahir ao Porto no mesmo veraõ, e naõ achando inimigos nas cóstas de Portugal, e Algarve, demandou o Estreito, e se poz surto á vista de Ceuta. Temêraõ os Mouros o apparato naval, que entendêraõ já lhes levava a guerra á casa, naõ contentes os Portuguezes com a que lhes faziaõ na sua. Avistáraõ os nossos muitas embarcações, que tinhaõ sobre ferro naquella bahia, e resolutos a tomallas para resarcirem as despezas da ar-

Era vulg. mada, as investiraõ, e com morte de muitos Mouros as ganháraõ. Dous dias depois da victoria estiveraõ os nossos defronte de Ceuta, donde se fizeraõ na volta de Lisboa, que á vista da preza, os recebeo com alvoroços sem mais differença dos primeiros, que serem segundos.

1181 Para divertir as fadigas gloriosas desta feliz campanha, em que se seguíraõ humas a outras as victorias; D. Fuas sahio a entreter-se com o exercicio da caça para a parte, aonde agora está a Igreja de Nossa Senhora de Nazareth. Entaõ teve o encontro mais venturoso; descubrindo entre humas lapas aquella milagrosa Imagem, que Rodrigo, ultimo Rei dos Godos, e seu companheiro o Monge Romano haviaõ escondido na gruta veneravel no tempo da perda de Hespanha, como deixo referido no segundo Tomo. Era o dia de muita nevoa, e sahindo hum veado, D Fuas o foi seguindo a todo o correr do cavallo para o lado do mar, sem ver o perigo, em que se precipitava da eminente altura de

hu-

huma rocha, senaõ quando o cavallo já suspenso todo o corpo no ar; ficou firme milagrosamente sobre os pés na ponta do rochedo, aonde se conservaõ os sinaes. Invocou o soccorro da Santa Virgem, que lhe deo tempo para se apear sem perigo, fazendo mais prolongado o prodigio, que o grato cavalleiro agradeceo á sua Bemfeitora com a fundaçaõ da magnifica Igreja da Nazareth, hum dos Santuarios mais magestosos das Hespanhas.

Era vulg.

No anno seguinte quizeraõ Deos, e a Santa Virgem premiar o piedoso Heróe com huma morte preciosa na sua presença, honrada á vista dos homens. O Rei D. Affonso, satisfeito com os triunfos navaes de D. Fuas, ordenou, que com huma esquadra de vinte e huma galés sahisse a correr as costas do Oceano. Hum Oeste rijo o levou a embocar o Estreito, aonde foi descuberto pelas vigias da armada dos Mouros, que estava em Ceuta, numerosa de cincoenta e quatro galés bem esquipadas, guarnecidas da melhor gente de Africa, convocada

1182

Era vulg.

para desaggravar as injúrias passadas. Ignorava D. Fuas este poder, e quando o conselho dos prudentes o persuadia a evitar o combate, os Mouros a toda a força de remo, tinhaõ rodeado as nossas galés, e foi impossivel evitar a batalha. Os nossos obravaõ proezas, que punhaõ os barbaros em admiraçaõ; mas opprimidos pela desproporçaõ do poder; D. Fuas aberto em feridas exalando a alma; todos cançados da rudez do choque; os melhores cavalleiros mortos, perdemos onze galés, humas tomadas, outras deitadas a pique, e as dez com grande trabalho poderaõ sahir da peleija, e recolher-se a Lisboa, que se consolou na perda por estimar os seus mórtos como Martyres.

CA-

Era vulg.

CAPITULO IV.

Da Invasaõ formidavel do Miramolim de Marrocos sobre Portugal, e batalha milagrosa, em que o Rei D. Affonso o desbarata.

1184

O BRADO das nossas victorias terrestres, e navaes, o estrondo das nossas conquistas nas Provincias Lusitanas, e Betica, justamente fizeraõ conceber aos Mouros de Hespanha a idéa, que a haver nella dous Principes taõ incançaveis, como D. Affonso, sería de breve duraçaõ o seu dominio no nosso Continente. Passáraõ a Africa estes rumores, que recebiaõ espiritos do mesmo temor para chegarem mais animados aos ouvidos do Miramolim de Marrocos José Aben Jacob, segundo Rei dos Almohades, filho de Albohali, que anniquilára a familia dos antigos Almoravides. A este Principe, que anciosamente desejava dominar toda a nossa Peninsula, Mouros de Africa, e Hespanha lhe propu-

Era vulg. puzeraõ: Como os Portuguezes, mal satisfeitos com a conquista das Provincias da Estremadura, e Alem-Téjo, se derramavaõ como Leões famintos em demanda de mais prezas pelos Reinos do Algarve, e Andaluzia: que em huns, e outros naõ havia campanhas seguras ás suas irrupções, Praças firmes ás suas escalladas: que com as prosperidades arrogantes, já o mar lhes naõ servia de freio para os conter de passar a Africa, devaçar as suas cóstas, talar os seus campos, cativar os seus moradores: que se lhes dessem tempo para se engrossar, brevemente choraria Africa a sua ruina, quando visse dentro em si com cáras de conquistadores os Portuguezes conquistados.

Fizeraõ estas vozes a impressaõ mais sensivel no Miramolim ambicioso, e foraõ o Decreto para o rompimento de guerra contra nós, que exterminados da face da terra na imaginaçaõ soberba do Barbaro, faria depois geral o exterminio dos Christãos da Hespanha. Sem demora soou por Afri-

ea a Gazua sonora dos Cacizes para se alistar a prole guerreira dos Agarenos, inimigos inexoraveis da Santa Cruz. Foraõ convidados treze Reis de Africa, e Hespanha para se ajuntarem com outros tantos exercitos ao do Miramolim, e espremerem com o seu pezo todo o succo do nosso valor, da nossa nutriçaõ, da nossa vida, e liberdade. Eraõ os Reis convidados Abuzeo de Abdera; Azum; Heyza Aben Muza; Abazach; Imahe; Abunizef; Zus; Calema de Chedela; o Rei de Bugia; Alborach de Sevilha; o de Cordova; o de Granada; o de Murcia, e Valença. Depois destes se nomea tambem o de Féz; e os Regulos do Algarve. A opiniaõ geral dos nossos Chronistas he, que os exercitos destes Soberanos unidos ao do Miramolim formavaõ o número monstruoso de quatro centos mil cavallos, e quinhentos mil Infantes. A Historia dos Godos, que naõ os contou tanto pelo miudo, naõ ha dúvida, que nos diz: Como em Sevilha se ajuntou taõ copioso exercito; que

Era vulg.

Era vulg.

que só Deos, o qual pode contar as gotas de agua, quando chove, lhe podia saber o número.

Achavaõ-se o Infante D. Sancho em Santarem, e seu Pai em Coimbra, quando este apparato marcial, capaz de assustar outros espiritos, que naõ fossem os seus, se movia de Sevilha contra elles. Portugal feliz, tanto mundo contra ti, tu só contra tanto mundo? Com razaõ, que tu pódes tudo com o auxilio do Senhor, que te conforta; do Senhor, que te soccorreo no Campo de Ourique, e agora marcha sobre as penas dos ventos a achar-se comtigo nos de Santarem. Vaõ tremendo as nossas campanhas com o movimento dos Barbaros; attropeladas as plantas, abatidas as arvores, seccos os ribeiros, aballadas as pedras, a terra feita em pó tudo escurece, horrorisa, espanta. Porém os corações intrepidos, impavidos, generosos naõ se perturbaõ, renovaõ os espiritos, esperaõ indifferentes o triunfo, ou a morte, tudo para elles glorioso, e desejavel; que morrer

com

com a Patria, ou salvar com ella, he honra igual; qualquer dos successos dignos de fama immortal. Naõ ha Portuguez ocioso; todos se occupaõ, huns em guarnecer, e fortificar as Praças do Alem-Téjo; o Infante com alguns em levantar em Santarem Palanques de madeira, que presume fazer invenciveis a todo o poder dos Agarenos; D. Affonso com os menos, determinado em Coimbra a vir attacar braço a braço ao Miramolim em campo, para mostrar a todo o mundo, que he o primeiro Rei de Portugal, que funda a Monarquia nas promessas da Palavra Omnipotente, que derrota exercitos invenciveis com bandos de mosquitos, e zunidos de moscas.

Era vulg.

Cahe o primeiro impeto dos Barbaros sobre Torres-Novas, que he arrazada até aos fundamentos em castigo da muita gente, que lhes degolla, antes que se renda. Daqui seguem a marcha para Santarem, aonde a prizaõ imaginada do Infante os lisongeia, como fructo o mais especioso, que se

pro-

Era vulg.

propoem colher nesta guerra. Dentro do seu palanque os esperaõ os bravos homens, aos quaes naõ sabemos mais nome, que o de Portuguezes. Soffrem o primeiro temeroso assalto com tanta constancia, como o rechedo immovel no meio do mar o combate das ondas furiosas. Á maneira dellas, os Mouros vaõ, e retrocedem; substituem muitos vivos a praça de cada morto; mas os promontorios naõ se aballaõ. Cessa o avance, ou porque acaba o dia, ou porque os Mouros já naõ podiaõ vêr sem horror a sua carnagem. Solemnizaõ os nossos os seus mórtos como primicias da Guerra Santa, que offerecem a Deos, e todos lhe votaõ ser Hostias pacificas, que deixáraõ immolar-se na defensa da sua causa para encontrar nellas cheiro de suavidade. Assim espirou o dia déz de Julho, presagio feliz do seguinte, que se esperava.

Os nossos amanhecêraõ nelle coroando as prostradas ruinas do Palanque, taõ affoutos, que sobre se mostrarem os mesmos homens, faziaõ vêr,

vêr, que os ſeus peitos deſcubertos erão o muro mais firme da Praça. O Infante nos lugares do maior perigo parecia hum eſpirito, que por modo de expulſaõ fazia emanar de ſi todas as almas do heroiſmo para cada ſoldado obrar intrepido, como ſe foſſe huma parte da ſua ſubſtancia. Cinco dias ſucceſſivos durou a porfia contumaz com grande mortandade dos Barbaros, naõ ſem perda noſſa, ella já matizada com o ſangue precioſo do noſſo Infante ferido. A largas jornadas marchava o Rei D. Affonſo com a gente da Beira, de Entre-Douro e Minho a acodir á prenda da ſua alma, ſem lhe fazerem pezo 75 annos de idade, huma perna quebrada, nem duvidar de conſeguir a victoria com poucos homens de huma multidaõ immenſa de Infieis. A noticia deſta marcha os inquieta, e temem que baſte a viſta do Rei para os vencer, e ouvir no campo o ſeu nome para eſmaiar.

Era vulg.

A primeira prova do ſeu medo foi eſperarem o Rei dentro das trin-

chei-

Era vulg. cheiras: manobra incrivel em exercito ſemelhante, ſe o reſpeito do Heróe naõ foſſe o ferro agudo, que antes da batalha os penetrou. O Infante com os cavalleiros gentis ſahio da praça, quando ſeu Pai appareceo no campo. Nós conjecturamos pelo deſtroço qual ſeria o furor deſte combate. Legoas de terra ficáraõ juncadas de cadaveres dos Mouros, entre elles alguns dos Reis, e das peſſoas de maior qualidade. O Miramolim morreo ao paſſar o Téjo das muitas feridas, que recebeo na batalha. Para a grandeza dos deſpojos faltou a cubiça, os ſoldados deſprezavaõ as riquezas; os Principes recolhiaõ a gloria. Eſte triunfo deſaſſombrou Heſpanha, firmou a noſſa Monarquia, conſummou a reputaçaõ de D. Affonſo, que acabou como Ciſne cantando os ſeus meſmos Epinicios; fez écco eſtrondoſo por toda a Europa, mais juſtamente merecido por cada huma das ſuas circunſtancias, que antes a famoſa victoria de Clavijo; que depois as memoraveis das Navas de Tolo-

losa, e do Salado, estimadas pela redempçaõ de Hespanha. Só em Portugal foi taõ insignificante o seu estrondo, que naõ quiz deixar-nos memoria de quem foraõ os Patricios, eternamente dignos de ser lembrados, merecedores de lembrança eterna, que o ganháraõ, nem ao menos o modo por que elles o conseguíraõ.

Como das reliquias deste estrago os Mouros podiaõ formar outra nova guerra; sitiáraõ a Praça de Alenquer; mas encontrando vigorosa a resistencia, foraõ descarregar o golpe na Villa aberta da Arruda, aonde desaffogáraõ a cólera nos pobres moradores para lavarem com taõ pouco sangue, e taõ mal derramado a nodoa inapagavel da covardia, que se imprimíraõ sobre Santarem. Entendêraõ que fariaõ o mesmo em Torres-Vedras: porém desenganados, de que buscar as occasiões era o meio de augmentar as perdas, destroçados, e corridos se recolhêraõ ás suas terras. Este foi o fim do apparato bellico, que revolveo Africa, inquietou Hespanha, e no fim de

Era vulg. de póucas ſemanas veio a ficar eſmagado debaixo dos muros de Santarem; e eſpremido ás mãos de bem poucos Portuguezes.

Eſta foi a ultima façanha militar do Rei D. Affonſo Henriques, e o caſamento de ſua filha a Infante D. Thereſa com Filippe, Conde de Flandres; a ultima politica, que ſabêmos do ſeu governo. Obrou outras innumeraveis, que podiaõ encher volumes; a maior parte nos eſcondêraõ os homens; muitas nos occultou o tempo. Nós reſpeitaremos ſempre o Rei adoravel, que nos formou o Reino, ganhando palmos de terra a troco de ſangue: Veneraremos o Principe guerreiro, que coberto de ferro na campanha, fazia palpitar os corações; com huma ſobrepeliz de Conego no coro de Santa Cruz, edificava a piedade: o Principe conquiſtador, que deitava por terra os muros das Praças inimigas, e levantava para Deos grande número de Templos Sagrados; o Rei, que edificou para a Religiaõ Padrões magnificos; que para a Patria eſtabeleceo Monu-

numentos immortaes; que para o ſeu nome fabricou gloria eterna, ſerá ſempre objecto ſaudoſo dos bons Portuguezes, honra de Portugal, gloria dos noſſos Faſtos, aſſumpto permanente do pregaõ da Fama.

Era vulg.

D. Affonſo Henriques era hum Monarca, que reinava ſobre o ſeu Povo tanto por amor, e por clemencia, como por authoridade, e poder. A ſua prudencia no governo ſervio de modelo aos outros Reis ſeus Succeſſores. Deixou-lhes bem trilhados os caminhos da juſtiça, e piedade; do zelo da honra de Deos, e reſpeito á ſua Igreja; da fortaleza, e magnanimidade; da liberalidade, e clemencia; do amor dos Povos, e ſua felicidade: em fim, de todas as virtudes, que ſaõ as mais proprias das Coroas, e fazem aos Reis dignos da Mageſtade. Sentindo elle a ſua ſaude languida, e que a morte eſtava perto, da Cidade do Porto, aonde tinha ido aſſiſtir com o Infante D. Sancho ao embarque de ſua filha para Flandres, recolhe-ſe a Coimbra para empregar todo o reſto

do

Era vulg. do tempo nos negocios da alma, ainda que delles se naõ tinha esquecido em quasi toda a carreira da vida.

CAPITULO V.

Da morte preciosa do Rei D. Affonso Henriques, e suas heroicas virtudes.

1185 SOBREVEIO ao Rei D. Affonso Henriques a ultima enfermidade, que foi prolongada, para que exercitando nella actos heroicos de paciencia, lhe servisse a tolerancia de expiaçaõ aos defeitos da humanidade. No mez de Dezembro se aggravou a queixa, que já promettia duraçaõ breve; mas sem lhe impedir a debilidade o fervor, com tanto recebeo o Rei os Santos Sacramentos da Igreja, e fez todas as operaçóes de Catholico, que enchia de edificaçaõ a piedade mais delicada. No dia seis do mesmo mez do anno de 1185 com morte preciosa, entregou o espirito ao Creador aos setenta e seis annos de idade, e cincoenta

Era vulg.

ta e cinco de Reinado depois da morte de sua Mãi a Rainha D. Theresa, succedida em 1130. Todo o Reino deo as demonstrações mais vivas de sentimento na falta do Restaurador da sua liberdade, do Fundador da Monarquia, do primeiro Pai da sua Patria, Modelo de Reis, Terror dos Barbaros, Coluna da Igreja Lusitana; do Heróe, que na sua vida principiou, estabeleceo, ampliou, polío, fortaleceo, e fez respeitavel o Reino.

Teve el Rei onze palmos de alto com taõ ajustadas proporções, que o representavaõ hum formoso homem. As forças eraõ á medida da estatura. Quem levava hum golpe, escusava segundo, e elle em sua vida deo muitos. Faziaõ, que respirasse Magestade os olhos vivos, e rasgados, o rosto comprido, a bocca grossa, o cabello castanho escuro, largo sobre os hombros. As idades veneráraõ por santo este filho de milagre; as suas acções abonaõ a veneraçaõ; os succesos posthumos o titulo. Foi sepultado no Convento de Santa Cruz de Coimbra

Era vulg. com pompa digna de tal Rei, correspondente ao amor de taes vassallos; mas em sepultura humilde; que então a nossa sinceridade nem para os cadaveres dos Reis levantava soberbos os Mausoléos. Nella foraõ gravados por Epitaphio os versos seguintes:

Alter Alexander jacet hic, aut Julius alter,
Belliger, Invictus, splendidus orbis honor.
Pacis, & armorum cauto moderamine doctus
Alternare vices tempora tuta dedit.
Quid pietas Christi, vel quantum debeat isti,
Ad Fidei cultum Regna subacta docent.
Post Regni fastus Fidei moderamine pastus,
In miseros inopes accumulavit opes.
Quod Crucis hic Tutor fuerit, nec non Cruce tutus,
Ipsius clypeo Crux clypeata docet.
Vivax Fama, licet tibi tempora longa reserves.
Digna suis meritis dicere nemo potest.

El Rei D. Duarte principiou a ornar este humilde Monumento, que o Rei D. Manoel fez magnifico nas paredes da Capella Mór do mesmo Convento, aonde elle fez abrir novo Epitaphio Latino, que diz no nosso Portuguez: « Affonso Henriques primeiro Rei de » Portugal, pelo sangue Real, Reli« giaõ, e armas clarissimo, o qual ven-

» ci-

Era vulg.

» cidos em varias batalhas o Impera-
» dor D. Affonſo, Rei de Caſtella,
» em defenſa do ſeu Reino, e vinte
» Reis Mouros poderoſiſſimos, acom-
» panhados de grandes exercitos, em
» augmento da Chriſtandade, e naõ
» tendo elle da ſua parte mais que
» poucos ſoldados, a pureza da Fé,
» e grandeza de animo, de que era
» dotado: livrou da eſcravidaõ dos
» Mouros, e reſtituio á Igreja de Je-
» ſu Chriſto Lisboa, Santarem, Evo-
» ra, e outras quatorze Povoações for-
» tiſſimas. Fundou, e enriqueceo li-
» beralmente eſte convento, o Moſ-
» teiro de Alcobaça, e outros mui-
» tos: Naõ ſó deixou ao Reino, e aos
» ſeus Deſcendentes as Armas, em
» que ſe repreſentaõ as Chagas de Je-
» ſu Chriſto o qual lhe appareceo,
» mas geralmente a todos hum exem-
» plo admiravel. A ſua virtude he
» igual ás ſuas obras; naõ dá lugar a
» que em ſeus Elogios ſe paſſe a dian-
» te. Seus piedoſos Herdeiros mandá-
» raõ levantar eſte Sepulchro ao Prin-
» cipe inclyto, taõ benemerito da

Era vulg.

» República Christã, de sua Patria, ,
» Reino, e vassallos. Falleceo no an-
» no do Senhor (segue este Epitaphio
» a errada conta antiga) de 1185 ten-
» do *setenta e trez* annos de seu
» Reinado, e de idade *noventa e*
» *hum*, no sexto dia do mez de De-
» zembro. »

Até hoje se conserva incorrupto o seu cadaver, que em carne espera a resurreiçaõ; que Deos tem honrado com prodigios; que algum tempo em certo dia do anno se mostrava ao Povo, que concorria a beijar-lhe a maõ com profunda veneraçaõ, e respeito, como a Santo, e como a Rei. Quando el Rei D. Joaõ o I. ganhou Ceuta aos Mouros, appareceo D. Affonso Henriques no Coro de Santa Cruz a toda a Communidade vestido de armas brancas, e lhe disse, que fora com seu filho o Rei D. Sancho ajudar os seus vassallos na conquista de Ceuta. Deste caso verdadeiro, e de outros muitos succedidos em Santa Cruz, se serviraõ os Monges de Alcobaça para renderem ao Rei culto

pri-

privado com Antiphona, Verso, e Oração, com Officios, e Missas celebradas com paramentos de Festa. E quem póde duvidar, que de todas estas demonstrações piedosas são dignas as virtudes heroicas de hum Rei, que a maior, e melhor parte da vida encheo de edificação aos seus Póvos; e que ellas erão ouvidas, aonde chegava o écco do seu nome, e das suas victorias?

Era vulg.

Era hum Rei, que todo o tempo, que lhe ficava livre do exercicio das armas, do expediente, e despacho dos negocios civís, todo gastava com Deos na oração, e contemplação, já no Mosteiro de Santa Cruz, já no de Alcobaça, ou no de S. João de Tarouca. Alli formava no coração as ascenções sublimes no valle das lagrimas; chegando-se ao Senhor para ser illuminado. Nos Córos daquellas Communidades respeitaveis, o Principe, que na campanha parecia hum Leão intrepido, alli era hum cordeiro manso, ligado para o sacrificio de louvor como hostia viva, racio-

Era vulg.

cional obſequio, que inculcava naõ ſe conformar com o ſeculo, quando tinha na ſua maõ o amplo, e illimitado Poder temporal. Rei no Templo, e Biſpo fóra delle, todo o ſeu esforço applicava para engrandecer, propugnar a Igreja. Reſtaurou as Cathedraes de Lisboa, Evora, Viſeo, e Lamego; illuſtrou-as com Biſpos benemeritos, e as enriqueceo com Doações copioſas; fez brilhantes as Collegiadas da Alcaçova de Santarem, e Guimarães; defendeo o Reino com paredes ſagradas, e militares, que ambas reſiſtem; as primeiras com as preces, que dellas ſahem, as ſegundas ás ballas, que em ſi recebem.

Nos negocios da guerra foi D. Affonſo hum Corifeo impavido, que nunca conheceo o medo. Com poucos, ou com muitos ſoldados ſempre acometteo, e huma ſó vez deixou de vencer. Para iſſo foi neceſſario, que o deſtino lhe quebraſſe huma perna para naõ ſe entender invencivel, aſſim como o grande Alexandre, que ſe conheceo homem mortal, quando

Era vulg.

se sentio ferido. As duas batalhas do Campo de Ourique, e de Santarem; os dous choques de Alcacere do Sal, e Palmela, saõ quatro argumentos de sublimidade, que elevaõ o espirito valeroso de D. Affonso sobre o dos Capitães venerados na antiguidade. Leonidas, e Themistocles na Grecia, Fabio, e Marcello em Roma, se o excedêraõ na fortuna, porque tiveraõ quem lhes perpetuasse os Fastos, naõ o igualáraõ nas obras, que se elevaõ tanto na elegancia, quanta era a vantagem Real, que lhes levava no caracter. De Rei, e homem, de General, e soldado, de Chéfe, e subdito fazia Affonso os officios, quando lhe era necessario para ganhar as victorias, para animar as trópas, para naõ ter ociosa a authoridade, nem o valor.

Para os expedientes da Paz, a nada sensivel, para todos igual, dava espiritos á dexteridade com a excellencia das idéas, com a nobreza da modestia, com a atracçaõ da affabilidade; no modo de propôr, de persuadir, de mover, era fórte, insinuan-

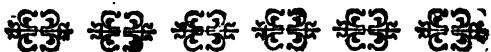
Era vulg.

nuante, efficaz, activo, quando delicado. Com a grandeza das acções, com a venerabilidade da presença, com o tom tocante das palavras animava a Mageſtade. Baſtava vello obrar, ouvillo dizer, e moſtrar-ſe, para ſe conhecer, que era Rei. Os ſyſtemas da Religiaõ marchavaõ na vã-guarda da ſua economia. O zelo pela Fé, a obediencia á Igreja, o reſpeito ao ſeu Chéfe, o ardor pela obſervancia dos Canones, e Diſciplina Eccleſiaſtica, tudo era do tamanho da ſua piedade. As próvas mais incontraſtaveis deſtas verdades ſaõ os muitos Moſteiros, que fundou, e dizem chegar ao número de cento e cincoenta; mas ſenaõ foraõ tantos, foraõ muitos. Outro teſtemunho naõ menos elegante foi a amizade eſtreita com S. Bernardo; a confiança, que tinha nas ſuas Orações; a eſtimaçaõ, que fazia dos ſeus Monges: a meſma lhe devêraõ os Conegos de Santo Agoſtinho, e as Sagradas Congregações do ſeu tempo.

Sublimou os Cavalleiros Templarios aos principios da grandeza, que de-

depois tiveraõ. Enobreceo o Reino com as Ordens de Aviz, e da Ala: admittio nelle as de S. Joaõ de Jerusalem, hoje de Malta, e a de Sant-Iago. Honrou a Gonçalo Mendes da Maia com o Titulo de Adiantado Mór, que foi o unico: a Gonçalo Roiz com o de Mordomo Mór: a D. Fuas Roupinho com o de Almirante: a D. Pedro Paes, e a Fernando Affonso com o de Alferes Mór: ao Estrangeiro Alberto com o de Chanceller: a D. Gonçalo Viegas, filho de Egas Moniz, creou Graõ-Mestre de Aviz. Concluo este breve, e incompetente Elogio do primeiro Fundador do nosso Reino com dizer, que esteve sempre com a liberalidade em competencia: elle empenhado em esgotalla prudente, e ella desvelada em o fatigar officiosa.

Era vulg.

❧ ❧ ❧ ❧ ❧ ❧

LIVRO XI.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Da vida, e acções do Rei D. Sancho I., e II. de Portugal.

Era vulg.

NO anno de 1175, dez annos antes da morte do Rei D. Affonso Henriques, seu filho o Infante D. Sancho havia casado com a Rainha D. Dulce, filha de D. Ramon Berenguer, XV. Conde de Barcelona, Principe de Aragaõ, e de sua mulher D. Petronilha, Rainha de Aragaõ, filha de D. Ramiro II. o Monge. Abençoou Deos este matrimonio, que procreou feliz, e adoravel geraçaõ para illustrar a Igreja, e illuminar os Thronos. Destes Reis ditosos foraõ filhos a Infante D. Constança, que nasceo em Maio de 1182, e falleceo a 3 de Agosto de 1202; a santa Infante D. Theresa,

que

que casou com D. Affonso IX. Rei de Leaõ no anno de 1190, e se separáraõ por parentes em 1195, falleceo a 17 de Junho de 1250, e jaz no Convento de Lorvaõ, aonde foi Religiosa: a santa Infante D. Sancha, que morreo a 13 de Março de 1229, e está sepultada no dito Convento de Lorvaõ, aonde tambem foi Religiosa.

Era vulg.

Tiveraõ mais ao Infante D. Affonso, que succedeo no Reino, e nasceo a 23 de Abril de 1185: ao Infante D. Pedro, que nasceo a 23 de Março de 1187, e casou com Arambiaux, Senhora do Condado de Urgel, depois foi Senhor de Malhorca, fundou a Sé desta Cidade, e morreo a 2 de Junho de 1258: ao Infante D. Fernando, que nasceo a 24 de Março de 1188, foi Conde de Flandres em razaõ do seu casamento com Joana, Senhora do mesmo Condado, no anno de 1211, falleceo em Noyon a 26 de Julho de 1233, e jaz na Abbadia de Market junto a Lilla: ao Infante D. Henrique, que nasceo em 1189, e jaz em Santa Cruz de Coimbra: ao Infan-

fan-

Era vulg. fante D. Raimundo, que naõ ſabemos o anno do ſeu naſcimento, nem o da ſua morte: a Infante D. Mafalda, que caſou com Henrique I. Rei de Caſtella, no anno de 1215, voltou para Portugal em 1217, morreo no primeiro de Maio de 1256, e jaz no Convento de Arouca: a Infante D. Branca, que foi Senhora de Guadalaxára, falleceo a 17 de Novembro de 1240, e jaz em Santa Cruz de Coimbra: ultimamente a Infante D. Berenguella, que caſou com Valdemaro II. Rei de Dinamarca, e morreo ao primeiro de Abril de 1220.

Fóra do matrimonio teve o Rei D. Sancho outros muitos filhos. De huma ſenhora chamada D. Maria Annes de Fornellos lhe naſcêraõ Martim Sanches, que foi ſoldado valeroſo, e retirado de Portugal por deſgoſtos com ſeu irmaõ o Rei D. Affonſo, teve a Dignidade de grande Seneſcal com o Condado de Traſtamara: a D. Urraca Sanches, que foi mulher de Lourenço Soares. De outra Fidalga, por nome D. Maria Paes Ribeira, hou-

ve

Era vulg.

ve filhos a D. Theresa, mulher de Affonso Telo de Menezes, que povoou Albuquerque, e he a origem das familias do seu appellido: a D. Constança, que acabou o Mosteiro de S. Francisco de Coimbra na vida do Santo Patriarca: a Gil Sanches, que foi Clerigo, e a Rodrigo Sanches, que morreo em hum encontro, que entre si tiveraõ os Portuguezes junto á Cidade do Porto.

Dos filhos legitimos de D. Sancho, o Infante D. Fernando, que foi Conde de Flandres por sua mulher Joanna, filha de Balduino, Imperador de Constantinopla; como Filippe Augusto, Rei de França, contribuio muito para este casamento, foi-lhe facil reduzir o Infante para ceder em seu filho primogenito Luiz as Cidades de Aire, e Sant'Omer. Quando D. Fernando se vio na posse do seu Condado, entaõ conheceo a falta, que comettêra, em se despojar do direito, que lhe parecia importante. Arrependeo-se do que tinha obrado, e entrou a trabalhar com effica-

cia

Era vulg. cia para separar todos os Grandes dos seus Estados dos interesses do Rei Filippe, e inclinallos aos dos seus inimigos. Daqui se originou a guerra entre elle, e o Rei de França, que atacando a Flandres, fez nella conquistas consideraveis. Na sua ausencia as restituio D. Fernando, avançou outras nos Dominios de Filippe, e ajustou contra elle huma liga com o Imperador Otaõ IV., e com Joaõ Sem-Terra, Rei de Inglaterra, e outros Alliados.

O effeito desta liga foi a batalha de Bouvines, que teve as consequencias mais funestas. O Rei de França, depois de ferido, e o exercito quasi roto, a sórte se mudou a seu favor, derrotou os inimigos, e a D. Fernando, que se havia destinguido gloriosamente nesta acçaõ, o fez prisioneiro. Depois de estar alguns tempos na torre do Louvre, que foraõ perto de doze annos, a Rainha D. Branca, Mãi de S. Luiz, por hum esforço da sua politica o restituio aos Estados para se servir delle contra os Princi-

pes

pes perturbadores da ſua Regencia. Deixou duas filhas, D. Maria de Flandres, que eſteve contratada com Roberto, Conde de Artois, e D. Sybilla, que foi mulher de Guichardo III. Senhor de Beaujeu.

Era vulg.

D. Pedro, outro filho legitimo do Rei D. Sancho, teve com ſeu irmaõ D. Affonſo II. diſcordias taõ pezadas, que o obrigáraõ a preferir a reſidencia das Cortes Eſtrangeiras á da propria Patria. Eſteve algum tempo na de Marrocos, donde paſſou para a de Aragaõ, e pelo ſeu caſamento foi Conde de Urgel; mas como naõ teve filhos, nem pode gozar pacifico a poſſe dos bens, que lhe dotou a Condeça ſua mulher, determinou-ſe a accommodar com D. Jaime, Rei de Aragaõ, que o deixou poſſuir os Reinos da Mayorca, e Minorca. Como eſte Dominio ſoffria entaõ irrupções repetidas dos Sarracenos, o Infante entregou os dous Reinos ao Rei de Aragaõ, e houve de ſe contentar com as Cidades de Segorbe, e Morella em Catalunha.

Era vulg.

Tres dias depois da morte do grande Rei D. Affonſo foi acclamado ſeu filho D. Sancho com as ceremonias, que entaõ ſe coſtumavaõ. Como ellas entre nós eraõ as primeiras, a Corte ordenou huma pompa brilhante, no meio da qual hia o Rei por todas as ruas públicas de Coimbra, até chegar á Cathedral, aonde a Rainha já o eſperava. Aſſiſtíraõ ambos aos Officios Divinos, e depois recebêraõ as Coroas da maõ do Biſpo D. Martinho; voltando logo com a meſma comitiva entre acclamações, e vivas da plebe para o Paço. Trinta e hum annos tinha D. Sancho quando começou a reinar, e como pegou no Sceptro com mãos robuſtas, já bem coſtumadas a mover a eſpada, todos ſe promettiaõ as felicidades civís, acompanhadas das vantagens militares. Aſſim ſe entrou a ver nos ſeus principios de governar; porque tanto ſe applicou á reedificaçaõ, povoaçaõ, e augmento das Cidades, Villas, e Caſtellos; tanto favoreceo a agricultura, e as applicações dos homens,

que

que justamente foi chamado por Devisa de honra o *Povoador*.

Era vulg.

Naõ contava D. Sancho hum mez de Rei, já se apressava em render obediencia ao Chéfe visivel da Igreja, em confirmar á Santa Cruz as Doações, que seu Pai lhe fizera, para que a piedade naõ lhe sentisse a falta. Como a invencivel espada de D. Affonso deixára os Mouros taõ cortados, e entre elles a reputaçaõ de D. Sancho, confirmada com a experiencia, era muito grande; naõ se atrevêraõ a inquietallo nos primeiros annos, de que se servio para adiantar os interesses domesticos. Entaõ principiou elle a tratar com todo o desvello do reparo, e povoaçaõ dos lugares; em attender com mercés, e despachos aquelles objectos, que tinhaõ sido do agrado de seu Pai, especialmente os Mosteiros de Santa Cruz, e Alcobaça; a Ordem Militar de Sant-Iago, á qual entregou os Castellos de Alcacere, Palmela, Almada, e Arruda; a de Avis, que recebeo delle os Castellos de Alcanede,

1186

Era vulg. Alpedris, e ao ſeu Graõ-Meſtre D. Gonçallo prometteo o de Juromenha ſe Deos permitiſſe, que o ganhaſſe aos Mouros. Depois honrou com beneficios os Ricos-Homens, vaſſallos fideliſſimos, e inſeparaveis de ſeu Pai, com mais particularidade a Vaſco Fernandes, a Pedro Affonſo, a Fernaõ Veya, a Affonſo Hermigues, a Mem Gonçalves, que aſſim como ſe haviaõ diſtinguido no ſerviço, deo-lhes premios naõ vulgares.

1187 Já por eſtes tempos Portugal principiava a ſentir a conjuraçaõ dos Elementos, que o opprimiraõ com effeitos calamitoſos, ſem excepçaõ da peſte, e fome, que naõ deixáraõ obrar ao Rei D. Sancho as gentilezas, de que o ſeu eſpirito era capaz. Os Mouros ſe aproveitáraõ das noſſas afflicções para avançar os ſeus intereſſes; mas o Rei a tudo ſuperior, eſtimulado de que os ſeus póvos naõ o deixaſſem ir á reſtauraçaõ da Terra-Santa, conquiſtada por Saladino, ſendo convidado pelo Papa Urbano III.; para ao menos com as armas fazer

com-

companhia aos Principes bellicosos, que acceitáraõ a Cruzada; determina fazer a guerra aos Barbaros no Algarve. Quando D. Sancho se occupava nestes pensamentos, a Providencia lhe trouxe a Lisboa huma Fróta de cincoenta náos do Nórte, que navegavaõ para a Syria, e forçada de hum rijo temporal ferrára aquelle porto. D. Sancho convida os seus Cabos, e os acha promptos para o ajudarem na conquista de Sylves, que entaõ era Cidade de tanta reputaçaõ, como hoje de miseria. O Rei lhes prometteo todo o despojo, sem reservar para si mais que o dominio daquelle azylo ordinario dos piratas de Africa.

1188

Marchou D. Sancho com o exercito por terra, levando a vã-guarda com jornadas avançadas seu sobrinho o Conde D. Mendo de Sousa. Os Estrangeiros vieraõ com a Armada, ou á Bahia de Lagos, ou ao porto de Villa-Nova, que manda o seu rio até Sylves, mas taõ pouco fundo, que apenas em maré cheia chegaõ á Cidade pequenos barcos, e aquellas

Era vulg. duas legoas haviaõ os Cruzados andal-las por terra. O Conde D. Mendo, que chegou ao campo com a vã-guarda ao meſmo tempo, ſem eſperar por el Rei, os convidou para darem á Cidade hum aſſalto, que os valeroſos Cruzados naõ recuſáraõ. Foi taõ vigoroſo, que a pezar da reſiſtencia dos Mouros, forçáraõ os muros dos arrabaldes, de que hoje naõ ha veſtigios, nem de arrabaldes, nem de muros, e os leváraõ á eſcalla. Dizem, que a Cidade naõ teve logo o meſmo deſtino em razaõ da cubiça dos Eſtrangeiros, que cevados na preza ganhada, eſquecêraõ a gloria de conſummar o triunfo. Naõ eſtou por eſta opiniaõ á viſta dos muros da Cidade, que arruinados, como agora eſtaõ, moſtraõ bem a ſua fortaleza, e taõ bem preſidiados de Mouros, naõ era poſſivel antes de batidos, ſer levados de hum repelaõ.

Chegou el Rei com o groſſo do exercito ao campo; o noſſo alvoroço creſce; os Mouros deſmaiaõ, que vem ſobre ſi o conquiſtador triunfan-

te de Andalusia, e o escandalo glorioso do seu Miramolim sobre Santarem. Sem perda de tempo entraõ a laborar as maquinas, e a tremer as altas torres do recinto de Sylves; mas as cortinas mal rotas, e os animos impacientes pelo assalto, os nossos experimentáraõ nelle os effeitos do desacordo na perda de muitas vidas, que intentáraõ derrubar com os peitos muralhas fortes. Vio-se a necessidade de minar os seus alicerces; manobra, que sendo sentida dos Barbaros pelo ruido dos gastadores, as contramináraõ. Foi-se prolongando o cerco, trabalhando, peleijando, morrendo de ambas as partes, os nossos firmes, os Mouros contumazes, até que por meio de hum grande combate, e a troco de muito sangue, podemos fazer-nos senhores do poço principal, donde bebia a guarniçaõ, que se rendeo salvas as vidas. Acharaõ-se nesta conquista os dous Martinhos, Bispos de Coimbra, e do Porto, muitos cavalleiros illustres, e os Estrangeiros, que recolhendo os despojos promettidos,

Era vulg.

con-

Era vulg. continuáraõ a ſua viagem. A Cidade naõ eſteve muito tempo no noſſo poder, e recobrando-a os Mouros, foi depois objecto de outro ſitio, de que a ſeu tempo fallará a Hiſtoria.

CAPITULO II.

Continua o Rei D. Sancho a conquiſta do Reino do Algarve, e ſe referem outros ſucceſſos.

1189 TODOS os noſſos Chroniſtas ignoráraõ as expedições do Rei D. Sancho no Reino do Algarve; os Caſtelhanos ás mais que ſe ſeguíraõ até ao tempo de D. Affonſo III. as tiveraõ por hum attentado: eſtes, e aquelles Eſcritores preoccupados da errada idéa da limitaçaõ da noſſa conquiſta, demarcada pelo Rei D. Affonſo VI. ſobre a terra dos Mouros, em que tinha tanto direito, como qualquer outro Principe, que era o das armas. Já vimos, que D. Affonſo Henriques teve bem longe de ſi ſemelhante penſamento, que o Rei D. Sancho agora moſtrou com

Era vulg.

com a experiencia lhe naõ passava pela imaginaçaõ. Vio no seu poder a Cidade de Sylves, entaõ a força mais principal do Algarve, colhida como hum fructo do seu valor; e para mostrar, que a espada fizera legitima a sua posse, mandou logo fundar a Igreja Cathedral, e nomeou por seu Bispo ao Varaõ virtuoso Nicoláo, que depois da perda de Hespanha, foi o primeiro Prelado, que doutrinou aquelles Póvos. De Sylves marchou D. Sancho a continuar a conquista; ganhou Alvor, Abenabeci, que presumo seria Albofeira, com outras mais terras do Reino, e desde logo começou a intitular-se Rei de Portugal, e do Algarve.

1190

Estas passàgens taõ importantes da nossa Historia, tendo em casa as próvas mais constantes da sua verdade, todos os nossos Antigos as ignoráraõ. Elles as saberiaõ se na Torre do Tombo, e no Archivo do Mosteiro de Grijó vissem a Doaçaõ, que no anno de 1190 fez o Rei D. Sancho ao mesmo Mosteiro, na qual diz: *Saibaõ*

to-

Era vulg.

todos os que ouvirem ler esta Carta, que eu Sancho, por graça de Deos, Rei de Portugal, e do Algarve, faço ao Mosteiro de S. Salvador de Grijó, e ao seu Prior, para remissaõ dos meus peccados, e em memoria de D. Alvaro Martins, que foi morto na tomada de Sylves. Elles as saberiaõ se vissem outra Carta em Alcobaça, em que o mesmo Rei no anno de 1191 lhe doa o Castello de Abenabeci por estas palavras: Eu Sancho, por graça de Deos Rei de Portugal, e do Algarve, faço Carta de Doaçaõ á casa de Alcobaça, e a vós D. Martinho, Abbade do mesmo lugar, do Castello chamado de Abenabeci. Elles as saberiaõ se examinassem outra Doaçaõ feita ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra no mesmo anno da tomada do Algarve, que foi o de 1189, na qual lhe dá o Castello de Alvor, e nella refere, que deixára por Governador em Sylves a D. Rodrigo Sanches, e por Bispo a D. Nicoláo, que confirma a mesma Doaçaõ. Estes, e outros Monumentos semelhantes, saõ

os

os que desterraõ da Historia as preoccupações, que lhe introduzem os espiritos crédulos, governados pelas tradições viciadas, ou pela fé de Authores, que naõ tem o caracter bem provado.

Era vulg.

Flagello formidavel, innundaçaõ barbara se preparava a Portugal, quando D. Sancho coroado de tantos triunfos no Algarve, victorioso, e rico com despojos innumeraveis dos Mouros do Alem-Téjo, com a Dignidade Real confirmada pelo Papa Clemente III. applicava-se todo a multiplicar, e engrandecer as Povoações do Reino, a cultivar, e fazer ferteis os seus campos. Peste terrivel, fome extrema sobrevieraõ á felicidade, e bonança. O principio destes males foi acompanhado da invasaõ de Aben-Joseph, Miramolim de Marrocos, que com hum exercito de 400$ homens entrou pelas nossas terras para vingar na gente, nos brutos, nas pedras de Portugal a morte, que haviamos dado a seu Pai na batalha de Santarem. Foi-se apoderando das praças de menos defen-

Era vulg. fensa, talando, e consummindo quanto lhe ficava pela reta-guarda, até chegar a Santarem, que por ser o objecto do seu escandalo, levava-o destinado para o fazer theatro do seu furor. D. Sancho, que sentia a conjuraçaõ dos Elementos, e dos homens declarada contra si, naõ tendo nesta extremidade outro refugio, que o de hum lugar forte, busca para segurança o mesmo, que os Mouros levavaõ traçado para a ruina.

Sobre Santarem naõ ter já a qualidade de taõ defensavel como algum dia, a desconfiança do Rei se augmentava com a consideraçaõ da pouca gente, que lhe restava da guarniçaõ das Praças para fazer frente a huma multidaõ de homens mais empenhados na vingança, que na guerra. Quando a fantasia lhe propunha os tratamentos mais duros; recebe a noticia de haverem entrado em Lisboa nove náos de Dinamarquezes, e Flamengos, que hiaõ á Terra-Santa, entaõ o Cemiterio das inconsideradas Nações da Europa. Teve o Rei por mysteriosa esta ar-

arribada em tal conjunctura, e estimou a infelicidade dos Cruzados por hum soccorro mandado do Ceo para o ajudarem a livrar o seu Reino do poder do Miramolim. Envia-lhes huma deputaçaõ para os informar do estado, em que se acha, e da certeza que tem de lhes dever em tal conjuntura hum serviço igual áquelle, que os cruzados em outra occasiaõ haviaõ feito a seu Pai D. Affonso. Os nobres Estrangeiros tiveraõ por empenho honroso approveitar-se de huma occasiaõ taõ favoravel para assinalar o seu zelo. Destacáraõ 500 homens para Santarem, ao mesmo tempo, que outra náo de Londres, que com o temporal entrou na barra de Villa-Nova de Portimaõ, mandou parte da sua tripulaçaõ soccorrer a Cidade de Sylves, que os Mouros sitiavaõ, e renderaõ depois.

Era vulg.

Com aquelle pequeno soccorro os Portuguezes recobráraõ os espiritos, e fizeraõ vêr por cortesia aos seus hospedes, que o grande numero de inimigos, que tinhaõ na frente,

os

Era vulg. de; porque a doença do Miramolim; e a separaçaõ do seu exercito, em Portugal, e no Algarve desterrou todo o temor.

Concluíraõ-se os graves negocios deste anno com o inconsiderado casamento da Infante D. Theresa com seu primo irmaõ D. Affonso, Rei de Leaõ, sem preceder dispensa do Papa, que em gráos semelhantes até aos Principes eraõ difficultosos de as conceder naquelles tempos. Cinco annos teve de duraçaõ este matrimonio aparente, que ligáraõ os interesses, e o Papa desatou pela sua nullidade; obrigando com censuras aos Reis, que se separassem; e tanto o ficáraõ nos animos sogro, e genro, que logo lhe veremos as resultas. O Povo facil, que sentia crescerem as calamidades, e esperava nova visita do Miramolim, tudo attribuia a castigo do Ceo, que mostrava nelle desapprovar hum casamento, que a sua Igreja na terra re-

1191 provava. O certo he, que as grandes vantagens dos annos precedentes entráraõ a declinar nos principios deste an-

anno, naõ só em Portugal; mas em toda Hespanha, que foi assolada pelos Mouros ao mesmo tempo, que a indignaçaõ Divina lhe descarregava golpes bem pezados. Principiáraõ as calamidades com a desordem da guerra do Miramolim, que sentido da sua doença lhe embaraçar os effeitos do grande apparato marcial do anno passado, determinou no presente esforçar contra Portugal todo o seu poder.

Era vulg.

O seu exercito, que pelo grande número soffria muitas divisões, repartio-o para ao mesmo tempo fazer conquistas nos Reinos de Portugal, e do Algarve. Authores Estrangeiros nos deraõ as primeiras luzes desta invasaõ; do exercito formidavel do Miramolim; da conquista de Sylves, Alcacere do Sal, Almada, e Palmela; dos grandes estragos, que fez por outras das nossas terras; da falta de forças, que experimentava D. Sancho, com o Reino todo atacado, para se oppôr em tantas partes a hum inimigo fórte, e inexoravel; da cessaõ, que fizera a

seu

Era vulg. fensa, talando, e consummindo quanto lhe ficàva pela reta-guarda, até chegar a Santarem, que por ser o objecto do seu escandalo, levava-o destinado para o fazer theatro do seu furor. D. Sancho, que sentia a conjuraçaõ dos Elementos, e dos homens declarada contra si, naõ tendo nesta extremidade outro refugio, que o de hum lugar forte, busca para segurança o mesmo, que os Mouros levavaõ traçado para a ruina.

Sobre Santarem naõ ter já a qualidade de taõ defensavel como algum dia, a desconfiança do Rei se augmentava com a consideraçaõ da pouca gente, que lhe restava da guarniçaõ das Praças para fazer frente a huma multidaõ de homens mais empenhados na vingança, que na guerra. Quando a fantasia lhe propunha os tratamentos mais duros; recebe a noticia de haverem entrado em Lisboa nove náos de Dinamarquezes, e Flamengos, que hiaõ á Terra-Santa, entaõ o Cemiterio das inconsideradas Nações da Europa. Teve o Rei por mysteriosa esta

ar-

arribada em tal conjunctura, e estimou a infelicidade dos Cruzados por hum soccorro mandado do Ceo para o ajudarem a livrar o seu Reino do poder do Miramolim. Envia-lhes huma deputaçaõ para os informar do estado, em que se acha, e da certeza que tem de lhes dever em tal conjuntura hum serviço igual áquelle, que os cruzados em outra occasiaõ haviaõ feito a seu Pai D. Affonso. Os nobres Estrangeiros tiveraõ por empenho honroso approveitar-se de huma occasiaõ taõ favoravel para assinalar o seu zelo. Destacáraõ 500 homens para Santarem, ao mesmo tempo, que outra náo de Londres, que com o temporal entrou na barra de Villa-Nova de Portimaõ, mandou parte da sua tripulaçaõ soccorrer a Cidade de Sylves, que os Mouros sitiavaõ, e renderaõ depois.

Era vulg.

Com aquelle pequeno soccorro os Portuguezes recobráraõ os espiritos, e fizeraõ vêr por cortesia aos seus hospedes, que o grande número de inimigos, que tinhaõ na frente,

os

Era vulg.

os havia assustado mais, que o medo de ser combatidos; que naõ receavaõ o valor dos Barbaros, senaõ o temor, de que a multidaõ os opprimisse; mas que com o auxilio de camaradas taõ alentados, o Miramolim experimentaria diante de Santarem o mesmo, que succedêra a seu Pai. Assim se dispunhaõ mutuamente os animos para o formoso dia, que esperavaõ, quando o Ceo parece que quiz fazer evidente, que a nossa defensa elle a tomava toda á sua conta. De repente se espalhou por Santarem a noticia, de que o Miramolim era morto; nova falsa, que ainda naõ ha muitas idades appareceo com o mesmo semblante em varios Escritos: que taõ difficultoso he desacreditar huma tradiçaõ errada depois de estabelecida. Logo se soube na Praça, que naõ morrêra o Miramolim; mas que lhe sobreviera huma queixa taõ grave, que sem mais consideraçaõ levantára o sitio de Thomar, e o exercito dividido se retirára para as suas terras.

D. Sancho remunerou os Cruzados com maõ liberal, e voltáraõ para Lisboa, aonde a sua Armada já se compunha de 63 navios, que commandavaõ os dous Capitães Roberto Sabloil, e Ricardo de Cambilla. Como nella vinhaõ muitos criminosos costumados aos roubos, e lhes faltou a materia para a cubiça, começáraõ a tratar-nos arrogantes, a espoliar as casas de Lisboa, a furtar sem differença. De Santarem acodio o Rei D. Sancho com gente armada para suspender esta desordem. Os nossos, mal costumados a soffrer insultos, toleravaõ com impaciencia os que comettiaõ os Estrangeiros. De huma, e outra parte se irritáraõ os espiritos, e vieraõ ás mãos. Houveraõ mortes de ambas as partes; nós prendemos 700, e senaõ fosse a presença de el Rei o tumulto passária a cruel. Tudo compôz a sua prudencia, e restituidos os prisioneiros, os forçamos a fazer á véla, e sahir do porto. Ao mesmo tempo partíraõ de Sylves os Inglezes, que nos ajudáraõ a defender a Cidade;

Era vulg.

Era vulg. seu irmaõ o Rei de Cordova de todas as Praças, que havia ganhado sobre nós. O Povo sempre interprete dos juizos de Deos, estas infelicidades, e as mais, que se foraõ seguindo, as sentenciava bem merecidas pelo peccado do casamento incestuoso da Infante com o Rei de Leaõ, e este pensar funesto lhe agitava a melancolia para soffrer os infortunios como passmado.

1195 Em nada desiguaes eraõ os successos de Hespanha, depois que em Portugal a fome se seguio ás desordens da guerra, e logo a peste, que foi o remate das nossas desgraças. O Arcebispo de Toledo D. Martinho havia feito conquistas nas terras dos Mouros; mas o Miramolim, que se achava com as armas na maõ para vingallas, vaidoso com as victorias ganhadas em Portugal, entrou por Hespanha insolente. D. Affonso de Castella com a noticia desta resoluçaõ, pedio soccorro aos Reis de Leaõ, e Navarra, que devêra esperar antes de se empenhar na batalha de Alarcos. Quize-

zeraõ os Castelhanos só para si a gloria deste dia, e a perdêraõ inconsiderados. O seu exercito foi desbaratado; o Rei fugio; morrêraõ os tres Bispos de Avila, Segovia, e Siguença. Os nossos Cavalleiros de Aviz, que acodíraõ em soccorro dos Castelhanos, a maior parte perecêraõ, entre elles o seu Graõ-Mestre D. Gonçalo Viegas. Este infeliz successo de Alarcos deixou aos Mouros taõ arrogantes, aos nossos taõ cortados, que nada resistia; Portugal, e Hespanha se choravaõ quasi redusidos ao antigo estado do seu cativeiro. Hum dos córpos vencedores em varias emprezas sobre os Castelhanos, veio destruindo os nossos campos até Santarem; e chegando a Alcobaça, degolou todos os Monges com o seu Abbade D. Fernando.

Era vulg.

No fim deste anno, ou principio do seguinte foi o divorsio do Rei de Leaõ, e da nossa Infante D. Theresa por força das censuras do Papa Celestino III. A alliança dos dous Reis de Leaõ, e Portugal, havendo cahido com a deste matrimonio, fizeraõ-se

1197

Era vulg. a guerra por huma idéa de Religiaõ, fundamentada com que D. Affonſo poſtergava, deixava paſſar a lembrança de Catholico para dar abertamente favor aos Infieis. O Papa Celeſtino ſoccorreo a D. Sancho com huma Bulla de Cruzada, com data de 4 de Abril de 1197, na qual concedia as meſmas graças, que ſe facultavaõ aos Chriſtãos aliſtados para a guerra ſanta, e plena liberdade para ſe apoderar das Praças do Reino de Leaõ, e gozallas, como ſe foſſem ſuas. Porque eſtas ſórtes de guerras, em que ſe trata da Religiaõ, ordinariamente ſe movem ſobre o eixo do zelo daquelles, que as defendem, e que combatem por ellas; os Portuguezes entráraõ nos Eſtados de D. Affonſo, e ſe fizeraõ ſenhores das Praças de Tuy, de Sampayo, e de Ponte-Vedra em Galliza, que conſeváraõ largo tempo, e vieraõ a reſtituir os Reis futuros. Porém as trópas de Leaõ, e dos Mouros ſeus alliados, entráraõ em Portugal, e ſe ſervíraõ do direito de repreſalia.

Sen-

Era vulg.

Sendo taõ grandes as vantagens do Rei D. Sancho, o augmento dos seus Estados pelas conquistas feitas nos de Leaõ, a reputaçaõ do seu nome, e por tantas acções heroicas haver cativado as boas graças do Chéfe da Igreja: o Rei de Aragaõ, ainda lastimado do successo de Alarcos, que deixára Hespanha na maior consternaçaõ, veio a Coimbra em pessoa para persuadir a D. Sancho quizesse fazer a paz com seu sobrinho, e poupar o sangue dos Christãos, taõ necessario para se derramar na guerra dos Infieis, temerarios, e insolentes depois das passadas victorias, e conquistas, que fizeraõ em Portugal, e Hespanha. Entendemos, que as instancias do Aragonez produzíraõ os seus devidos effeitos; porque daqui em diante naõ achamos noticia da continuaçaõ da guerra de Leaõ, nem a fórma dos ajustes da paz. Pelos antecedentes podemos suppor seriaõ vantajosos ao Rei D. Sancho, que ficou com o dominio das Praças conquistadas; mas o gosto de tantos successos felices foi contrapeza-

Era vulg. 1198

do pela morte da Rainha Dulce, ſuccedida ao primeiro de Setembro; Princeza por todos os titulos amavel, que foi ſepultada com a magnificencia devida ao ſeu caracter no Convento de Santa Cruz de Coimbra.

CAPITULO III.

Continua-ſe com outros ſucceſſos da vida do Rei D. Sancho.

AUGMENTOU-SE ao Rei D. Sancho a ſenſibilidade da ſua dor na mórte da Rainha com a do Papa Celeſtino, por lhe faltar nelle hum bom amigo; perda, que com difficuldade ſe reſtitue. Para elle fazer, que a eſquecia, ao menos na apparencia, mandou cumprimentar ao ſeu Succeſſor Innocencio III. pela ſua exaltaçaõ á Cadeira de S. Pedro. O Embaixador voltou ao Reino com a ſatisfaçaõ de bem tratado; o Rei ficou goſtoſo com as Bullas de Indulgencia, e muitas Reliquias precioſas. Já entaõ padecia a Igreja grandes calamidades, originadas

das do fanatismo de muitos homens, Era vulg.
que imitavaõ com visagens os gestos
da piedade, até que déraõ plena liberdade
á petulancia, e se declaráraõ
Hereges. Entre elles os mais indomitos,
tumultuarios, e sanguinolentos,
caracter proprio da heresia, foraõ os
Albigenses, que S. Domingos de Gusmaõ,
entaõ Conego da Sé de Osma,
principiou a combaber, e entaõ fez
fundar na Christandade o Tribunal respeitavel
da Inquisiçaõ, com o concurso
efficaz dos Religiosos de S. Bernardo,
e de seu grande amigo S. Francisco
de Assis, que ambos apertáraõ a
amizade em laço perpetuo.

O Rei D. Sancho, vendo o seu 1199
Reino já desassombrado do flagello da
fome, da peste, das tormentas, e
da invasaõ dos Mouros, cuidou em
dilatar o coraçaõ para o empregar em
acçóes do seu tamanho. Foi ampliando
as Povoaçóes do Reino; e como
pouco antes havia fundado a Cidade
da Guarda, agora a fez florescente,
já com a idéa de ser a Capital daquelle
districto, para onde depois se mudou

Era vulg. dou a Cadeira Epifcopal da Idanha; que ainda confervava o titulo de Cidade. Defta fez o Rei doação a D. Lopo Fernandes, Grão-Meftre dos Templarios, para lhe engrandecer a fua Ordem, que fenhora de huma Praça tão importante, como então era a Idanha, chamou a ella os cavalleiros dos Caftellos de Penas Roxas, e Mogadouro em terra de Bragança, que entregou a D. Sancho. A mudança de Senhorio foi a decadencia da Idanha; porque o Rei attento a engrandecer a fua Cidade da Guarda, lhe deo muitos privilegios; declarou Infanções a todos os feus moradores, e no anno de 1205 já D. Martinho era Bifpo da Guarda, mudado para ella de Idanha, que tanta veneração havia merecido aos Godos.

1200 Como o defejo de dilatar a Fé, e caftigar os Mouros ardia no coração de D. Sancho, paffou com todas as fuas forças á Provincia do Alem-Téjo, aonde dilatou vantajofos progreffos, e fez grandes conquiftas. O Arcebifpo D. Rodrigo nomea entre

ou-

outras a da Cidade de Elvas; mas se elle a ganhou, he certo se tornou a perder, e que D. Sancho II. seu neto a restaurou, como veremos. Esta expediçaõ foi hum novo assumpto de gloria para o Rei, que todas as acções soube fazer uteis aos seus Póvos, e vantajosas á sua reputaçaõ. Nella restaurou Cezimbra, que os Mouros arrasáraõ até aos fundamentos, e a pôz em estado de huma Praça respeitavel. A nobre Villa de Monte-Mór, em sitio taõ agradavel, e commodo para a passagem da vida, lhe deveo novos principios, vantajosos progressos, e o mesmo foral da Cidade de Evora. Naõ soffre, que a Villa de Torres-Novas, ganhada pelo Miramolim, se conservasse em poder dos Mouros no coraçaõ do seu Reino. Sabemos, que D. Sancho lha arrancou das mãos, ignoramos o como, ainda que ha quem diga fora empreza do ardor do Infante D. Affonso, que a levára á escalla, sendo elle hum dos primeiros, que com a espada na maõ ferrára o muro.

Era vulg.

As

Era vulg.

As virtudes da nossa Infante, Rainha de Leaõ, a Santa D. Theresa, depois da separaçaõ do seu matrimonio começáraõ a ser taõ edificantes á cabeça da Igreja, e ao nosso Reino, que a primeira a enchia de louvores, lhe invocava a protecçaõ para o amparo dos Bispos, sustentaçaõ dos direitos, e regalias Ecclesiasticas: o segundo, que se escandalisava da relaxaçaõ, que as demasiadas rendas temporaes haviaõ introdusido nos Monges Bentos de Lorvaõ, queria, que este Mosteiro se entregasse á Rainha, para que formando huma Communidade de Religiosas da Ordem de Cister, renovasse nelle o fervor santo dos primitivos moradores daquella Casa. Assim o fez o Rei D. Sancho, que conseguida a demissaõ do Abbade D. Juliaõ, por hum Breve de Innocencio III. que desatou todas as dúvidas, entregou o Mosteiro á Rainha sua filha, que na companhia de devotas virgens fez huma vida angelica, que collocou sobre os Altares os seus simulacros.

Naõ

Era vulg.

Naõ inquietavaõ os Mouros abatidos o ſoccego de D. Sancho, e como levou em paz o reſto dos ſeus dias, todos os deſvellos applicava aos negocios domeſticos. Era de grande conſideraçaõ o do caſamento de ſeu filho o Infante D. Affonſo, que neſte anno ajuſtou com D. Urraca, filha de D. Affonſo IX. Rei de Caſtella, e da Rainha D. Leonor de Inglaterra: Alliança, que eſtreitou a amizade dos dous Reinos, e lhes conſervou a paz por muitos annos. Aos Moſteiros de Santa Cruz, e Alcobaça fez doações importantes com maõ igualmente liberal, e piedoſa. Deo a D. Rolim o ſenhorio da Azambuja, depois de a haver mandado povoar, e o ſenhorio della paſſou aos Rolins, e Mouras ſeus deſcendentes. Sempre attento em deſempenhar a maior obrigaçaõ dos Reis, que he fazer felices os vaſſallos, promoveo quanto pode os ſeus intereſſes, como além de outros Póvos do Reino, experimentáraõ os de Entre-Douro e Minho neſtes ultimos annos do ſeu reinado. Foi venerador das Fami-

1201

1202

Era vulg. milias Religiosas, espirito das Ordens Militares, remunerador dos Nobres, amparo do Povo. Forte, e robusto, lhe sobravaõ partes sublimes, que coarctavaõ as calamidades dos seus tempos; mas sem deixar de obrar, na guerra com fortuna prospera, na paz obras de estrondo. Dilatado de coraçaõ na liberalidade, na modestia quando feliz, na tolerancia quando opprimido.

1211 Assim passava D. Sancho os ultimos annos da vida, reinando nas almas dos seus vassallos, com as tribulações passadas sempre presentes para fazer da sua lembrança hum uso santo. Ainda que a fundaçaõ, e reparo de tantas Povoações, tantas, e taõ grandes conquistas, muitas, e repetidas liberalidades no Reino, em Roma, e em Jerusalem, naõ se podessem exercitar sem huma despeza enorme; deixou os seus cofres enriquecidos de 500 mil marcos de ouro, e de 1400 marcos de prata, sem contar os moveis preciosos. Naõ querendo, que o seu primogenito fosse só o herdeiro de tantas

ri-

riquezas, D. Sancho ordenou pelo seu Era vulg. Testamento, que seu filho em qualidade de Successor, e primeiro, possuisse 200 mil marcos de ouro, e que o resto se repartisse pelos infantes legitimos. Recomendou, que pelos seus Bastardos, aos quaes naõ tinha por indifferentes, se distribuissem sete mil marcos de ouro, e alguns de prata. Ao seu Successor encarregou a satisfaçaõ de muitos legados pios, feitos em favor dos Mosteiros, dos Hospitaes, para a Redempçaõ dos Cativos, sendo todas as suas disposiçőes, e Testamento approvado pelo Summo Pontifice. No seu tempo foi fundado o Convento de Coz para as Religiosas de S. Bernardo, e o de Santa Anna de Coimbra para as Conegas Regulares, que no anno de 1612 se mudáraõ para o Mosteiro, que lhes fundou o Bispo D. Affonso de Castello-Branco, e entaõ trocáraõ o habito antigo de Conegas pelo da Ordem Eremitica de Santo Agostinho.

Rodeado de huma Familia de Santos, D. Sancho acabou com mor-

te

Era vulg. te de Justo no dia 29 de Março de 1211, aos 57 annos de sua idade, e 26 de Governo. Foi sepultado no Convento de Santa Cruz, aonde o seu cadaver depois de 400 annos se achou incorrupto. O Rei D. Manoel o fez transferir para a Capella Mór do mesmo Convento ao lado da Epistola, em frente do de seu Pai, que occupa o do Evangelho, ambos em Monumentos dignos das duas primeiras Magestades Portuguezas. A sua mórte causou huma tristeza geral no Reino: todos choráraõ a falta de hum Rei taõ bom. Foi D. Sancho de mediana estatura, de membros grossos, nervos robustos, de forças naõ vulgares. No meio das revoltas de alguns Condes, e Ricos-Homens soberbos, soube conservar o respeito devido á sua Dignidade com o uso de qualidades illustres de homem, e de grandes virtudes de Rei.

LIVRO XII.

Da Hiſtoria Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Vida, e acções do Rei D. Affonſo II., chamado o Gordo, III. de Portugal.

COM déz annos de caſado, e vinte e ſeis de idade ſuccedeo D. Áffonſo II. a ſeu Pai D. Sancho. Entre os Principes da Europa foi D. Affonſo illuſtre, nas virtudes exemplar, nas armas valeroſo, e em tudo ſeria perfeito ſe arraſtado da avareza, naõ perſeguíra a ſeus irmãos pelo crime do Pai os deixar ricos. Muitos eſcandalos veremos produzir eſtas diſcordias; os Infantes abandonarem o Reino; ſuas irmãs fazer-ſe fortes nos Caſtellos; haverem queixas ao Papa, e ao Rei de Leaõ, eſte, que as favorece com as armas, aquelle, que as defende com cen-

Era vulg.

Era vulg. cenfuras ; ultimamente, que o tempo deixando ouvir as razões, que articula o fangue, fer o que decida o processo.

Teve D. Affonfo filhos da Rainha D. Urraca fua mulher ao Infante D. Sancho feu Succeffor, que nafceo a 8 de Setembro de 1202 : ao Infante D. Affonfo, que reinou vivendo feu irmaõ, e nafceo a 5 de Maio de 1210, e no de 1235 cafou com Mathilde, Condeça de Bolonha : ao Infante D. Fernando, chamado o de Serpa, que levou foccorro ao Rei D. Affonfo de Caftella na guerra, que teve com os Mouros, e cafou com D. Sancha de Lara, filha do Conde D. Fernaõ Nunes de Lara, Alferes Mór de Caftella, de quem teve a D. Leonor : ao Infante D. Vicente, que morreo menino : a Infante D. Leonor, que nafceo em 1211, e cafou a 24 de Junho de 1229 com Waldemaro III. Rei de Dinamarca, e morreo de parto em 13 de Maio de 1231. O que pertence a efta Infante, e o que della quiz imaginar o fabio Fr. Joaõ Caramuel, como feu per-

pertendido defcendente, fe póde ver confutado por D. Jofé Barbofa no Catalogo das Rainhas de paginas 237 por diante.

Era vulg. 1212

Breve foi o reinado de D. Affonfo nas pennas dos noffos Efcritores; pela efterilidade dos fucceffos ainda mais curto. Em humas partes naõ tratáraõ os que deviaõ; outros os abbreviáraõ mais do que era jufto. Tudo poderia fer por naõ equivocarem os principios do Governo de D. Affonfo com os meios, e fim delle; os primeiros rafoaveis, como acções imitadas dos dous precedentes; os fegundos por parecerem antes fructos da avareza, que defejo de confervar o Reino indivifo; o ultimo, porque na idéa do Arcebifpo de Toledo D. Rodrigo Ximenes, que entaõ vivia, o Rei o regulára pela fua vontade: primeiro a Chriftandade arbitra do Rei; depois o Rei arbitro de fi mefmo nas difcordias com os irmãos, e defavenças com o Eftado Ecclefiaftico, com o Arcebifpo de Braga, e outros Prelados, que os rafgos da penna de

hum

Era vulg. hum bom irmaõ quereriaõ represen-tar desconformes ao mesmo Christia-nismo. Naõ ha dúvida, que D. Affon-so a penas sobio ao Throno, applicou as suas attenções aos exercicios da pie-dade, como bom imitador do Pai, e Avô, dos quaes quiz ser huma cópia em nada estranha.

Rendeo logo obediencia á Sé Apostolica, e pedio confirmaçaõ do Titulo Real ao Papa Innocencio III., ainda reconhecido tributario da Igre-ja, como os seus dous augustos prede-cessores. O Papa condescendeo a quan-to lhe rogou com elogios entaõ bem merecidos da sua probidade; louvan-do-lhe o bem, que seguia os justos vestigios dos seus passados, por se re-resolver a pagar tanto a elle, como aos mais Successores de S. Pedro, que se lhe seguissem, os dous marcos de ouro em cada anno. A doaçaõ da Vil-la de Aviz á Ordem Militar, que della tomou o nome, foi outra das primei-ras acções de D. Affonso. Era entaõ Graõ-Mestre D. Fernando Annes, que mudou os seus Cavalleiros de Evora

pa-

para aquella Villa, que se lhe concedia em remuneraçaõ dos serviços, que a Ordem fizera aos Reis D. Affonso Henriques, e D. Sancho, com obrigaçaõ de fundar nella hum Castello, aonde permanecesse na obediencia dos Soberanos de Portugal. Era vulg.

Com igual condescendencia approvou D. Affonso a entrega, que o Arcebispo de Compostella, como Juiz da Bulla Apostolica, mandou fazer do Convento de Lorvaõ a sua irmã a Rainha D. Theresa pelo seu Delegado D. Pedro, Bispo de Lamego. Neste mesmo anno, em que D. Affonso levava as attenções pelos actos de Religiaõ referidos, e outros da sua economia regular, os juizos livres entráraõ a ser interpretes das suas intenções. Toda Hespanha preparava armas, alistava gente, naõ soava mais que guerra; os Reis de Castella, Aragaõ, e Navarra se alliavaõ para resistirem ao inimigo commum Mahomad, que havia succedido a seu irmaõ o Miramolim Aben, e com hum poder espantoso determinava outra vez reduzir toda

Era vulg. Hespanha á escravidaõ primeira. Todos os nossos Chronistas estranhaõ, e acremente notaõ naõ se achar D. Affonso em pessoa em huma acçaõ taõ illustre como a das Navas de Tolosa, de que dependia a salvaçaõ, ou a ruina de todo o nosso Continente. Huns tem por mais verosimil, que por estar desavindo com seu Sogro o Rei de Castella, cahira naquella falta: outros, que ella provinha da revolta, em que já andava o Reino pela discordia entre o Rei, e seus Irmãos, que tinhaõ o de Leaõ a seu favor, e que elle pospunha a guerra da Religiaõ aos seus interesses.

Fossem estas as razões de D. Affonso se naõ achar na jornada das Navas, ou naõ querer sahir do Reino inquieto, de que apenas tinha de posse hum anno naõ completo; he sem dúvida, que elle mandou a seu Sogro consideravel corpo de trópas, que se portou na batalha como devêra. Assim o affirma o Arcebispo de Toledo D. Rodrigo, que nella se achou em pessoa; D. Lucas, Bispo de Tuy, que vi-

Era vulg.

vivia no meſmo tempo; e dos mais modernos, diz Fr. Joſé Alvares de la Puente na ſua Hiſtoria da ſucceſſaõ Real de Heſpanha: Que el Rei D. Sancho de Portugal naõ pode acharſe neſta batalha, porque falleceo eſte anno em Coimbra, aonde ſe enterrou no Moſteiro de Santa Cruz; mas nem por iſſo deixáraõ de vir alguns Terços de ſoldados daquelle Reino, ou já foſſem movidos do ſeu ſanto zelo, ou já foſſem enviados pelo novo Rei D. Affonſo II. O Arcebiſpo D. Rodrigo, como teſtemunha ocular, individua melhor a noticia, aſſim em quanto á porçaõ da noſſa gente, como a reſpeito do valor com que ſe conduzio. Atteſta, que ſe foraõ apreſentar ao Rei de Caſtella muitos cavalleiros de Portugal, e hum copioſo número de Infantaria, os quaes moſtrando-ſe na occaſiaõ valentes, e deſembaraçados ſupportáraõ bem os trabalhos della, e acomettêraõ os inimigos com animo ouſado.

Provada com eſtas authoridades veneraveis a grande cópia da noſſa

Era vulg.

gente, que ſe achou na batalha das Navas de Toloſa, he redicula a opiniaõ de Mariana, e outros, que por desluſtrarem a fama do Rei D. Affonſo, julgaõ, que fora ſem conſentimento do Principe, como ſe hum exercito, e de Portuguezes, houveſſe de ſahir do Reino por caprixo proprio, ou D. Affonſo foſſe algum inſenſato, que lho conſentiſſe. Sendo pois infallivel a aſſiſtencia das noſſas armas naquelle glorioſo combate, devo dar delle huma breve noticia. Como os formidaveis apreſtos, que fazia o Miramolim Mahomad tinhaõ reduzido Heſpanha á maior conſternaçaõ, os ſeus Reis naõ perdêraõ a corage, antes determináraõ oppor-ſe ao inimigo commum com o maior esforço. Para iſſo ſe alliáraõ os de Caſtella, Navarra, e Aragaõ. O Arcebiſpo D. Rodrigo foi mandado a Roma pedir a Cruzada ao Papa, e eſta diligencia produzio o effeito taõ prompto, que de França, Italia, e outras partes vieraõ a Heſpanha 12$ cavallos, e mais de 50$ Infantes, que acampáraõ

nas

nas visinhanças de Toledo. O Rei de Aragaõ marchou na tésta de 20ȸ Infantes, e 3ȸ500 cavallos, das suas gentes, que unidas ao exercito Castelhano, e trópas Estrangeiras, sahíraõ de Toledo a 21 de Junho com 60ȸ carros de bagagens.

Era vulg.

A esta expediçaõ precedêraõ Pragmaticas rigorosas, em que os Reis alliados prohibiaõ todo o genero de profanidades, vicios, desordens, e mandáraõ fazer Procissões, Rogativas públicas para applacar a Deos, que como tem os Reinos, e Imperios fechados na sua maõ, he quem os favorece, e os castiga conforme lhe merecem. Os calores da marcha fizeraõ tanta impressaõ nos Estrangeiros, que grande parte delles nos deixáraõ no caminho, e voltáraõ caras para a Patria, com afflicçaõ dos seus cabos, que sentíraõ semelhante desacordo em huma occasiaõ de tanta honra. No lugar de Alarcos, pouco antes theatro lastimoso da Christandade de Hespanha, D. Sancho, Rei de Navarra, veio ajuntar o seu exercito

Era vulg. to com o dos Alliados, que Mahomad já determinava enveſtir pelo conſiderar muito diminuido com a grande deſerçaõ dos Eſtrangeiros. O Miramolim com o ſeu deſmarcado poder tinha tomado a garganta dos montes. Pôz-ſe em conſelho ſe ſe devia retroceder a marcha; mas tomando-ſe a reſoluçaõ mais perigoſa pela mais honrada, foi determinado, que ſe ganhaſſem as eminencias da Serra Morena. D. Lopo de Haro com grande número de gente a inveſtio, e no cume della tomou á viſta dos Mouros o Lugar de Ferral.

O exercito o ſeguio, e trepando as fragoſidades, ſe apoderou do Caſtello de Caſtro ſituado ſobre penhas aſperas. Hum Paſtor foi guiando o exercito até hum plano, aonde os Reis o fizeraõ deſcançar de marchas taõ penoſas. Formou-ſe elle em batalha com D. Diogo de Haro, Pai de D. Lopo, na vá-guarda, os Reis de Aragaõ, e Navarra nos lados, o de Caſtella com o Arcebiſpo D. Rodrigo; e mais Prelados na reta-guarda.

Os Mouros ordenáraõ o seu, cercando a tenda do Miramolim de grossas cadeas de ferro, e para defensa da pessoa, e lugar os Mouros mais destemidos. Começou o combate com tanta furia, que os Christãos principiavaõ a ser rechaçados; e quando o Rei de Castella a esta vista se queria arrojar ao maior ardor delle para acabar com a gloria de alentado; affirmaõ, que apparecêra no Ceo huma Cruz de varias cores, auxilio opportuno para os Christãos, que recobrados de animo, entráraõ a fazer nos Mouros matança horrivel. Duzentos mil se contaõ mortos no campo em desconto de vinte, e cinco, ou de cento, e quinze homens nossos, para mostrar Deos na desproporçaõ, que toda a gloria era sua.

Era vulg.

Respirou Hespanha com este prodigioso triunfo, e justamente se prognosticou para o futuro vantagens, que lhe haviaõ ser correspondentes. Toda a Europa se congratulou com os Reis vencedores, que ricos de despojos immensos, tiveraõ para resarcir

os

Era vulg. os gastos da guerra: cheios de reputaçaõ, fizeraõ immortaes os seus nomes. Á victoria se seguíraõ as conquistas, e em huma dellas, que foi a da Praça de Ubeda, se portáraõ os nossos Portuguezes com tanto valor, e taõ pouco se poupáraõ aos perigos, que no assalto morreo D. Gomes Ramires, Graõ-Mestre dos nossos Templarios, como consta do Livro da Noa, aonde se diz, que oito dias depois da batalha das Navas, os Christãos ganháraõ a Praça de Ubeda, e alli fora morto o Graõ-Mestre do Templo D. Gomes Ramires. Sem embargo, que o Arcebispo D. Rodrigo naõ falla no apparecimento da Cruz no dia da acçaõ, Gonçalo Argote de Molina, e outros Authores Castelhanos querem, que muitos dos Fidalgos, que nella se acháraõ, a tomassem por Armas, e as deixassem a seus descendentes.

CA-

Era vulg.

CAPITULO II.

Das differenças que o Rei D. Affonso teve com seus Irmãos, da guerra com o Rei de Leaõ, e outros successos.

QUANDO Hespanha se occupava em huma guerra igualmente interessante, e gloriosa á Religiaõ, e aos Póvos; o Rei D. Affonso de Portugal todo se empregava nos interesses proprios, resoluto a desapossar seus Irmãos, que sempre tratára austéro, das heranças, que o Pai lhes deixára. Os Infantes D. Pedro, e D. Fernando, que lhe temêraõ a condiçaõ, se ausentáraõ, o primeiro para Marrocos, o segundo para Hespanha. Depois do voluntario desterro destes Principes principiou a guerra do Rei com as Infantes suas Irmãs sobre a posse das Villas, e Lugares, de que ficáraõ senhoras, que eraõ Alenquer, Monte-Mór o velho, Aveiras, e outras heranças. Presumíraõ as Infantes, que

o

Era vulg. o intento do Rei em querer, que as Villas lhe pagaſſem os direitos; que os Alcaides lhe juraſſem homenagem; que eſtes foſſem póſtos por ordem ſua, era o meſmo, que o de as esbulhar da ſua poſſe, contravir á obſervancia das mandas de ſeu Pai: idéa, que parecia verdadeira á viſta do manifeſto deſagrado com que ſeu Irmaõ as tratava. Pedem o ſoccorro das Cenſuras Apoſtolicas, o amparo das armas do Rei de Leaõ, e o Reino ſe prepara theatro de repreſentações funeſtas.

Eſtando as couſas neſta figura, a reſoluçaõ do Rei julgar alheadas á ſua Coroa as terras das Infantes, fizeraõ paſſar a realidade os ſuſtos imaginados. Á força de armas rendeo D. Affonſo a Aveiras, cercou Alenquer, e Monte-Mór, que os vaſſallos das Infantes defendêraõ; que o Rei de Leaõ veio ſoccorrer, entrando em Portugal por Entre-Douro e Minho; que os Papas Innocencio, e Honorio firmáraõ com o eſtrondo das Excomunhões, e Interditos. Durou eſte plei-

pleito toda a vida de D. Affonſo, e ainda que o Papa Innocencio III. lhe mandou levantar as Cenſuras, como naõ deſiſtia do projecto, continuou o negocio a tomar novo corpo no Pontificado de Honorio III. que deſejou concluillo. Para eſte fim paſſou huma Bulla aos Biſpos de Burgos, e Lugo, e ao Deaõ de Compoſtella, para que em quanto aos Direitos Reaes, que o Rei pertendia, fizeſſem guardar o uſo de Heſpanha em caſos ſemelhantes. Porém eſta, e às mais determinações, que ſe decidíraõ no Juizo contencioſo, naõ vieraõ a ter obſervancia, ſenaõ depois da morte de D. Affonſo, reinando já D. Sancho II.

Era vulg.

Pelo que reſpeita á guerra, logo que as Infantes a tiveraõ por inevitavel, D. Thereſa, e D. Sancha ſe recolhêraõ com ſua Irmã D. Branca na Villa de Monte-Mór o Velho, que entaõ era Praça muito defenſavel, e fizeraõ preſidiar as ſuas. O Rei, depois de tomar Aveiras, ao meſmo tempo mandou ſitiar Alenquer, e veio em peſſoa ſobre Monte-Mór, conſiſ-

Era vulg. fiſcando as rendas de Lorvaõ, que eſtavaõ applicadas a D. Thereſa. Neſta deſordem fomentada pela ambiçaõ ſe diſſipáraõ as heranças, que ajuntára a economia de D. Sancho para deixar ricos os filhos, que huns aos outros ſe empobrecêraõ. D. Affonſo, Rei de Leaõ, que naõ podia eſquecer o amor a D. Thereſa, que fora ſua mulher, fez empenho peſſoal a defenſa das Infantes, e entrou por Portugal a fogo, e ſangue, acompanhado do Infante D. Pedro, irmaõ, e aggravado do noſſo Rei D. Affonſo. Foi eſta invaſaõ em Agoſto, quando as melhores trópas de Portugal ſerviaõ a Deos, e á Patria na jornada das Navas de Toloſa, e o reſto ſoffria a diviſaõ, que o fio da Hiſtoria nos eſtá moſtrando. Aſſim paſſáraõ os cercadores das Infantes a ſer cercados dos Leonezes, e o ſeu Rei a ficar arbitro da noſſa campanha.

Naõ tinhaõ os Portuguezes forças para reſiſtir a armas tantas, e taõ empenhadas. Aſſeguraõ, que o Rei de Leaõ, entrando por Galliza, tudo

do devaſtára, e que atacando ao de Portugal, o vencêra: Que nos ganhára onze Caſtellos, e Villas, entre as quaes ſe nomeiaõ Melgaço, Freixo, e que Valença porque reſiſtíra, a arrazára. Parece, ſegundo a opiniaõ de D. Lucas de Tuy, que o Rei de Caſtella com o reſpeito de vencedor de huma batalha tal, como a das Navas, conſeguio pacificar os dous Reis belligerantes, e fazer, que o de Leaõ nos reſtituiſſe as Praças ganhadas; bem póde ſer, que tantos bons officios foſſem huma remuneraçaõ dos grandes ſerviços, que naquella batalha acabavaõ de lhe fazer as noſſas gentes. Porém com a retirada do Leonez creſceo em D. Affonſo a contumacia, que he hum effeito proprio da ambiçaõ. As Infantes reforçáraõ entaõ os recurſos aos Pontifices; mas D. Affonſo, que havia combatido com corage a cólera de Leaõ, reſiſtio com intrepidez aos raios de Roma. Em fim, paſſados déz annos, ſerenou eſta tempeſtade, e o que naõ podêraõ concluir as Excomunhões, e as armas, veio a concilial-

Era vulg.

lo

Era vul só lo a meſma natureza; que em as paixões ſe pondo em calma para a razaõ ouvir em ſocego as razões, que articula, facilmente ſe ſubmette a vontade ao entendimento convencido.

Martim Sanches, irmaõ baſtardo de el Rei, deſgoſtado delle ſe havia tambem retirado ao Reino de Léaõ, e fez áquella Coroa os aſſinalados ſerviços, de que o Conde D. Pedro nos deixou illuſtre memoria. As acções mais ſublimes, que a merecem bem diſtinta foi o reſpeito ao Rei, e á Patria; áquelle, porque nunca contra a ſua peſſoa quiz medir as armas; á eſta, porque ſem faltar ao partido, que tomára, já mais lhe fez os damnos, que podéra. Aſſim temperava a prudencia, e valor de Martim Sanches as razões de irmaõ, quando aggravado; as de Patricio, quando deſterrado; as de grato, quando do Rei de Leaõ favorecido; de ſorte que humas de outras as ſuas obrigações naõ podeſſem queixar-ſe. Em lances de tanto aperto, moſtrava-ſe como homem, ſenhor das ſuas paixões; como aggrava-

va-

vado, cheio de moderaçaõ; como favorecido, fiel; como irmaõ, e patricio, reportado. Casou-se no mesmo Reino de Leaõ com D. Ello, filha de D. Pedro Fernandes de Castro, da illustre Familia do seu appellido, e descendente dos celebrados Juizes de Castella, que neste casamento principiáraõ a enlaçar as Roelas do seu Brazaõ com as Quinas Reaes de Portugal.

Era vulg.

O Rei de Castella, que havia sido instrumento da paz entre o de Portugal seu Genro, e o de Leaõ, o fez avisar, para que quizesse achar-se em Palencia, aonde ambos confereriaõ sobre interesses communs, que igualmente respeitavaõ as duas Coroas Portugueza, e Castelhana. O nosso D. Affonso, que era prudente, e bravo, lhe mandou em reposta; que a demasiada credulidade de alguns Principes em occasiões semelhantes lhe servia de régra, e exemplo para repugnar na acceitaçaõ da offerta, que lhe fazia: que naõ duvidava nas vistas; mas no lugar dellas: que estava prompto para

Era vulg. ra a conferencia, com tanto que fosse na fronteira dos dous Reinos, e em parte para ambas as Mageſtades ſegura. Quer o Padre Mariana, que eſta reſpoſta do Rei de Portugal a huma demanda taõ juſta, foſſe a cauſa de ſe aggravar a queixa do de Caſtella, de que ſe lhe originou a morte. A ella ſe ſeguio a Regencia da Rainha viuva D. Berenguella na menoridade de ſeu filho D. Henrique, e o valimento de D. Alvaro de Lara, que era impugnado pela maior parte da Nobreza, e delle reſultou o extemporaneo caſamento do menino Henrique com a Infante D. Mafalda, irmã do noſſo D. Affonſo, que indo para Caſtella na idade de poder ſer mãi do noivo, eſteve naquelle Reino com o nome de caſada, e voltou para Portugal a viver, e morrer no eſtado de Virgem.

1215 Já por eſtes tempos as Ordens Mendicantes levavaõ as attenções da Igreja, e do Imperio. S. Domingos de Guſmaõ havia fundado a dos Prégadores para flagello dos Hereges Albigen-

genfes, e para alivio dos Bifpos no ministerio, que lhes he indifpenfavel, de enfinarem ao Povo as Doutrinas Santas, e de interpretarem as Efcrituras Divinas. S. Francifco de Affis, novo Abrahaõ da Lei da Graça, levantou na Familia dos Frades Menores huma coluna firme para fofter na terra a Cafa de Deos, que cahia. A outra Ordem agora renovada com fervor igual ao dos feus primitivos, foi a dos Eremitas de Santo Agoftinho, que efte grande Doutor da Igreja eftabelecêra em Africa no quarto feculo em tempo do Imperador Honorio. A ultima Ordem Mendicante foi a dos Carmelitas, pofterior a todas nefta regalia; mas na antiguidade a todas anterior, ou fe bufque no tempo da Lei Efcrita, como fundada pelo Profeta Elias, ou fe procure na da Graça, como eftabelecida pelos Difcipulos do Bautifta, ou pelos Patriarcas de Jerufalem. A piedade confidera eftas quatro Ordens outros tantos Baluartes plantados por Deos em cada hum dos angulos da Torre de David,

Era vulg.

Era vulg.

que edificou na terra para segurança dos Eleitos amparados á sombra dos seus mil Escudos.

Por estes tempos foi celebrado o Concilio Lateranense, aonde se tratáraõ os negocios importantes daquelle seculo, e nelle assistíraõ os dous Arcebispos de Braga D. Estevaõ Soares da Silva, e de Toledo D. Rodrigo Ximenes, ambos eminentes em qualidades, e litteratura. Metteo este em uso todos os esforços da sua capacidade, acompanhados das Bullas precedentes, que entendia favoraveis á sua pertençaõ, para que o negocio da primazia fosse decidido a favor de Toledo. A tudo se oppôz a dexteridade viva do Arcebispo D. Estevaõ, e á vista dos Documentos, que produzio, da próva de testemunhas, que deo; pôz a justiça taõ vantajosa, ou tanto em equilibrio, que os Padres do Concilio naõ se resolvêraõ a decidir a causa, que ficou no estado antigo, como ainda se conserva. Tambem foi determinada nova Cruzada á Terra Santa: empenho Catholico, que por

ser

ser taõ immediato á gloriasa batalha das Navas de Tolosa; esta a que naõ foi em pessoa o nosso Rei D. Affonso, aquella a que naõ podia ir; ambos estes projectos o estimuláraõ para mostrar ao mundo, que imitava o fervor dos outros Principes Catholicos em fazer a guerra áos Barbaros do seu Reino, como já vamos a ver no Capitulo seguinte. Era vulg.

CAPITULO III.

Das expedições militares do Rei D. Affonso II. contra os Mouros.

SE D. Affonso se deixou atar ás mãos pelos negocios domesticos para naõ as empregar nos Mouros; elles naõ lhe abattêraõ o valor herdado, nem esfriáraõ o ardor do espirito para se esquecer da guerra. Todos os pensamentos occupava nella, depois que a Praça de Alcacere do Sal se tinha feito temivel no poder dos Barbaros, que davaõ motivos para recear se apoderassem de todo o Paiz, que vai do Té- 1217

Era vulg. Téjo até ao Algarve, se promptamente se naõ oppozesse aos seus designios, e aos seus progressos. Quando D. Affonso assim pensava, appareceo sobre as nossas praias a maior parte da grande Fróta Septentrional, que tendo navegado felizmente as cóstas de Inglaterra, e de França com o destino da Terra Santa, por causa dos ventos contrarios havia parado nas nossas. A tormenta que corrêra sobre ella, havendo desgarrado a muitos dos seus navios, a obrigou a entrar no porto de Lisboa, aonde foraõ tratados os navegantes com a maior caridade, e regallo pelo Santo Bispo, que os nossos Chronistas chamaõ Mattheus, e Fr. Antonio Brandaõ diz, que víra documentos por que consta ser o seu nome Sueiro.

Eraõ Commandantes desta Esquadra Guilherme, Conde de Holanda, e Jorge, Conde de Wide, aos quaes o Rei mandou huma deputaçaõ, formada do mesmo Bispo de Lisboa, do Bispo de Evora, dos Grandes Priores do Templo, e do Hospital, do gran-

de

de Commendador da Ordem de Sant-Iago, e de outros muitos Fidalgos da Corte. O Bispo de Lisboa, depois de lhes offerecer hum magnifico refresco em nome del Rei, como Chéfe da Deputaçaõ, lhes representou: Que a continuaçaõ da tempestade, que os fizera correr desde a altura da Cidade do Porto até á de Lisboa, naõ lhes permittindo com segurança a viagem do Levante, elles se fariaõ igualmente gloriosos se empregassem as suas forças contra os Sarracenos de Portugal, que os Infiels da Palestina: Que o seu Rei lhes pedia quizessem ajudallo na conquista de Alcacere do Sal, que os Barbaros lhe tinhaõ tomado, e deixassem á sua conta a infallivel approvaçaõ, que elle conseguiria do Papa sobre hum negocio desta natureza, que naõ differia em cousa alguma do merecimento da Cruzada. Os Condes, que pelo seu arbitrio naõ podiaõ dar resposta decisiva, prometteraõ aos Deputados propôr a materia em Conselho de guerra, de que lhe fariaõ saber a resoluçaõ para a enviarem ao

Era vulg.

Rei,

Era vulg. Rei, que entaõ se achava em Coimbra.

No Conselho se dividíraõ os votos. Os Frisões se sustentáraõ tenazes em huma exactidaõ escrupulosa, e delicada, de que naõ cumpriaõ com os seus votos se fizessem a guerra a outros Infieis, que naõ fossem os da Palestina. Nada os pode mover; e largando as velas a cem dos melhores navios, se arrojáraõ temerarios a huma viagem, que lhes foi penosa; que os levou desgarrados a differentes portos de Italia, aonde passáraõ o Inverno sem acçaõ. Ficáraõ em Portugal os dous Condes com outros cem navios para fazerem o sitio de Alcacere, que foi famoso pelo tempo, que durou, pela variedade dos successos, que o illustráraõ, pelos grandes encontros, que se vencêraõ; empenhados dous partidos poderosos com porfia, hum a defender, outro a ganhar huma força, que ambos respeitavaõ como chave de duas Provincias. Avisou o Bispo ao Rei da resoluçaõ dos Cruzados, que foi recebida em Coimbra

bra com geral alvoroço; e dadas as ordens a D. Pedro, Mestre dos Templarios, a D. Gonçalo, Prior do Hospital, a D. Martinho Barregaõ, Commendador Mór de Sant-Iago, para levantarem o maior número de gente, que lhes fosse possivel, principiáraõ as trópas a mover-se para os campos da respeitavel Praça.

Era vulg.

Portuguezes, e Estrangeiros ao primeiro golpe de vista, além do seu Castello inexpugnavel, a observáraõ novamente fortificada com muitas obras exteriores, muros dobrados, nos seus flancos muitas torres, e sobre tudo huma guarniçaõ numerosa, resoluta a defendella até a ultima extremidade. Logo assentáraõ, que o sitio devia ser formal, principiando pela ruina das obras avançadas, a que os Mouros se oppozeraõ com brava resistencia. Quando nos occupavamos com a maior força nestes trabalhos, fomos avisados pelos nossos batedores do campo, que quatro Reis Mouros de Andaluzia vinhaõ chegando com hum réforço consideravel. Eraõ estes Reis o

de

Era vulg.

de Cordova, o de Jaen, o de Sevilha, e o de Badajóz, que traziaõ 15⅁ cavallos, e 80⅁ Infantes. O nosso campo, que se compunha dos Cruzados unidos a 20⅁ Portuguezes, ainda que taõ inferior em número ao dos inimigos, naõ parou na dúvida: se havia, ou naõ dar-lhes batalha. Ella ficou resoluta, e se esperou o dia seguinte para a acçaõ, que vencida nos abriria as portas de Alcacere.

Com a luz da manhã se avançou o nosso exercito ao dos Mouros, que nos receberaõ valentes, e depois de muitas horas de porfia, nos fizeraõ retroceder formados; mas com muitos mortos, e feridos, a buscar o amparo das nossas trincheiras. Naõ se atreveraõ a forçallas; porque o nosso acordo nesta retirada, sobre fortalecer os postos de mais perigo, mostrou, que o retrocesso era por entaõ ceder á fortuna, e naõ desalento do valor. O veneravel Bispo, que a todos animava, teve mais que fazer com os Cruzados, que sentidos da perda passada, duvidavaõ expor-se a segunda,

e quizeraõ tomar a resoluçaõ de embarcar-se para seguir sua viagem. Nestas dúvidas se passava a noite, quando hum grosso da nossa cavallaria, que chegava ao campo, lhe pedio se conservasse immovel, em quanto ella na madrugada fazia huma visita ao arraial dos Mouros, que descançados á sombra da vantagem precedente, entendia os acharia em estado da fazer nelles huma impressaõ taõ sensivel, que depois ficasse facil ao nosso exercito atacallos, e vencellos em nova batalha.

Era vulg.

Foi approvado este arbitrio, e postada a tropa na vãguarda do campo, esperando a hora para o avance; fixos os olhos, e o coraçaõ dos Soldados no lugar eminente, donde esperavaõ o auxilio Divino, quiz Deos mostrar-lhes com hum sinal sensivel, que era ouvida a sua Oraçaõ. De repente appareceo no Ceo o Estandarte da Cruz mais luminoso, que as Estrellas: alto pregaõ, que move todas as tropas para naõ deixar sahir a cavallaria ao combate por modo de sorpreza;

mas

Era vulg. mas que marche todo o campo à dar, huma batalha, para que o Ceo as convida com as vozes mudas do adoravél final. Tudo pede o combate, porque assegura a victoria; e como naõ ha valente, e covarde, que deixe de respirar iguaes alentos de valor, a geral intrepidez para affrontar o fogo, e ferro dos Barbaros, firma aos Generaes na esperança de vencer. Espantáraõ-se de a ver taõ resoluta nos mesmos homens, que no dia antes lhes havia cedido o terreno; e confiados com esta lembrança taõ fresca, testemunharaõ a sua ousadia, e corriaõ aos perigos com a firmeza, que lhes provinha da sua multidaõ. Feria o Sol os olhos dos nossos; mas como os seus raios naõ lhes impediaõ ver as esquadras de Anjos vestidos de branco, que se diz combatiaõ em seu favor: elles a tudo superiores, sustentáraõ taõ constantes as lanças dos Mouros, e as settas do Sol, que rompêraõ as fileiras inimigas; abríraõ o passo a golpes de espada; misturáraõ-se com elles, e em actos de hum valor

es-

estupendo, os pozeraõ em derrota. Era vulg.

Os Generaes dos Mouros, sorprendidos de tal acontecimento naõ pensado, vendo os seus melhores soldados, huns que fugiaõ covardes, outros que deixavaõ cahir as armas tremulos, queriaõ ordenallos; mas os golpes successivos dos nossos naõ lhes davaõ lugar. Morrêraõ no campo da batalha, e no alcance 30ↀ Mouros, entre elles dous dos seus Reis. Despojos consideraveis, e muitos prisioneiros foraõ as consequencias felices desta gloriosa victoria, succedida no dia onze de Setembro. Os vivas, com que os nossos a celebráraõ, eraõ lagrimas de piedade, e devoçaõ em acçaõ de graças ao Deos das Batalhas, que completou o nosso triunfo com a tormenta, que mandou sobre trinta Galéz, que os inimigos tinhaõ surtas na cósta, e as submergio. Com razaõ entendiaõ os nossos, que dous successos taõ vantajosos, que tiravaõ aos inimigos a esperança de soccorro; elles os obrigassem a render-se:

po-

Era vulg. porém os Barbaros, fiados na fortaleza da Praça, na sua grande guarnição, e muitos provimentos, desmentíraõ as nossas idéas, e quizeraõ mostrar-se superiores á sua fortuna. Nós nos vimos obrigados a batella com todas as maquinas, que se usavaõ naquelle tempo, e ella a tudo resistio constante até ao dia 18 de Outubro, em que se rendeo á discriçaõ. Fizemos dous mil prisioneiros, que foraõ os que restáraõ vivos da continuaçaõ dos assaltos; e demos liberdade ao General inimigo, que com cem dos seus primeiros Officiaes, abraçou o Christianismo trez dias depois do rendimento de Alcacere.

Nós entregamos o saque da Villa ao arbitrio dos Cruzados, bem merecido pelo zelo, e fidelidade com que nos ajudáraõ em huma conquista taõ importante; contentando-nos com o dominio da respeitavel Povoaçaõ, que fiamos do valor dos Cavalleiros de Sant-Iago; aquelles bravos homens, que debaixo do commandamento do seu Grande Commendador D. Martim

Bar-

Barregaõ obráraõ gentilezas de pieda- Era vulg.
de, e valor; humas, que merecêraõ a assistencia visivel do Ceo; outras, que contribuíraõ para a repetiçaõ de successivas victorias. O veneravel Bispo D. Sueiro, ou Matheus, instrumento principal desta expediçaõ, se fez digno entre nós de gloria immortal; e occupado no jubilo de ver reduzidos á verdadeira Fé cem Mouros illustres, Alcacere restituida ao gremio da Igreja, naõ cessava de ordenar se dessem a Deos tantas graças públicas, que faziaõ parecer as fileiras dos soldados coros bem ordenados de Religiosos.

Taõ cuidadoso Deos das vantagens de Portugal neste anno feliz, dispôz mandar a elle, para se levantarem firmes, as duas Colunas, que a sua Providencia destinára por sustentaculos incontrastaveis da Igreja, quero dizer, os Filhos dos grandes Patriarcas Amigos S. Domingos de Gusmaõ, e S. Francisco de Assis, que entaõ acabavaõ de apparacer no mundo, sahidos do seio da sua mesma

Pro-

Era vulg. Providencia. Da primeira Familia veio a Alemquer o V. Fr. Sueiro, que encontrou na Infante Santa Sancha aquelle acolhimento proprio da sua caridade, e devoçaõ ao Instituto Religioso. Elle lançou como primeira pedra aos fundamentos do grande edificio da sua Religiaõ em Portugal na fábrica do Convento de Montejunto, plantado no hermo respeitavel pelo horror da soledade entre Alemquer, e Tagarro.

Da segunda Familia apparecêraõ em Portugal as duas figuras dos novos homens, companheiros do Santo Patriarca Francisco, os VV. Fr. Zacharias, e Fr. Gualter, que com o modo estranho da sua vida, e admiravel santidade leváraõ apoz si as nossas suspensões, todos os nossos assombros. Elles encontráraõ em Coimbra o favor da Rainha D. Urraca, em Alemquer o da mesma Infante, e em pouco tempo, naõ só fundáraõ nellas casas, que respiravaõ o suave cheiro de todas as virtudes; mas em Lisboa, Guimarães, Guarda, Covilhan, e e depois pelos mais Póvos principaes

do

do Reino. A Infante Santa Sancha, que quiz ser testemunha ocular das virtudes de Fr. Zacharias, tanto se arrebatou na contemplaçaõ da sua humildade profunda, que naõ se satisfez sem lhe dar o seu mesmo Palacio para servir a grandeza do maior objecto de humildade maior aos Desprezadores do Mundo.

Era vulg.

O Rei D. Affonso, generosamente estimulado pelo bom successo da empreza de Alcacere, se resolveo a empregar pessoalmente as armas na continuaçaõ da guerra contra os Mouros. He lastima, que tantos successos brilhantes, de que foi author, os escondesse a escuridade dos tempos, e a ignorancia dos homens! Authores Estrangeiros nos indicaõ, que innundára o Alem-Téjo, e Andaluzia com huma corrente de victorias, e conquistas, que abysmáraõ os Barbaros; mas do que obrou, e como o fez, nós ignoramos a maior parte. Sabemos, que tendo os Reis de Sevilha, e Jaen cercada a Cidade de Elvas, cahio-lhes em cima, e fez o exercito em póstas.

1218

En-

Era vulg. Entaõ os ſeguio por Andaluzia, e derramando o terror pelas ſuas comarcas, lhe deixáraõ livre o campo, aonde foi tal a cópia dos deſpojos, que todos os generos perdêraõ em Portugal a eſtimaçaõ. Na meſma expediçaõ livrou Serpa, e Moura do ſitio, que lhe pozeraõ os Barbaros, que pouco depois as ganháraõ; e como já neſte tempo o pezo das ſuas muitas carnes lhe fazia intoleravel a fadiga das campanhas, recolheo-ſe a deſcançar á ſombra da reputaçaõ.

1219 Porém na Provincia de Alem-Téjo tinha hum ſubſtituto bizarro no Meſtre de Aviz, o bravo Fernandeannes, de quem fallei, quando fiz memoria dos Monjes da Serra de Oſſa. Foi eſperar os Alcaides das Villas de Serpa, e Moura, já perdidas neſte tempo, e os desbaratou em bem diſputado combate. Naõ eſquecendo avançar as conquiſtas, que lhe eſtavaõ confiadas na circunferencia de Aviz, depois de crua guerra, que fazia aos Mouros viſinhos da forte Villa cinco legoas diſtante, plantada no ſitio,

Era vulg.

tio, que hoje chamaõ Cabeço de Vayamonte: foi-se apoderando dos Lugares, que corriaõ de Portalegre a Veiros, Monforte, até Villa-Viçosa, e Borba. Tambem se presume, que por estes mesmos annos dous Fidalgos, chamados Pedro Rodrigues, e seu neto D. Alvaro Rodrigues, empregavaõ as suas armas em acções gloriosas além do Guadiana, e que huma dellas fora o bello estratagema, com que se fizeraõ senhores da Villa de Moura, que até áquelle tempo parece que ainda conservava o antigo nome de Arouce a Nova, e que da Africa Saluquia, sua donataria, tomou o de Moura.

Era Saluquia filha de Buaçon, Regulo poderoso na Provincia do Alem-Téjo, que a dotou com o Senhorio daquella Villa para haver de casar com o Mouro Brafama, que dominava o Castello de Arouche. Soubéraõ os dous Fidalgos referidos o dia, em que o navio havia vir a celebrar em Moura os seus desposorios; e vestidos á Mourisca com as suas

Era vulg.

gentes, se emboscáraõ nas matas, por onde a comitiva tinha de fazer o seu caminho. Ella marchavá entregue ao alvoroço taõ proprio da plausibilidade da funçaõ, quando de repente se vê rodeada de hum tropel, que á primeira face lhe pareceo ser de mouros officiosos, e os golpes a desenganáraõ, de que eraõ Christãos resolutos. Aqui se convertéraõ as cytaras em lutos; porque o noivo foi passado á espada; o resto da comitiva em gemidos lastimosos ficou acabando de exalar as vidas, em quanto os bizarros aventureiros a todo o galope se fizeraõ na volta de Moura para acabarem de representar dentro dos seus muros a vistosa scena, que principiáraõ no campo.

Com o disfarce de Mouros, chegáraõ fazendo grandes festas, algazarras em vozes Arabas, que indicassem a Saluquia os transportes de amor do seu Brafama. Ella se deixa ver do alto do Castello prompta para receber a desejada visita: ordena se abraõ as portas, e recebem os primeiros cum-

pri-

primentos da chegada as muitas cabeças cortadas, que começaõ a ſaltar pelas ruas. Deo o ſucceſſo a conhecer o engano; e porque o ſuſto, a deſprevençaõ, o ajuntamento da plebe confuſa naõ permitiaõ lugar para a defenſa, tudo foi morrendo, fugindo, e clamando. Saluquia, que preſumio deſgraça ſemelhante ſuccedida no caminho ao noivo, com deſeſperaçaõ gentil ſe arrojou do Caſtello, animoſa para ſe ſentir morrer, ſem alentos para ſe vêr cativar. Ainda ſe conſerva na Villa o nome de Moura; em huma das torres dos ſeus muros o de Saluquia; e o de Braſama no campo, em que ſe deo o combate, que precedeo a eſta bem diſpoſta ſorpreza.

Era vulg.

Era vulg.

CAPITULO IV.

Da vida dos Santos Martyres de Marrocos a este Reino, e outros successos do Rei D. Affonso II.

FELIZ foi o Reinado de D. Affonso em hum seculo de Santos. A Familia Real era hum Seminario de virtudes; porque cada filho do Rei D. Sancho I. parecia huma Idéa sem paixões. Dous Luminares brilhantes illustravaõ Hespanha, e Italia. Na primeira Regiaõ resplandecia S. Domingos entre os Astros dos melhores Gusmães: na segunda era Francisco Sol, que communicando luzes a huma quantidade numerosa de Planetas, por todas as Esféras illuminava o Orbe. Elle nos mandou de Marrocos ossos de Santos mortos em cambio de nos levar de Portugal em Antonio hum Santo vivo. Ardia o Serafico Patriarca em amor de Deos, e lastimado das ruinas, que os inimigos do seu Nome faziaõ na sua vinha plantada em Hespanha, e nu-

nutrida com o rego do ſangue de tantos Santos; reſolveo mandar a ella Operarios, que lhe arrancaſſem os eſpinhos, levantaſſem os vallos, e a pozeſſem no eſtado antigo da ſua fecundidade. Empenhado no deſtino ſanto de reformar o mundo, quando ſe diſpunha para ir anunciar o Evangelho á Paleſtina, chamou a ſeis Diſcipulos da ſua Eſcóla, o Padre Fr. Vidal para Prelado, Berardo, Pedro, Acurcio, Adjuto, Otaő, e os encarregou da Miſſaő aos Mouros de Heſpanha.

Era vulg.

Continuáraő os novos Apoſtolos a ſua jornada até Aragaő, aonde Fr. Vidal adoeceo gravemente, e dalli deſpedio os cinco companheiros para naő retardar ás almas o fruto da ſua Prégaçaő. Chegáraő a Portugal, e encontráraő a ternura, que inſpira a devoçaő nos catholicos eſpiritos da Rainha D. Urraca, e de ſuas cunhadas as Santas Rainhas Sancha, e Thereſa. Paſſáraő a Sevilha para fazerem ouvir as vozes da verdade no centro populoſo dos erros de Heſpanha, aonde o Rei Barbaro os tratou com a impie-

Era vulg. piedade deshumana, que desejavaõ os soldados ambiciosos de dar por Jesu Christo as suas vidas. Hum filho do Rei, naturalmente commovido dos máos trătamentos feitos a huns homens, que contemplava superiores á classe das outras gentes: persuadio a seu Pai naõ perseguisse huns pobres nús, que com o mundo senaõ embaraçavaõ, e se lhe eraõ perjudiciaes andando no seu Reino livres, os lançasse fora delle. Toma o Rei este conselho, e os envia ao Miramolim fartos de opprobrios, ou para que elle os consuma, ou para que examine no caracter dos Missionarios a solidez da sua doutrina.

Ouve-os o Miramolim, e atiça-lhe o fogo do furor o desprezo com que elles trataõ a sua Lei infame. Multiplicando os tormentos sem poder aballar a constancia, primeira, e' segunda vez os lança de Marrocos como a insensatos. Outras tantas voltaõ os professores da ignorancia da Cruz para a darem a conhecer aos Barbaros pela mais alta sciencia, ou para morrerem

por

por ella, segundo os movem ós impetos do espirito, que os governa. Depois de injurias, desprezos, açoites, e crueldades inauditas, o mesmo Imperador impio por suas mãos córta as veneraveis cabeças dos Santos, e arvora cinco Estandartes gloriosos na frente da Religiaõ Sagrada dos Menores, que justamente se honra com estes seus Proto-Martyres. Entaõ se achava em Marrocos o Infante D. Pedro, que teve a gloria de presenciar este triunfo da Fé; e podendo haver as Santas Reliquias, e permissaõ do Imperador, veio com ellas a Hespanha, donde as mandou para Coimbra conduzidas por Affonso Pires de Arganil, taõ temeroso do desagrado de seu Irmaõ, que ainda trazendo ao seu Reino este thesouro, naõ se attreveo a vir á sua presença. Foraõ collocadas no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, aonde tem obrado os milagres, que sabemos, e parte dellas se mandáraõ para o de Lorvaõ á instancia da Rainha D. Theresa, que entaõ vivia neste Convento.

Era vulg. 1220

As-

Era vulg.

Aſſegura-ſe, que eſtes Santos diſſeraõ á Rainha D. Urraca, que morreria, quando as ſuas Reliquias entraſſem em Coimbra. Se elles fizeraõ eſta profecia, o ſucceſſo moſtrou a verdade della no dia tres de Novembro do meſmo anno, em que a virtuoſa Rainha foi a gozar na Patria o premio das ſuas virtudes. He conſtante na tradiçaõ, que os meſmos Santos com grande cópia de Bemaventurados vieraõ celebrar as ſuas Exequias no coro de Santa Cruz á viſta do V. Conego D. Pedro Nunes, que áquella hora eſtava em oraçaõ, e teve o recreio de ouvir recitar Matinas á celeſtial Communidade, que lhe diſſe as applicava por obſequio da ſua gratidaõ em honra da Rainha D. Urraca. Foi ſepultada no Moſteiro de Alcobaça, como diſpozéra na vida, e paſſados 352 annos, quando o Rei D. Sebaſtiaõ quiz ver os cadaveres dos Reis ſeus Predeceſſores, e mandou abrir os Monumentos dos que eſtaõ ſepultados naquelle Moſteiro, o da Rainha D. Urraca naõ ſó ſe achou incorrupto; mas

to-

todo o ſeu ornato ſem alteraçaõ na novidade, e aceio, como ſe entaõ a terra lhe principiaſſe a dar uſo.

Era vulg.

D. Affonſo, que no principio do ſeu Reinado, com intençaõ pia, e animo catholico, havia eſtabelecido, e promulgado muitas Leis ſaudaveis para a economia, e felicidade dos ſeus Póvos, para as iſenções, e regalias neceſſarias ao Eſtado Eccleſiaſtico, que aſſiſte no meio do Imperio amparado á ſombra do ſeu poder: nos ultimos tres annos delle foi taõ conſideravel a revoluçaõ, e diſcordia entre os dous Poderes, que reduzíraõ o Reino a huma conſiſtencia de calamidade. Entaõ dominava geralmente a ignorancia na noſſa Naçaõ, que entregue toda ao furor, e exercicio das armas, naõ empregava o eſpirito em outros diſcernimentos além daquelles, que lhe propunha a fantaſia, o orgulho, ou as idéas ſimplices dos intereſſes. Pouco mais claras, que as dos ſeculares, eraõ as luzes dos Eccleſiaſticos; e duas economias, que ſe deſcobriaõ com intercadencias continuadas na ordem

Era vulg. dem de ſe conduzir, neceſſariamente haviaõ cobrir de ſombras os objectos mais proprios de brilhar. A claridade da razaõ ſim nos moſtrava, que nos deviaõ cauſar pejo as idéas rudes da alma. Por iſſo neſtes tempos lavramos Leis eſcritas, em que nos impediamos o coſtume antigo de mandar vir defora do Reino ſugeitos para toda a qualidade de empregos, em que quaeſquer Sciencias houveſſem de ter practica; mas iſto foraõ Leis de eſtrondo, naõ de verdade; eſcritas no papel, e o uſo para a obſervancia impoſſivel.

Os Padres Dominicos, e o ſeu Prelado D. Sueiro Gomes, que tinhaõ bebido os principios da verdadeira inſtrucçaõ em outras fontes, quizeraõ regular por elles os ſyſtemas do ſeu governo, e acháraõ o Rei em campo, que lhes embaraçou todos os projectos. O Arcebiſpo de Braga D. Eſtevaõ Soares da Sylva, e outros Biſpos, que liaõ os Livros, deſejavaõ a obſervancia dos Canones, e a integridade da Diſciplina da Igreja; viaõ

com

Era vulg.

com máo ſemblante os abuſos, que os Officiaes das trópas, e os outros Miniſtros exercitavaõ com auſteridade ſobre o Clero. Os primeiros por ignorancia, e intrepidez obrigavaõ os Padres conſagrados ao miniſterio Santo do Altar a tomar as armas, e marchar na téſta dos exercitos contra os inimigos; os ſegundos forçavaõ os meſmos homens para reſponderem no juizo ſecular; para darem conta das rendas das Igrejas; pagarem dellas tributos, com outros actos ſemelhantes até entaõ naõ viſtos em Heſpanha. Como a maior parte do Eſtado Eccleſiaſtico a nada diſto quizeſſe dar conſentimento voluntario, aquelles Officiaes os obrigavaõ por força; e entendendo o Arcebiſpo de Braga, que tanta reſoluçaõ provinha delles eſtarem municiados com a authoridade Real, que os confortava; elle ſe poem em público, e começa a pezada diſputa, que levou o reſto da vida do Rei, e encheo de conſternaçaõ os ſeus Póvos.

Prin-

Era vulg.

Principiou o Arcebiſpo a requerer por meio de huma exortaçaõ pathetica, pia, humiliante, immediatamente feita aó Rei, em que dava por Authores das deſordens ao ſeu Cancellario Gonçallo Mendes, Pedro Annes, e outros Miniſtros intereſſados, pedindo o remedio dellas. Como os rogos do Arcebiſpo de nada aproveitáraõ, as queixas chegáraõ a Roma, e movêraõ o Papa Honorio, que mandou aos Biſpos de Palencia, Tuy, e Aſtorga vieſſem a Portugal, eſgotaſſem todos os meios ſuaves, e inſinuantes para moderarem o Rei, que já neſte tempo tinha ordenado, ou permitido, que ſe fizeſſem damnos, e injurias graves á fazenda do Arcebiſpo, á ſua Peſſoa ſagrada, que por eſte reſpeito havia deſamparado o Reino. Eſta admoeſtaçaõ paternal, quando o Arcebiſpo tinha já feito ſoar em Portugal o trovaõ das Cenſuras, diſpôz o animo do Rei para huma concordia, que ou a grandeza do imaginado aggravo, ou novas ſugeſtões das peſſoas excommungadas, veio a fazer apparente.

1221

En-

Entaõ Roma, que sentio illudidos os seus bons officios, fulminou contra o Reino a tempestade dos raios de interditos, e censuras, que enchêraõ os animos de melancolia á vista dos Templos fechados, dos Officios Divinos suspensos, dos sinos mudos, de todos os homens atonitos. Estes males, que fizeraõ públicos entre nós os tres Bispos referidos, vinhaõ acompanhados das ameaças, vulgares naquelles seculos do grande poder de Roma, que denunciavaõ ao Rei, como a authoridade Papal eximiria os seus vassallos da fidelidade, que lhe deviaõ, e faria com que outros Principes lhe entrassem no Reino, e o despojassem delle, com outras vozes vivas, que a ignorancia do espirito da Religiaõ fazia entaõ espantosas aos ouvidos dos Catholicos. O Rei as percebeo colerico, e mandou resoluto, que as casas do Arcebispo fossem arrazadas até aos fundamentos: que o espoliassem de todo o movel, e fazenda: que as suas vinhas, pomares, e quintas se entregassem ao fogo; o que

Era vulg.

Era vulg. que tudo irrevogavelmente foi executado para chegar a diſputa em Roma aos ultimos pontos da deſordem.

1223 Neſte eſtado ſe achavaõ os negocios do Rei, e do Reino, quando chegou o dia 25 de Março, e nelle a morte a D. Affonſo aos 38 annos de ſua idade; gaſtando a maior parte dos do Governo na diſcordia com ſeus irmãos, alguns em acções glorioſas, os ultimos tres na controverſia, que acabo de referir. Pela ſua muita groſſura foi chamado o Gordo, e o ſeu cadaver enterrado no Moſteiro de Alcobaça, junto ao da Rainha D. Urraca, á qual ſobreviveo tres annos: Principe digno das memorias, e que ſeria mais digno ſe os meios, e fim dos ſeus doze annos de Governo correſpondeſſem ao principio delle.

CA-

LIVRO XIII.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Da vida, e acções do Rei D. Sancho II., e IV. de Portugal.

Era vulga

ENTRO na narraçaõ da vida, e acções de hum Rei, que sendo taõ benemerito, nas pennas dos nossos Historiadores naõ o houve mais desgraçado. Figuráraõ o seu modo de viver taõ indigno de hum Principe, como ridiculo o vestido com que lhe pintaõ de farçante a Magestade: quasi hum Rei de Theatro nas occasiões, e accidentes. Representárao no da Europa taõ impropria a sua figura, a da Rainha D. Mecia Lopes de Haro, sua mulher, com tantas propriedades de mais, que os Escritores Estrangeiros, fazendo parallelo entre as qualidades do coraçaõ do Rei, e as de sua cha-

Era vulg. chamada mulher D. Mecia, disserão, que o coração delle era baixo com extremo, o della alto com excesso. Depois de ser assim tratada a Pessoa, elles passárão aos accidentes della; e da Devisa de *Capello*, que lhe pozerão pela piedade com que honrou a insignia de hum Habito santo, o descrevêrão em trages de ridiculo.

Não se contentou a critica, ou a ignorancia, com morder neste Principe em commum as qualidades da pessoa, e o modo de vestir, sem o atacar particularmente na vida, diminuindo-a; no valor, que lho representão tão degenerado do de seus Avôs, que affirmão nunca perigára nas armas, nem déra passo na campanha; no estado, em que lhe figurão hum casamento, que nunca houve, para o mostrarem sem resistencia ás paixões, que o arrastavão. Sobre todos estes pontos, Duarte Nunes de Leão disse o que quiz, ou o que acreditou. Pedro de Mariz, que lhe ignorou o principio, e fim da vida, tudo confundio, e em tudo errou, tirando-lhe sem-

sem razaõ dous annos de vida. Pelo que respeita ao nascimento de D. Sancho, o Doutor Brandaõ provou com Documentos positivos, e com huma Chronologia indisputavel, que nasceo no anno de 1202, e que tinha quasi vinte quando entrou a reinar por morte de seu Pai. Derrotar os outros erros a respeito do restante da vida de D. Sancho depois de Rei; escrever as acções gloriosas, que nella obrou, e o fazem benemerito de occupar huma das praças distinctas entre os Principes sublimes; naõ esconder alguns defeitos, que teve de homem, tudo voù a tratar com a verdade constante, que he a alma da Historia.

Era vulg.

Chamáraõ a D. Sancho o *Capello*, e com este nome a ignorancia, naõ só profanou o sagrado do habito; mas quiz com elle provar calumniosa o espirito abatido, a frouxidaõ indigna do Monarca, que para ter aquella Devisa, naõ houve mais motivo, que o costume piedoso daquellas idades. Vivia nellas o grande Padre S. Francisco, e estabelecendo a sua Ordem Ter-

Era vulg.

ceira, exemplar de todas as mais, que depois approvou a Igreja; as pessoas, que a professavaõ, traziaõ da parte de fóra o Capello do Habito; costume, que depois foi prohibido pelos Capitulos Geraes. Os Principes naõ se desprezavaõ de authorizar a magestade da Purpura com esta marca humilde; e entre os muitos, de que varios Authores fazem memoria, se distinguiaõ naquella idade S. Luiz, Rei de França, e o nosso D. Sancho, por esta razaõ sómente chamado o *Capello.* Laclede achou, que o habito era o de Santo Agostinho; mas enganou-se.

Imaginaõ os nossos Chronistas casado ao Rei D. Sancho por instancias dos seus validos, que queriaõ Rainha favoravel aos seus interesses; mulher, que podessem mandar, naõ Princeza a quem houvessem de obedecer: com D. Mecia Lopes de Haro, já viuva de D. Alvaro Pires de Castro, filho de D. Pedro de Castro, o Castalhano, e figuraõ huma desigualdade notavel de pessoas, que fazia o casamento improprio para hum Rei. Esta he

a primeira ignorancia de alguns dos nossos Escritores; porque D. Mecia naõ era de sangue taõ pouco alto, que D. Sancho se abaixasse com o seu casamento, a ser elle verdadeiro. Ella foi filha do Conde D. Lopo Dias de Haro, o cabeça brava, XI. Senhor, e Soberano de Biscaia, e de sua mulher a Condeça D. Urraca, filha do Rei Affonso IX. de Leaõ. Depois o sobrinho de D. Mecia, que nasceo de seu irmaõ D. Diogo Lopes de Haro, e se chamou como seu Pai, casou com a Infante D. Violante, filha do Rei D. Affonso o Sabio, e da Rainha D. Violante, filha de Jaime I. Rei de Aragaõ. Qualidade semelhante era a de D. Alvaro Pires de Castro, primeiro marido de D. Mecia, que acompanhando a sua da rara formosura, de que a dotou a natureza, naõ deve ser imaginada com desigualdade taõ notavel, que deshonrasse a D. Sancho, se a recebesse por mulher.

Era vulg.

A idéa do casamento feito pelas intrigas dos Privados, e crido assim pela simplicidade, deo occasiaõ a di-

Era vulg.

zer-se, que ella agradecida ao beneficio, que devia áquelles homens, que a fizeraõ mulher de hum, sendo taõ desigual: ella lhes fomentava os roubos, violencias, sacrilegios, impiedades, com que revolviaõ a República, obrigada a tolerrallos sem remedio, nem refugio; porque a Rainha era a fautora, e o Rei hum insensato. Com tudo, os Authores do erro suppoem aos Portuguezes sem paciencia para soffrer desordens deste caracter, e figuraõ a Reimaõ Viegas Portocarreiro, hum Fidalgo de Entre-Douro e Minho, plantado na testa de muitos descontentes, entrar pela Corte, chegar ao Paço, prender a Rainha, e metella no Castello de Ourem; tudo com impressaõ taõ pouco sensivel de D. Sancho, que no acto do roubo, nem depois delle teve corage para recobrar sua mulher, quando ella lhe naõ faltou para resistir depois ao irmaõ nas pertenções do Reino. Outros o persuadem puchando hum corpo de trópas até avistar os muros de Ourem, para debaixo delles

pe-

pedir humilde lhe reſtituiſſem ſua mulher pelo amor de Deos: que reſpondendo-lhe a caridade, que demandava, com ſettas, pedras, outros inſtrumentos de arremeço, o Rei ſe retirára choroſo, e elles para ſe livrarem de outros requerimentos ſemelhantes, e naõ ſe exporem a que a compaixaõ os moveſſe, ſe foraõ com a Rainha para Caſtella, donde naõ voltára mais a Portugal.

Era vulg.

Bem ao largo organiſa Duarte Nunes eſta quimera logo no roſto da vida deſte Rei, na ſua penna infeliz. Porém o Doutor Brandaõ, que nos moſtra naõ fazer caſo algum da grande authoridade do Conde D. Pedro, hum dos fautores deſte erro, quando ella ſe encontrava com a verdade; jarreta, córta, degola a credulidade facil dos outros Authores, que occupados do eſpirito dos ſeus antigos, eſcrevêraõ as meſmas monſtruoſidades, que elles ſonháraõ. Neſte Eſcritor judicioſo da noſſa Hiſtoria, Tomo IV. Capitulo XXXI. do Livro XIII.: no Catalogo das Rainhas do

ſe-

Era vulg. severo D. José Barbosa de paginas 161 até 213 se podem vêr as razões solidissimas, os Documentos irrefragaveis, com que elles derrotaõ a fabula do casamento de D. Sancho com D. Mecia, e por consequencia os mais successos injuriosos á Magestade, que sendo forjados em cerebros ocos, esmagáraõ as cabeças mociças de homens sólidos, que nos embaraçáraõ nas mesmas duvidas, em que elles fluctuáraõ.

Deixadas estas questões já convencidas nestas idades melhor illuminadas, eu continúo a mostrar o Rei D. Sancho tomando posse do seu Reino, que no tempo da morte de seu Pai supportava as concusśões terriveis, que nelle havia agitado o espirito da discordia. Tantos damnos, perdas, e injurias feitas aos Infantes, e Rainhas, Tios do novo Rei, ao Arcebispo de Braga, e a todo o Estado Ecclesiastico; ellas causavaõ no animo piedoso de D. Sancho movimentos de tanto escrupulo, que sem as restituir, naõ podia achar doçura na suavidade do

Sce-

Sceptro. Todos os prejudicados se uniraõ respeitosos para representarem reverentes ao Rei a sua justiça; compromettendo-se na sua equidade, para que ella mesma fosse Promotor, e Juiz nas suas causas. Como no fim do Reinado de seu Pai, elle de tudo fora testemunha, fez hum merecimento especial de restituir ao Arcebispo, quantos damnos haviaõ às trópas causado nos territorios do Arcebispado, e nos seus bens patrimoniaes. Pelo que respeitava aos Juizes Seculares, como no tempo da confusaõ elles haviaõ usurpado a jurisdiçaõ Ecclesiastica, e arrogado os direitos, de que já mais tiveraõ posse: O Rei suspendeo esta usurpaçaõ por huma Lei, que fez publicar a favor dos Ecclesiasticos, e os restabeleceo na posse pacifica dos seus direitos, usos, e costumes antigos.

Era vulg.

Estas controversias com a Igreja foraõ causa do Rei D. Affonso naõ deixar decidido o pleito com suas Irmãs as Rainhas Santa Theresa, e Santa Sancha, que seu sobrinho naõ quiz de-

Era vulg. demorar, e ordenou, que ao mesmo tempo se determinasse, como quem queria, que o seu se restituisse a seu dono. Para este effeito, a natural inclinaçaõ de D. Sancho a estimar mais a verdade, que os interesses, resolveo, que suas Tias gozassem o uso fructo de Alemquer, Monte-Mór, e mais Praças, que seu Pai lhes deixára; que além disto lhes pagaria huma pensaõ vitalicia, estabelecida em fundo certo, conforme a proposta, que no Reinado de seu Pai lhes tinha sido feita. Porque tantas offertas para as Rainhas taõ vantajosas naõ parecessem quimericas, D. Sancho se quiz empenhar mais, authorisando-as com o sagrado do juramento, e promettendo nelle, que as faria cumprir com a ultima exactidaõ, para tirar ás Princezas, e ao Reino todo o assumpto de murmuraçaõ, e de queixa.

Depois destas primeiras acções magnanimas do Principe, que nos quizeraõ persuadir sem espirito, e falto de intelligencia, immediatamente se lançou elle a outra, que he das mais di-

dignas da Mageſtade. Nas primeiras, quiz D. Sancho formar hum Regulamento, que marcaſſe o reſpeito, que he devido á Igreja de Jeſu Chriſto; que intereſſava a memoria de ſeu Pai, e a tranquilidade de ſuas Tias Santas. Agora na ſegunda determinou eſtabelecer conſtante a reputaçaõ propria. Marchou a viſitar em peſſoa as Comarcas principaes do Reino para ſer teſtemunha dos deſconcertos, que neceſſitaſſem de prompto remedio, e applicar-lho. Fez novas Ordenanças a reſpeito dos direitos, que ſe levavaõ nas terras doadas pelos ſeus Predeceſſores aos particulares para as cultivarem; e como os abuſos, que até entaõ ſe practicavaõ neſta materia eraõ muito grandes, o illuminado D. Sancho fez eſcrupulo igual ſenaõ os atalhaſſe no meſmo inſtante de os conhecer.

Era vulg.

Na continuaçaõ deſta viſita do Reino, D. Sancho ſe aviſtou no Sabugal com ſeu primo D. Fernando, Rei de Caſtella, que ſummamente ſatisfeito da concordia celebrada com as Rai-

1224

Era vulg.

Rainhas, tratáraõ os seus negocios com gosto reciproco, e D. Fernando deo a palavra, que exactamente cumprio, de lhe mandar entregar o Castello de Chaves, que os Leonezes nos tomáraõ, quando soccorrêraõ a Rainha D. Theresa, e conservavaõ em seu poder para maior segurança da pessoa da mesma Rainha. D. Sancho para fazer mais constante a próva do respeito, e veneraçaõ para com as virtudes, e pessoas de suas Tias, tomeu debaixo da sua protecçaõ os Mosteiros de Coimbra, Cellas, e Alemquer, que ellas haviaõ fundado. Depois que o novo Rei executou estas acções pias, justas, heroicas, e illuminadas nos negocios Ecclesiasticos, e Civís do seu Reino; determinou empregar o valor no exercicio das armas, para onde o chamava a inclinaçaõ propria, o exemplo dos seus passados, e que contra o commum sentir dos nossos Historiadores antigos; vou já a tratar no Capitulo seguinte.

CA-

Era vulg.

CAPITULO II.

Das emprezas militares do Rei D. Sancho II.

1225

AS acções do nosso Principe haveriaõ merecido estimaçaõ, e louvor, se aquelles que escrevèraõ a sua Historia, tivessem feito sobre ellas huma reflexaõ séria. Porém a maior parte daquelles juisos, longe de se applicarem á averiguaçaõ da sua probidade, e virtudes, fizeraõ assumpto de o tratar por hum Rei covarde, quasi demente. Como reputaçaõ semelhante de sórte alguma convem ao caracter de hum Soberano bravo, e polido; vou a despir-lhe o Capello de Franciscano, de que a sua piedade o vestio, e ornallo com os armamentos de soldado, que aos olhos dos Barbaros o mostráraõ terrivel. Ainda naõ tinha dous annos de Rei, e apenas contava vinte e dous de idade, quando nesta figura, se postou na frente das suas trópas, á face das dos inimigos. Se

Duar-

Era vulg. Duarte Nunes assim o víra naõ differa, que naõ cuidava dos negocios do Reino; que era inhabil para o administrar; que deixava viver os vassallos á vontade; que tudo provinha da sua brandura, e simplicidade, da malicia dos seus Conselheiros, dos seus Validos; e que fora hum Rei, que nunca teve guerra com Christãos, nem com Mouros.

O illustre Polaco, e sabio Dominico Abrahaõ Bzovio, que na assistencia da Biblioteca do Vaticano se encheó de luzes para illuminar os Annaes de Baronio, he o primeiro, que nos fez saber, como neste anno de 1225 o Rei D. Sancho se occupava na guerra contra os Mouros. Diz este Author, que pelo muito que D. Sancho obrou nella, que naõ cedia em nada ao que se tinha feito nos Reinados precedentes, o Papa Honorio III. o enchêra de louvores, o recebêra na protecçaõ da Santa Sé, e o tratára com expressões gratas pelos serviços, que fazia á Igreja no abatimento dos inimigos da Fé. Entrou com hum exer-

Era vulg.

ercito poderoſo pela Provincia de Alem-Téjo; pondo a ferro, e fogo quanto pertencia aos Mouros até a Praça de Elvas, que elles com outras terras haviaõ recobrado. Deſta primeira invaſaõ, e dos eſtragos, que nella fez D. Sancho nas Povoações, e campos dos Infieis, com que voltou rico, e bem reputado para a ſua Corte, dá noticia honrada, ainda que breve D. Lucas, Biſpo de Tuy: que a memoria poſthuma do noſſo D. Sancho he mais obrigada aos Eſtrangeiros, que aos ſeus nacionaes, e vaſſallos.

Seguio-ſe á authoridade deſtes dous homens grandes, que próvaõ a guerra do anno de 1225, outra em nada inferior, qual he a do Arcebiſpo de Toledo D. Rodrigo Xemenes, que vivia neſtes tempos, e individua as conquiſtas, que D. Sancho fizera em peſſoa o anno ſeguinte na meſma Provincia áquem, e além do Guadiana. O empenho com que o Santo Rei D. Fernando de Heſpanha opprimia os Barbaros, lhes conquiſtava as melhores

1226

Era vulg.

res Praças, e hia tirando a esperança do seu estabelecimento entre nós; foraõ estimulos fortes, que segunda vez movêraõ o nosso Rei a voltar ao Alem-Téjo para aperfeiçoar, com a tomada de Elvas, a obra, que havia começado. Todos os Ricos-Homens, e Fidalgos, o Arcebispo de Braga D. Estevaõ Soares, para se mostrar officioso ao Principe, que com tanta magnanimidade lhe honrára o caracter, com tanto desinteresse lhe restituíra os damnos; quiz ser hum do número dos sobreditos, e acompanhar ao Rei nesta empreza. O sitio de Elvas, pelo muito que teve de vigoroso, deixou de ser largo; e cedendo a contumacia dos cercados á violencia dos assaltos dos cercadores, no principio de Julho já os nossos estavaõ Senhores da Praça, que leváraõ de assalto.

Do modo por que o Arcebispo D. Rodrigo trata esta expediçaõ de D. Sancho se infere, que na mesma campanha ganhou as Villas de Jurumenha, Serpa, e Moura; mas nós hiremos vendo no fio da Historia a ordem

deſtes ſucceſſos. Que D. Sancho diſ- Era vulg.
tinguiſſe os valeroſos Fidalgos, que
no ſitio cumprírao com os deveres da
honra, ſe próva com a doaçaõ, que
no meſmo anno fez a Affonſo Mendes
Sarrachines dos direitos, que lhe pa-
gavaõ no Coûto de Paredes, decla-
rando na Carta: Que lhe fazia eſta
mercê em attençaõ aos grandes ſer-
viços, que lhe fizera principalmente
em Elvas, aonde entrára nas Cavas
expondo-ſe a perigo de morte por ſeu
reſpeito. Aſſim remuneraria outros ho-
mens de igual caracter, e valor, que
o Rei chamado inſenſato ſabia conhe-
cer, e premiar. Poucos annos depois
paſſou D. Sancho á Cidade o meſmo
Foral da de Evora, e declara nelle,
que com as ſuas armas ganhára Elvas
aos Mouros; mas como os noſſos
Eſcritores dos outros ſeculos, em que
ſó o ruido das eſpadas, e das lanças
fazia ecco ſonoro, naõ ſe applicavaõ
a ouvir as vozes de hiſtorias eſtranhas,
nem ſe entretinhaõ em revolver as
antiguidades veneraveis, que guarda-
vaõ os Archivos; por iſſo nas ſuas
idéas

Era vulg. idéas foi D. Sancho hum Rei taõ covarde, que nunca a Chriſtãos, nem a Mouros fez á guerra.

1227 Neſte anno morreo o Papa Honorio III. que tanto tinha trabalhado nos negocios de Portugal eſtes dous Reinados, e deixava os da Igreja em eſtado triſte pelas deſavenças pezadas, que antes ſe ſuſcitáraõ entre ella, e o Imperador Frederico II. agora mais aggravadas pelas cenſuras, que Honorio fulminára contra elle. O noſſo Eſtado Eccleſiaſtico eſtava entaõ em ſummo ſocego pela boa harmonia do Rei com o Arcebiſpo D. Eſtevaõ, e pelos eſtimaveis Prelados das outras Dioceſes. Na do Porto fallecêra neſte anno o ſeu Biſpo D. Martinho, que teve por Succeſſor a D. Juliaõ primeiro do nome. Na de Lisboa ainda governava D. Sueiro, o que rendeo Alcacere, que indo a Roma encarregado dos negocios do Rei D. Affonſo II. teve nella amizade com S. Boaventura, que nos fornece huma das próvas evidentes, de que elle naõ tinha o nome de Matheus, como lhe chamaõ

os

os nossos Chronistas; porque na vida de Santo Antonio, que escreveo, diz, que a maior parte daquellas noticias lhas communicára em Roma o Bispo Sueiro. Nos mais Bispados havia Prelados benemeritos, que com fervor, e zelo cuidavaõ em dar ás suas ovelhas pastos saudaveis, e todos sustentavaõ em paz formosa a unidade da Igreja Lusitana.

Era vulg.

1230

Conservaõ-se entre nós memorias, que apontaõ alguns dos nossos Modernos, especialmente o Doutor Brandaõ, pelas quaes consta, que nestes annos continuava o Rei D. Sancho a guerra contra os Mouros, e fizera a Praça de Elvas Quartel General da Provincia do Alem-Téjo, que era o theatro della. Tem toda a probabilidade, que entaõ fora a conquista de Jurumenha, e Serpa, que os Mouros defendêraõ o mais largo tempo, e mais vigorosamente, que elles podéraõ; mas o Rei constante, e valeroso as reduzio á sua obediencia. Houve de parar este curso feliz das suas victorias por occasiaõ das perturbações, que

Era vulg. 1231

ſobrevieraõ ao Reino de Leaõ com a morte do Rei D. Affonſo IX. que no tempo que eſteve caſado com a noſſa Infante Santa Thereſa houve della as duas Infantes D. Sancha, e D. Dulce; e depois de ſeparado daquella Princeza em razaõ do parenteſco, tornou a caſar com D. Berenguela, que o fez Pai do Santo Rei D. Fernando, que já neſte tempo era Rei de Caſtella.

A diſpoſiçaõ que D. Affonſo fez dos ſeus Eſtados em favor das duas Infantes com prejuiſo do Santo Fernando pouco amado de ſeu Pai, perturbou a tranquillidade da Familia, e traçava huma diſcordia, que derrotaria o repouſo dos dous Reinos de Leaõ, e Caſtella, ſem que deixaſſe de tocar a Portugal huma grande parte deſtes nublados. D. Fernando da ſua propria equidade fazia aſſumpto para moſtrar o ſeu direito com preferencia ao das Infantes por Principe Varaõ, e Succeſſor ao Throno. As Infantes armavaõ-ſe com o teſtamento de ſeu Pai, que queriaõ ſuſtentar válido, e defen-

fendello. A importancia deste grande negocio, que já agitava os espiritos de ambos os Reinos, pedia as attenções do de Portugal, e D. Sancho naõ quiz demorar o effeito dellas. Para determinar as differenças antes de chegarem a rotura, elle dispôz, que sua Tia a Rainha Santa Theresa passasse a Valença do Minho para tratar dos interesses das Infantes suas Filhas com a Rainha D. Berenguela, Mãi do Santo Fernando. Da sua parte mandou ás Cortes os Ministros mais habeis a offerecer a sua mediaçaõ para o ajuste amigavel de hum negocio taõ critico. Tudo conseguio a prudencia de Theresa, e Sancho, que fazendo suspender a effusaõ de sangue, conviéraõ em que D. Fernando ficasse com o dominio do Reino, e as Infantes com senhorios, e rendas correspondentes ao seu alto caracter.

Era vulg.

1232.

Desembaraçado D. Sancho deste negocio, no anno seguinte renovou a guerra contra os Mouros no Algarve com successos em nada menos gloriosos, que os das campanhas precedentes.

 tes.

Era vulg. tes. Encarece Bzovio na Hiſtoria deſte anno a deſmedida corage com que D. Sancho ſe lançou ſobre os Barbaros, as conquiſtas que fez no Algarve, e os muitos cativos Chriſtãos, que livrou dos ferros da eſcravidaõ. Levantou D. Sancho naquelle Continente montuoſo o Eſtandarte da Cruz ſobre as ruinas dos altares profanos, que purificou dos ultrajes, que ſe haviaõ feito a eſte Symbolo do Chriſtianiſmo: zelo ſanto, que fez a impreſſaõ devida no Papa Gregorio IX. para encher de bençãos, derramar elogios ſobre o Principe, que nas ſuas acções memoraveis igualava, e unia a piedade, e a corage. Nos mais annos, que ſe ſeguíraõ até o de 1235 ſabemos, que D. Sancho naõ deſiſtio da guerra; mas ignoramos os ſucceſſos della, porque o Arcebiſpo D. Rodrigo, que a refere, o faz com tanta brevidade, que nem calcula os tempos, nem individua os caſos.

1235 No principio do dito anno foi tomada Aljuſtrel no Campo de Ourique, Mertóla, e Juſtiel, que dizem

ſer

ser emprezas do valor do Mestre D. Paio Peres Correa, e a Doaçaõ dellas á Ordem de Sant-Iago feita pelo Rei D. Sancho. Depois entrou este no Alem-Téjo talando os campos pelas partes de Portalegre, de Monforte, e entaõ parece que ganhou a Praça de Arronches, que doou ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Porém tantas vantagens das armas de D. Sancho foraõ interrompidas pela renovaçaõ da controversia com os Ecclesiasticos, que com o poder, e jurisdiçaõ enfraquecidos, fosse pelas usurpações, que lhes haviaõ feito, fosse por causa das desordens da guerra; serviraõ-se desta occasiaõ para restabelecerem os seus direitos a expensas mesmo da jurisdiçaõ secular. Como para esta sorpreza surtir effeito se necessitava da authoridade Real; dirigíraõ ao Rei muitos requerimentos, em que se queixavaõ dos Juizes Seculares, que com o pretexto de buscarem culpados, os seus Officiaes lhes entravaõ pelas casas, e sobre lhes ultrajarem o respeito, roubavaõ dellas o que

Era vulg. 1236

1237

que-

Era vulg. queriaõ. Extremamente ſe affligio D. Sancho com èſta demanda, a que a ſua piedade deſejava dar o prompto remedio, que prometteo aos Eccleſiaſticos na conſervaçaõ das ſuas immunidades. Foi principal inſtrumento da 1238 concordia o Arcebiſpo de Braga D. Sylveſtre, Succeſſor do memoravel D. Eſtevaõ Soares, que com a ſua prudencia moveo o Rei a dar as demonſtrações mais públicas de veneraçaõ á Igreja, como conſta do Decreto, que elle entaõ mandou lavrar, encaminhado ao meſmo Arcebiſpo.

CAPITULO III.

Continua-ſe com as emprezas militares, e outros progreſſos da vida do Rei D. Sancho.

1239 DÁ occaſiaõ para a probabilidade da conquiſta de Mértola, e Alfajar de Pena a Doaçaõ, que deſtas Villas fez o Rei D. Sancho no anno citado á Ordem de Sant-Iago, para que eſtabelecendo-ſe no ſitio vantajoſo da primei-

meira podesse dilatar com commodo as suas correrias, já para as partes do Alem-Téjo, já para as de Andaluzia, e Algarve. A este ultimo Reino mandou com consideravel reforço de trópas ao Mestre D. Payo Peres Correa para impedir as hostilidades, que os Mouros faziaõ no Paiz. Ellas eraõ taõ geraes, que naõ havia lugar illeso; e as exacções dos Barbaros tinhaõ tanto de frequentes, e de fortes, que naõ se conhecia alguem em estado de as satisfazer. Como os impios naõ se pagavaõ desta impotencia, e a sua avareza naõ se enchia, usavaõ de todos os generos de violencia, e castigavaõ a pobreza como delicto. Huma tal consideraçaõ no animo pio de D. Sancho o moveo a seguir os passos do Mestre D. Payo com todas as forças de mar, e terra para tomar conta aos Mouros das suas iniquidades. Naõ presumiaõ, que o Rei fosse em estado de passar os montes com tantas forças, e quando as viraõ descer, se entrincheiráraõ nos lugares fortes, deixando-nos livre toda a campanha.

Era vulg.

1240

Ca-

Era vulg. Cahio o primeiro golpe das armas sobre as Praças de Cacela, e Ayamonte, que successivamente se rendêraõ, e o Rei doou á Ordem de Sant-Iago.

Os cavalleiros, gratos a tantos beneficios do Rei D. Sancho, tomáraõ á sua conta a guerra do Algarve, e sahindo de Cacela com hum moço do mesmo Paiz, chamado Garcia Rodrigues, foraõ penetrando a terra, e depois de combates fortes dados á Cerca do Lugar de Estombar, a rendêraõ, e depois a Villa de Alvor. No mesmo anno marchou o Mestre D. Payo de Cacela á conquista de Paderne; mas sendo esperado no caminho por grande número dos Mouros de Tavira, Faro, e Loulé teve de os 1242 atacar em duas batalhas. Na primeira os venceo, e fez largar o campo com a perda de muitos mortos. Na segunda, mais reforçados os Barbaros, sustentáraõ o campo com desmedido valor o dia inteiro, até que a noite os separou, e ambos os partidos bem cortados, escolhêraõ pelo melhor recolher-se ás suas Praças,

De-

Era vulg.

Depois destas refregas, as trópas do Rei de tal sórte segurárao o Paiz, que os Mouros, nao só se recolhêrao ás suas trincheiras; mas pedirao ao Grao-Mestre as tregoas de alguns mezes, que forao concedidas. Fiado nellas o Commendador D. Pedro Rodrigues com os Cavalleiros Mem do Valle, Durao Vaz, Beltrao de Caya, Alvaro Garcia, e Estevao Vaz, sahírao de Cacela a divertir-se no entretenimento da caça em hum sitio junto a Tavira, que ainda hoje chamao as Andas. Os Mouros, que entendêrao desprezo a acçao honesta dos Cavalleiros obrada no meio da paz, vao nos seus alcances em grande número, resolutos a tirar-lhes as vidas, que determinao vender bem caras. No aperto do tempo fizerao huma debil trincheira, e despedindo hum criado com aviso ao Mestre D. Payo do lance, em que estavao mettidos, esperárao os Mouros, que atacárao a trincheira furiosos. Acaso passava de Faro para Tavira o mercador Simao Rodrigues, que traficava com os Barbaros

de

Era vulg. de ambas as Cidades ; e vendo o perigo em que se achavaõ os Cavalleiros, preferindo a gloria de morrer entre elles ao amor da ganancia; abandona aos criados as riquezas, que conduzía, e lançando-se ao palanque, bastou a gentileza da acçaõ para redobrar aos Cavalleiros a corage. Defendiaõ como Leões acoçados, em quanto o Mestre D. Payo marchava a todo o galope em seu soccorro, taõ occupado em salvar os seus camaradas, que atravessando pelo meio da Praça de Tavira, teve em menos fazer-se senhor della, que perder huns Cavalleiros de tanta honra, e foi em demanda do lugar do combate.

Quando D. Payo chegou a elle já os bravos Heróes haviaõ deixado as vidas nas mãos da desigualdade das forças, taõ rotos de feridas, que a compaixaõ convertida em furor, determinou vingar as mortes innocentes com golpes iguaes. Os Mouros, que ainda estavaõ no campo, e naõ tinhaõ outro partido, que o de se bater, os foraõ sentindo taõ pezados, que houvé-

Era vulg.

véraõ de bufcar os muros da Praça para lhos interpôr como reparo; mas o Mouro Abem Fulula, que a governava, para que os noffos naõ entraffem com elles de envolta, fechou as portas fobre os fugitivos, que ficáraõ fendo alvo do furor, em que degenerára a colera jufta dos noffos. De nada fervio efta prevençaõ advertida fobre o valor eftimulado, que arrojando-fe a hum poftigo, que fe abrira para falvar por elle alguns dos acoçados; os cavalleiros o arrombáraõ, e entráraõ na Praça, que allagáraõ com o fangue de todos os viventes, que havia nella. Seguio-fe ao caftigo dos Barbaros fepultar na mefma Cidade os fete cadaveres no lugar, que até ao prefente he em Tavira refpeitado com veneraçaõ pia.

Informado D. Sancho da tomada de Tavira, e das gentilezas, que os cavalleiros de Sant-Iago obravaõ em feu nome na conquifta do Algarve, lhes deo a propriedade da Cidade conquiftada para lhes remunerar a perda de vidas, e fazenda, que nella tinhaõ

def-

Era vulg. defpendido. Efta acçaõ do Rei pareceo taõ louvavel ao Papa Innocencio IV. que confirmou a Doaçaõ por huma Bulla, que elle mefmo mandou de Roma ao Graõ-Meftre da Ordem. Depois de prefidiada a Praça, naõ quiz D. Payo Peres perder a conjuntura de fe aproveitar da confternaçaõ, que a fua tomada caufára no refto das outras, que defta parte do Guadiana ainda confervavaõ a voz dos Mouros. Marcha outra vez fobre Paderne, donde envíou hum groffo deftacamento a Eftombar, que Aben-Afan, Rei de Silves, intentou forprender. D. Payo, informado defta faida do Rei Aben, a toda a preffa fe aprefenta fobre Sylves com todas as fuas forças, que fe apoderáraõ das portas da Cidade para efperar a volta de Aben-Afan. Chegou elle a que ainda hoje fe chama da Azoya, e tocou na repartiçaõ á mefma peffoa de D. Payo, que com valor defmedido fe lançou fobre o Barbaro para fer a victoria toda fua.

Como ella fe declarava á favor das armas Chriftás, os Mouros da Praça,

pa-

para ſalvar o ſeu Rei, abríraõ as pórtas; mas andando já as tropas confundidas com a força da refrega, humas, e outras entráraõ na Cidade combatendo, e acabáraõ nas ruas a batalha, que começára no campo. O Rei Aben-Afan, vendo tudo perdido, quiz dever a vida á ligeireza do ſeu cavallo, que ao paſſar o rio, ſe affogou com o dono no pégo, até ao tempo preſente, chamado de Aben-Afan, pouco diſtante da Cidade. A ultima empreza de D. Payo Peres no Algarve foi a tomada de Paderne: conquiſtas todas, que fez como General do Rei D. Sancho com as ſuas trópas, e os Cavalleiros da Ordem de Sant-Iago, ſendo até eſte tempo ſómente Commendador de Alcacere do Sal, ſem que para as ditas conquiſtas houveſſe, nem ſe neceſſitaſſe permiſſaõ do Rei de Caſtella. No anno poſterior a eſtas expedições he que a reputaçaõ de D. Payo fez, que foſſe chamado áquelle Reino para ſe lhe conferir a Dignidade de Graõ-Meſtre, que entaõ ſó havia em Caſtella, e a elle eſtavaõ ſugei-

Era vulg.

Era vulg. geitos os Cavalleiros de Portugal. Mas se como querem alguns, D. Payo foi eleito Graõ-Mestre immediatamente depois da tomada de Tavira, outros presumem, que ou elle naõ passou logo para Castella, ou que se o fez, a conquista de Sylves naõ he obra sua.

Das Historias daquelle Reino sabemos nós, que D. Payo, eleito Graõ-Mestre, immediatamente passou a servir na guerra de Andaluzia com o Rei D. Fernando, e que fora hum dos instrumentos principaes da conquista dos Reinos de Murcia, Jaen, e Sevilha. Esta verdade he taõ constante, e que o Mestre no anno de 1243 já servia em Castella, que nelle, por seu concelho, o Infante D. Affonso, filho do Santo Fernando, foi tomar posse do Reino de Murcia, que o Rei Mouro lhe mandou offerecer, sem para isso pedir permissaõ a seu Pai, que se achava em Burgos, e mostrou grande complacencia do que seu filho, e o Mestre obráraõ nesta empreza. Donde fica evidente, que as expedições feitas no Algarve

pe-

pelo Portuguez D. Payo Peres Correa, naõ foraõ ferviços, que elle fizeffe ao Rei de Caftella por ordem fua; mas ao de Portugal D. Sancho, que fe achou em algumas, de quem D. Payo era vaffallo, e Commendador no feu Reino, com as trópas do mefmo D. Sancho, e authoridade fua, fem dependencia, ou licença dos Reis de Caftella, porque o direito da noffa conquifta fobre os Mouros era igualmente illimitada, e livre.

Era vulg.

Ao mefmo tempo que gloriofo nas armas, D. Sancho naõ fe quiz privar da gloria de zelador da Religiaõ; amparando os filhos dos Patriarcas S. Domingos, e S. Francifco, que achára no feu Reino com eftabelecimento pouco firme. Efte Principe lhes fez muitas gratificaçőes, aonde a fua piedade naõ tinha menos parte, que a fua profufaõ: Liberalidade pia, de que fe fizeraõ participantes as Rainhas D. Therefa, D. Branca, e D. Mafalda. Aos primeiros daquelles Religiofos, que viviaõ nos Conventos de Montejunto, e de Montiraz, deftinou, e man-

dou

Era vulg. dou edificar o de Santarem, logo o de Lisboa, e depois o do Porto, para que as ſuas virtudes eſcondidas no hermo, ſerviſſem de exemplares aos moradores deſtas Povoações principaes do ſeu Reino. Nada menos fervoroſas as ſuas demonſtrações para com os Franciſcanos de Lisboa, Alenquer, e Guimarães, que dilatou com a fundaçaõ do Convento do Porto. Mas as perturbações, o ruido do Reino, já naõ nos conſentem ouvir com ſocego o eſtrondo do valor, e magnificencia do noſſo Rei D. Sancho, que como exemplar primeiro entre nós, he atrevida, e miſeravelmente ſacrificado aos intereſſes de hum Irmaõ audaz, e ambicioſo, e á liberdade de huns poucos de vaſſallos dyſcolos, e rebeldes: Aſſumpto laſtimoſo, para que já me convida a Hiſtoria.

1245 No meſmo tempo feliz, e vantajoſo das armas de D. Sancho, elle começou a ſentir as deſordens, que ameaçavaõ o reſto dos annos do ſeu Reinado. Entrou a diviſaõ pelo meio dos Grandes, e foi taõ forte, e obſtina-

nada, que assolou as nossas Provincias do Nórte. Os Póvos igualmente vexados pelos differentes partidos, foraõ as victimas deste furor civil, que os Ministros esquecidos da dexteridade, trabalhavaõ por occultar ao Rei. Naquellas Provincias tomou a sediçaõ tanto corpo, que chegou a rotura manifesta, e em hum choque junto ao Porto, em que se batêraõ os partidos de Rodrigo Sanches, filho bastardo do Rei D. Sancho I. e de Gil de Soverosa, ficou morto aquelle estimavel Principe, que tinha dado todas as próvas de bom Cavalleiro. Além disto as chammas da discordia dos Ministros Ecclesiasticos com os Civís, ainda conservava com muito calor as cinzas: os primeiros descontentes do modo por que os segundos faziaõ se conduzisse o Rei; e inexoraveis em conservar, e avançar os interesses, e regalias, cuidáraõ em prevenir o Papa para o terem favoravel nos acontecimentos futuros, que já premeditavaõ.

Era vulg.

He verdade que nós naõ deixamos de saber, que a desprezo dos

Era vulg. conſelheiros prudentes, D. Sancho ſe guiava por huns poucos de intereſſados, que ſe embaraçavaõ ſó nó que lhes convinha, ſem lhes fazerem impreſſaõ as pertuarbações do público, de que naſcia eſquecer o merecimento, fazer-ſe pouco caſo dos ſerviços, e os favorecidos com hum poder igualmente ſoberano, e injuſto, empregarem toda a attençaõ nas ſuas creaturas. Quaſi geralmente ſe viaõ triunfar da verdade, e da boa politica, derramados, e impunidos, a liſonja, o odio, a injuſtiça, o luxo, e a profuſaõ. Os Póvos opprimidos queriaõ apreſentar ao Rei os ſeus Memoriaes; mas achavaõ as portas fechadas, ou os ouvidos de D. Sancho preoccupados de rumores eſtranhos. Eſtas deſordens parecia impoſſivel deixarem de produzir muito máos effeitos no ſeu Reino em humas idades, que cingidas da ignorancia, faziaõ a authoridade Real reſponſavel na terra a outras authoridades além da de Deos. Como os clamores da maior parte da Nobreza, e de quaſi todo o Povo

naõ

naõ produziaõ os effeitos deſejados, reſtavaõ as eſperanças das repreſentações, que ſe reſolvêraõ fazer á Curia Pontificia, que ſe preſumia encontrar favoravel por attençaõ aos Eccleſiaſticos, que eraõ os mais ſentidos. Era vulg.

Tentativas ſemelhantes, que eſtavaõ indicando no Reino huma mudança notavel, deraõ occaſiaõ a que o Infante D. Pedro, filho terceiro do Rei D. Sancho I. entaõ Conde de Urgel, e reſidente em Aragaõ, pertendeſſe ter direito á Regencia, e depois á Succeſſaõ da Coroa. D. Jaime, Rei de Aragaõ, que lhe fautoriſava a idéa, mandou Embaixadores á noſſa Corte para eſte effeito; mas os ſeus Officios foraõ mal attendidos. A reſoluçaõ, que tomáraõ os Tres Eſtados do Reino, que ſe viaõ ligados com o juramento de fidelidade, foi mandarem o Arcebiſpo de Braga, o Biſpo de Coimbra, e com elles varios Fidalgos deſcontentes, para repreſentarem no Concilio Geral, que o Papa Innocencio IV. convocava em Leaõ, o eſtado miſeravel do Reino

Era vulg. em tudo, quanto era refpectivo ao feu Governo. O requerimento foi muito bem acceito tanto do Papa, como dos Padres do Concilio, que conforme o eftylo do tempo, declarárao a D. Affonfo, irmaõ de Sancho, por Governador de Portugal, fem fallarem palavra no infeliz Depofto, a quem fizeraõ a mercê de confervarem o titulo de Rei, e que fe tiveffe filhos, eftes lhe fuccedeffem: Refoluçaõ forte contra hum Rei pio, por fe capacitarem, que tinha alguns defmanchos de homem, e que as Bullas que ella fez lavrar, fe infertáraõ no Livro 16 *das Decretaes*. O Rei D. Sancho, quando ellas lhe foraõ notificadas, proteftou contra ellas, como devia, e recufou reconhecellas com força capaz de depôr hum Rei legitimo do feu Throno.

A determinaçaõ do Papa, e do Concilio lifongeou a ambiçaõ do Infante D. Affonfo, que eftava em França cafado com Matilde, Condeça de Bolonha, e levantou em Portugal os efpiritos do Clero, da Nobreza, e

Po-

Povo deſcontentes para romperem na audacia temeraria de faltarem ao reſpeito, naõ obſervarem as ordens, e apartar-ſe da vontade do ſeu Soberano. Em quanto a ſediçaõ em Portugal hia tirando os tropeços para a ſobida de D. Affonſo ao Throno; elle em França, no juramento ſolemne que deo de adminiſtrar nelle juſtiça; ſe foraõ francos em pedir o Arcebiſpo de Braga, o Biſpo de Coimbra, os inconfidentes Ruy Gomes de Briteiros, Gomes Viegas, e outros faccionarios do ſeu humor: D. Affonſo foi muito mais largo em prometter, bem facil em jurar, taõ facil no juramento, e nas promeſſas, como depois no repudio da propria, e legitima mulher: Tudo idéas de hum uſurpador, que nada o embaraça para lograr, nem depois o aſſuſta a falta no cumprir. Feita eſta ceremonia, dada obediencia ao Papa bem feitor, deſpedido de S. Luiz Rei amigo, entregue a Regencia dos Eſtados de Bolonha á Condeça Matilde: D. Affonſo na companhia dos Prelados, e Fidalgos ſeus fac-

Era vulg.

Era vulg. faccionarios, partio para Lisboa, aonde encontrou a maior parte dos animos bem diſpoſtos para a execuçaõ dos vaſtos projectos, que trazia no ſeu bem disfarçados com o véo de huma politica intrigante, ſe valeroſa, pouco juſta.

CAPITULO IV.

Trata-ſe da depoſiçaõ do Rei D. Sancho, e da delicada fidelidade, que uſáraõ com elle alguns dos ſeus fieis, e illuſtres vaſſallos.

COM a noticia da chegada do Infante D. Affonſo a Lisboa, o eſpirito marcial de D. Sancho, que naõ preſumia chegaſſem os negocios a huma ſituaçaõ taõ critica: que houveſſe na terra maõ ſem força de armas, que o arrojaſſe do Throno, que recebêra da de Deos: que contra hum Rei Catholico filho obediente da Igreja ella tomaſſe huma reſoluçaõ taõ eſtranha; e que o poder das Chaves aſſim abyſmaſſe os Sceptros: Elle advertido, e ani-

animoso se resolve a combater a força com a força, a injustiça com a resistencia, para que o seu exemplo de omissaõ naõ fosse causa, de que o veneravel das Magestades ficasse exposto a ser huma irrisaõ contínua da fortuna. Levado desta idéa, que de antes devia estar melhor prevenida, cuidou em armar gente, em preparar-se para a defensa, e mostrar a seu irmaõ, que se vinha informado, de que encontraria hum homem taõ covarde, que a sua sombra o faria fugir, elle achava hum espirito bizarro, que saberia medir as estaturas sem o largar dos braços, senaõ quando com o Reino juntamente lhe entregasse a vida. Mas observando, que a maior parte do Povo estava aterrado com o estrondo das Bullas do Papa: que todos os Prelados seguiaõ a voz do Infante: que boa parte dos Fidalgos se lhe encostava; e que sem soccorro estranho poderia naõ prevalecer o seu partido, e romper a reputaçaõ com duas quebras: Elle determina ir em pessoa a Castella amparar-se á som-

Era vulg.

bra

Era vulg. bra das armas de ſeu Primo o Rei D. Fernando, que encontrou em Toledo favoravel aos ſeus intereſſes.

A importancia de hum negocio de tanto pezo o Rei de Caſtella a entregou á prudente direcçaõ de ſeu filho o Principe D. Affonſo, que acompanhado do Rei D. Sancho, dos Fidalgos mais illuſtres, e de exercito numeroſo veio a Portugal para reſtituir o ſeu a ſeu dono. O Infante intruſo, que receava o golpe, que o ameaçava, depois de attrahir as gentes com liberalidades, mercês, e privilegios: meios os mais ſignificantes para mover eſpiritos ambicioſos: faz, que o Arcebiſpo de Braga mande huma Deputaçaõ ao Principe de Caſtella, que o inſtrua, antes de ſe entranhar no Reino, nas determinaçṍes do Papa; nas penas de excommunhaõ contra os que contravierem á obſervancia das ſuas Bullas; em que elle naõ viera a Portugal mais que como hum ſimples Regente para ter maõ na deſordem dos Validos de ſeu Irmaõ, que ficava gozando o caracter de Rei; e que elle de-

devia moſtrar-ſe filho obediente da Igreja, naõ empregando as ſuas armas em huma contravençaõ eſcandaloſa ás decisões do Chéfe da meſma Igreja.

Era vulg.

Como a ignorancia do eſpirito da Religiaõ neſtes ſeculos triſtes tanto reinava em Portugal, como em Caſtalla: o ecco daquellas vozes, obra do fulminante dos anathemas, e as expreſsões inſinuantes dos Deputados fizeraõ huma tal impreſſaõ no Principe Commandante, e nos ſeus ſubalternos, que ſem mais exame ſe reſolvêraõ a abandonar a empreza, e deixar hum Rei ſacrificado nas mãos da injuſtiça. O ſeu animo afflicto por deſamparado de todo o ſoccorro humano; mas ſem o abandonar a preſença do ſeu eſpirito ſublime; diſcorrendo, que ſe havia ſugeitar a viver em Portugal ſem reſpeito, ou em Caſtella pobre: tomou eſte partido, ſe menos vantajoſo, mais honrado: que he menos injurioſo, a quem foi Rei, levar a vida como particular entre os eſtranhos, que ſem a veneraçaõ da Mageſtade na face dos vaſſallos. Com

eſ-

Era vulg. esta resoluçaõ D. Sancho, os Fidalgos, que o seguiaõ, o exercito de D. Affonso tudo voltou caras a Castella, e ficou Portugal huma preza da iniquidade dos revoltosos.

He verdade que a deposiçaõ de D. Sancho naõ fez declarar infieis a todos os seus vassallos, que entre elles havia Portuguezes honrados. Affirma-se, que ainda o Rei se achava com o exercito de Castella no lugar de Moreira, e que o vieraõ aqui buscar D. Garcia de Sousa, e seus irmãos, que com outros Fidalgos estavaõ em Trancoso, e depois de o tratarem com a submissaõ devida ao seu legitimo Rei, D. Garcia lhe fallára em nome de todos nestes precisos termos: *Senhor, nós sabendo, que vos achaveis aqui, vimos a supplicarvos humildemente, com todo o respeito, que vos devemos, e que nasce da vossa mesma Magestade, queirais fazer reflexaõ nas infelicidades, que tem assollado o Estado, e nos authores destas desordens. Nós sempre reconhecemos na vossa pessoa o caracter Real, e*

So-

Soberano. Nós teremos por gloria grande viver, e morrer vossos vassallos; mas he preciso, que sejais vós mesmo quem reine sobre nós, que entaõ as nossas vidas, as nossas fazendas tudo he vosso. Que felices seremos nós se tudo sacrificarmos por hum Rei na realidade, que até agora o tem sido na apparencia! Mas quem he disto causa senaõ Martim Gil de Soverosa, que me está ouvindo? Permitti-me, Senhor, que eu o convença com a espada na maõ do abuso indigno, que elle tem feito do vosso favor. Eu me attrevo a protestar aqui, que todos os verdadeiros Portuguezes desejaõ com ardor, que vós escuteis favoravelmente as queixas humildes, e rogativas a vós mesmo interessantes para pores longe do vosso lado a este Ministro, que por querer reinar á sombra da authoridade Real da vossa Magestade, vos fará perder em hum dia, se assim me he permittido dizer-vos, todo o poder, que vós tendes sobre os vossos Povos, e sobre os vossos Estados. Apartai de vós a D. Martim Gil, e vinde comnosco para Tran-

Era vulg.

Era vulg.

Trancoso, que alli, e nos mais Castellos, que temos em nosso poder, nós seguraremos a vossa Pessoa, e vos firmaremos na cabeça a Coroa, que tendes taõ aballada.

Pouca impressaõ fizeraõ estas vozes bem espiritualisadas em D. Sancho, que fez evidente lhe era mais estimavel vivêr com Martim Gil em Castella, que reinar sem elle em Portugal. Defeito de homem fragil foi este em D. Sancho; mas nós sabemos, que o Mestre, que veio corrigir-lhe os erros, naõ passado muito tempo deixou vêr, que os seus validos nada desacreditáraõ com a emenda os messmos absurdos, que detestavaõ com as palavras. Em fim, D. Sancho foi passar o resto dos seus dias em Toledo, aonde, se em acções de heroicidade, naõ pode fazer a reputaçaõ estrondosa; em actos de virtudes heroicas se elevou na vida á sublimidade de hómem feliz.

O Regente, que via longe de si, e occulta como sombra a luz, que lhe perturbava a vista, cuidou em pa-

pacificar o Reino; e porque muitas Era vulg.
Praças, de que tinhaõ feito homenagem Fidalgos escrupulosos, e delicados na fidelidade duvidavaõ entregallas; elle pertendeo sugeitar com o terror das armas aquelles, que naõ podia mover com o atractivo das promessas. Elle as descarregou sobre a 1246
Villa de Obidos, que lhe resistio com bizarria, e nós sentimos naõ saber quem foraõ os Cavalleiros, nem as acções, que obráraõ neste cerco os vassallos, que em situaçaõ tal, com o Rei longe, e cahido de fortuna, observáraõ com delicadeza os deveres da fidelidade. Como os bons Portuguezes olhavaõ traidores aos mais, que assim senaõ conduziaõ, na Comarca de Coimbra só Monte-Mór o Velho se sugeitou ao Regente. Em Cerolico Fernaõ Rodrigues Pacheco, taõ illustre no sangue, como no valor; mostrou-se huma montanha de constancia a D. Affonso, que supondo-o rendido pela fraqueza da fome; fazendo guizar huma truta, que acaso deitára na Praça huma aguia, que a pes-

Era vulg. pefcára no Mondego, lha offereceo com efte recado: Que S. A. fe defenganaffe de fer Senhor de Cerolico em quanto feu irmaõ viveffe, e elle Governador refpiraffe; e que fe prefumia, que a neceffidade o faria efquecer da honra, naquelle prato de peixe frefco lhe fazia ver a abundancia, com que tinha fornecida a fua Praça.

D. Affonfo, que quizera fer author defta gentileza, por naõ perder o tempo no combate de peitos immoveis, levantou o cerco, e marchou a experimentar em Coimbra outra heroicidade com todas as circunftancias de rara na peffoa do feu Alcaide D. Martim de Freitas. Mortes, feridas, fome, fede, e todas as calamidades, que combatem a humanidade foffreo Coimbra como infenfivel; mais facil a ver-fe arruinar pela teima, que a ceder hum ponto da fua Fé. Tempo largo durou o cerco, de que naõ defiftia a mefma porfia, que contemplava fer laftima, que hum Fidalgo como D. Martim, e huns Cavalleiros como os feus foldados houveffem de

1247

fer

ſer victimas, ou do furor, ou da miſeria. Mas a Providencia, que naõ quiz alongar ao infeliz Rei D. Sancho a ſua calamidade penoſa, o levou a gozar no Ceo o premio da ſua conformidade nos trabalhos. Divulgou-ſe a ſua morte no campo de Coimbra, e D. Affonſo para naõ perder tantos Heróes, que já eraõ ſeus vaſſallos, a fez communicar á Cidade. Que naçaõ, a naõ ſer a Portugueza, deixaria logo de entregar a Praça ao Rei já legitimo, que tinha á ſua viſta?

Era vulg. 1248

Porém Martim de Freitas propôz ao Infante: Que elle naõ duvidava da verdade da noticia; mas pelo que reſpeitava á ſua fidelidade, e cumprimento da obrigaçaõ, antes de lhe entregar a Cidade era indiſpenſavel chegar a Toledo fazer huma averiguaçaõ, e que para eſta jornada lhe pedia licença. O Infante a concedeo; e elle chegado a Toledo, naõ ſatisfeito com o depoimento das teſtemunhas de maior excepçaõ, que víraõ morrer el Rei, pedio lhe abriſſem a ſepultura, e poſtrado em terra, entre-

Era vulg.

tregou as chaves de Coimbra nas mãos do Cadaver, acompanhando a acçaõ com eſtas vozes dignas dos bronzes immortaes: *Em quanto vos ſuppuz vivo, meu Rei, e meu Senhor, naõ houve trabalho, que no meu peito podeſſe aballar a fé, que vos jurei guardar: cumpri o que me encarregaſtes como devera: Agora que vos vejo morto, e naõ poſſo entregar-vos Coimbra, aqui vos faço entrega das ſuas chaves: Eu me deſobrigo aſſim nas voſſas mãos para as pôr nas do Infante voſſo Irmaõ. Receba-as elle como huma renuncia, que acceita de vós; mas naõ como hum triunfo, que as ſuas armas conſeguem de mim.*

De todo eſte facto mandou D. Martim de Freitas lavrar hum Inſtrumento authentico, que moſtrou em Coimbra aos ſeus camaradas, depois a D. Affonſo, que aſſim como deo as demonſtrações mais recommendaveis da fidelididade indeffectivel deſte Fidalgo, aſſim deverão envergonharſe os outros, que até entaõ o ſeguiaõ com todas as qualidades de perjuros,

da

da differença com que elles ſe conduzíraõ. Quizera o Infante, que D. Martinho continuaſſe no Governo de Coimbra; abſolvendo-o a elle, e aos ſeus deſcendentes dos juramentos coſtumados em premio da obſervancia do precedente; mas o bravo Heróe recuſou a mercê, e reſpondeo affouto: *Que elle amaldiçoava a ſua poſteridade ſe acceitaſſe da maõ de Rei cargo ſemelhante áquelle, que punha em tantos perigos a honra.*

Erà vulg.

No tempo que D. Sancho eſteve em Toledo gaſtou hum theſouro em eſmolas; mortificou-ſe com penitencias incriveis, levou as adverſidades com tolerancia paſmoſa, e ſe affirma merecêra ao Ceo mandallo aviſar do dia da ſua morte por S. Lazaro, de quem D. Sancho era eſpecial devoto. Como até a Coroa dos Principes remata em Cruz, eſte Rei ſoube fazer da perda da ſua hum pezo bem leve: tomallo ſobre os hombros, e ſeguir com a reſignaçaõ os paſſos do Exemplar. A ſua condiçaõ foi affavel, e tanto, que ella lhe traçou a

Era vulg. ruina pelo muito que a abusáraõ homens interessados, que activos em encher a medida dos desejos, foraõ covardes para sustentar a inteireza da Magestade.

LI-

LIVRO XIV.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Da vida, e acções do Rei D. Affonso III., e V. de Portugal.

O INFANTE D. Affonso, que os Portuguezes desejavaõ por seu Rei, pela morte do irmaõ naõ pegou no Sceptro sem susto, e naõ obstante estar já Soberano legitimo, parece que bastou principiar usurpador para naõ poder deixar de perturbar-se. Propôz-lhe a idéa o primeiro crime; e como seu irmaõ tinha morrido em Castella, receou que em desaggravo da injuria nomeasse o Reino no Santo Fernando, ou no Principe seu filho, que tinhaõ forças, e corage para lhe disputar a Successaõ. Este receio o fez convocar a Lisboa os Tres Estados para arbitrarem os meios da defensa no

Era vulg.

Era vulg.

caſo de ataque. Mas neſte tempo naõ ſe cuidava em Heſpanha ſenaõ em emprezas façanhoſas contra os Mouros; e o ſanto Rei, que lhe fazia huma viva guerra, queria empregar as forças no ſitio de Sevilha; Praça, que o ſeu rendimento ſe fazia importante igualmente á ſua gloria, que aos ſeus intereſſes. Eſta certeza, e muito mais a da equidade de hum Rei taõ juſto, deſterrou as imaginações de D. Affonſo, que determinou ſoccorrello naquella expediçaõ taõ vantajoſa á Religiaõ.

Enviou ao Rei D. Fernando hum reforço de trópas mui conſideravel debaixo das ordens do Meſtre D. Payo Peres Correa, de D. Martinho Fernandes, que o era de Aviz, e com elles foraõ voluntarios muitos dos noſſos Cavalleiros do Templo, que quizeraõ participar de hum feito, que levava as attenções de toda Heſpanha. Os Mouros haviaõ occupado todas as paſſagens do Guadalquivir, e poſtado nellas conſideraveis reforços de trópas, que commandava em peſſoa. Abem

Ha-

Hamafom, Rei de Niebla. Ainda que Era vulg.
a profundidade, e a largura do rio, o número, e corage dos Mouros faziaõ a paſſagem difficultoſa; os dous Chéfes Portuguezes, atropelando perigos a cada paſſo, ſe avançáraõ a enveſtilla, e intrepidamente a forçáraõ. Os Barbaros, que haviaõ cedido o poſto, ſe amparáraõ das trincheiras, taõ temeroſos da noſſa reſoluçaõ, como dos noſſos golpes. Advertíraõ os noſſos Generaes, que lhes era preciſo ganhar a Praça de Gelves, ſituada entre o rio, e Sevilha, para poderem chegar aos muros deſta Cidade; e ſem formar campo, nem abrir trincheira, elles a inveſtem com valor incrivel. Os Mouros largo eſpaço cumpríraõ o ſeu dever; mas naõ podendo ſopportar o pezo dos noſſos repelões, houveraõ de ceder, e o muro foi levado de aſſalto.

Depois deſtes bons principios, os Portuguezes tintos de ſangue, e cobertos de pó, com os dous Graõ-Meſtres na ſua téſta, ſe apreſentáraõ ao ſanto Rei Fernando, que os eſti-

mou

Era vulg. mou ver com caras, e deviſas de vencedores, quando vinhaõ debaixo da ſuas bandeiras dar principio aos combates. Sem demora marchou o Rei com o ſeu conſideravel Exercito a plantar o ſitio ſobre Sevilha, de que nós tivemos boa parte na ſua duraçaõ longa, e penoſa. As ſahidas dos Mouros, os aſſaltos á Praça, o número, e valor dos ſitiantes, que rechaçavaõ toda a reſiſtencia, perſuadíraõ bem aos Barbaros, que naõ defenderiaõ a Sevilha muito tempo com a força, ſenaõ interviеſſe algum eſtratagema ardiloſo, que a ajudaſſe. Com eſta idéa hum Mouro deſembaraçado, e bem inſtruido, veio ao campo do Infante D. Affonſo, e lhe propôz: « Que elle defendia huma das portas principaes da Cidade, por onde elle, e as gentes da ſua guarda queriaõ dar entrada a S. A., e fazello Senhor da Praça, ſe elle conſeguiſſe do Rei ſeu Pai premio correſpondente para os authores de hum tal ſerviço. Crêo o Infante ao Emiſſario, e o deſpachou ſatisfeito, ficando

» de-

» determinada a entrega para hum dia Era vulg.
» marcado. »

Mas o Principe prudente, que reconhecia nos Chéfes Portuguezes discernimento igual ao valor, os consulta sobre a proposta do Mouro, e lhes pede o voto. Todos asseguraõ, que a offerta he intriga para em alguma emboscada se apoderarem da pessoa do Infante, e ser ella a defensa de Sevilha no cambio pela sua liberdade. Determinou porém o conselho, que no dia destinado marchasse o Infante com forças, e cautela em frente da porta, aonde os movimentos descobririaõ os designios. Os nossos o seguíraõ; mas vendo o número de Mouros armados, que acompanhavaõ o traidor, e que o melhor da guarniçaõ era reserva da entrada da porta para assegurar o Infante: foi necessario principiar a peleija para no modo della se descobrir a verdade do projecto. Os Mouros se lançáraõ a ella com valor; os nossos intrepidos os batem, e poem em fugida; ficando prisioneiro o Emissario, que pagou

Era vulg. gou no campo com a cabeça o crime da sua perfidia. Desconcertou este successo as medidas dos Barbaros; e mais attentos a livrar as vidas, que a defender a Praça, que até entaõ destemida, e vigorosamente sustentáraõ, fizeraõ della entrega ao Rei. Os serviços feitos neste sitio pelo Mestre de Aviz D. Martim Fernandes foraõ taõ distinctos, e qualificados, que o santo Fernando o encarregou do governo da Praça, e com gratificaçõens correspondentes augmentou as rendas da sua Ordem.

1249 Nós deixamos no anno de 1242 ganhada a Cidade de Tavira no Algarve, feitas outras conquistas pelo Commendador de Alcacere do Sal D. Payo Peres Correa, que no mesmo anno foi a ser Graõ-Mestre da Ordem de Sant-Iago a Castella: Conquista muito nossa, feita com as nossas armas, sem dependencia, permissaõ, nem forças dos Reis de Castella, como deixo dito até ao fim do Reinado de D. Sancho II. Mas como a dita conquista por causa das alteraçõens

do

do Reino ficára incompleta; o Rei D. Affonſo, depois que ſe vio ſenhor pacifico delle, cuidou em aperfeiçoar a obra, e lançar os Mouros das Praças, que ainda poſſuiaõ no Algarve. Deo tanto calor a eſta expediçaõ, que a conſeguio no meſmo anno de intentada, e já no ſeguinte fez doaçaõ da Villa de Albofeira ao Meſtre de Aviz D. Martim Fernandes. A eſta conquiſta toda noſſa, he que ſe ſeguio o contrato entre o Rei de Portugal, e o de Caſtella, de ficar o primeiro com o dominio do Algarve, e o ſegundo com as ſuas rendas; ajuſte feito no primeiro anno da Regencia de D. Affonſo, donde naſceo o erro evidente dos Hiſtoriadores, que ſuppozeraõ o Algarve conquiſta dos Reis de Caſtella, e elle doado por D. Affonſo X. a ſua filha D. Brites, mulher do noſſo D. Affonſo: Erro, em que tambem cahio o Author, que fez eſtampar a Regra, e Conſtituições da Ordem de Aviz, aonde affirma, que o Meſtre D. Martinho fora a Caſtella pedir a confirmaçaõ da doaçaõ

Era vulg.

çaõ

Era vulg. çaõ de Albofeira, com o receio, de que o ſeu Rei, como Senhor do Algarve, a revogaſſe: Quando he verdade, que o Meſtre, pela razaõ do contrato das rendas cedidas, foi requerer ao Rei de Caſtella lhe deixaſſe livre o que pertencia a Albofeira, que era dà ſua Ordem: Requerimento, que ambos os Reis approvàraõ, e de que mandáraõ paſſar Inſtrumento authentico, que provavelmente ſe guardará no arquivo da Ordem.

Entrou D. Affonſo no Algarve com as ſuas armas, e nos primeiros encontros derramou nelle o terror, que lhe abrio o caminho para a conquiſta da Cidade de Fáro. O Miramolim, a quem ella pertencia, a tinha feito fortificar, e entregue o commandamento a Aben Baran ſeu Alcaide, com o Almoxarife Aloandro, e huma guarniçaõ numeroſa, que por mar, e terra a defendia. Querem alguns, que o Meſtre D. Paio vieſſe encontrar-ſe com el Rei para o ajudar neſta empreza; outros o duvidaõ; mas ſe com effeito o Meſtre militou

en-

Era vulg.

entaõ no Algarve, dá mais probabilidade ás conjecturas, de que nesta segunda expediçaõ elle ganhára Sylves, e Paderne, e naõ successivamente depois da tomada de Tavira; porque nesse tempo partio elle para Castella a encarregar-se do Mestrado da Ordem. O Rei, que estava bem informado de quanto o Miramolim desejava a conservaçaõ de Fáro, quiz vir sobre esta Cidade em pessoa; e mandando huma Armada, que por mar impedisse os soccorros de Africa; elle postou o exercito em fórma, que ao mesmo tempo podesse bater a Praça, e segurar a campanha ás irrupçõces dos Mouros visinhos.

Os Mouros com corage igual se prepararáraõ para a defensa; prevenindo-se com esforços extremosos para derrorar o nosso projecto, ou para conseguirem huma capitulaçaõ honrada. Elles se defendêraõ bem por opiniaõ, e a naõ serem os sitiantes Portuguezes costumados a atropelar difficuldades, e vencer perigos, elles os obrigariaõ a retirar-se. Porém a

cons-

Era vulg. constancia triunfou da teima; e os Barbaros, que no principio do cerco se mostráraõ façanhosos, perdêraõ a corage, e temerosos de se expôr ás contingencias da guerra, em fim capituláraõ. O Rei, sempre humano, ainda que vencedor, permitio viessem ao campo o Alcaide, e Almoxarife, e lhes concedeo quanto pedíraõ, salvas as vidas; que poderiaõ ir para Africa os que quizessem, e os que ficassem seriaõ tratados como seus vassallos, pagando os tributos como antes ao Miramolim. Com os dous Mouros foi o Rei passeando, e fiado na sua fé, entrou com elles no Castello, de que tomou posse, mandando sahir delle a guarniçaõ para o corpo da Praça. Sentio-se a falta d'el Rei no campo, que temeroso de alguma sorpreza, como Leaõ derramado se lançou em hum corpo ao muro; pôz fogo ás portas, e se dispunha a levar de hum golpe as gargantas dos Barbaros. O Rei, para socegar o tumulto, se mostrou de huma das torres do Castello, donde podia ser visto, com as chaves da

Pra-

Praça na maõ. Ceſſou o combate das armas; mas principiou o dos juiſos; huns, que culpavaõ o Rei de temerario; outros, que o louvavaõ de animoſo.

Era vulg.

Entregue o Governo de Fáro a Eſtevaõ Pires Tavares, hum dos Fidalgos, que ſe haviaõ achado no ſitio de Sevilha; diſpoſtas as couſas pertencentes á ſua conſervaçaõ: D. Affonſo mandou ao Meſtre de Aviz D. Martim Fernandes foſſe atacar a Villa de Alboſeira, ſituada ſobre hum monte perpendicular á coſta do Oeſte de Fáro. O Meſtre ſe conduzio de huma maneira taõ prompta, e taõ glorioſa, que inveſtir, e render a Praça foi tudo o meſmo acto. O Rei, como fica dito, a deo de propriedade á Ordem, e naõ reſervou para ſi mais, que o direito de pôr as Juſtiças, e nomear os Officiaes. Ao meſmo tempo marchou o Rei ſobre Loulé, que ſendo atacada por modo extraordinario, lhe correſpondeo a reſiſtencia. O Rei, que ſe eſcandaliſava de defenſa ſemelhante de huma Villa na ſua face,

Era vulg. ce, e na de hum exercito victoriofo, fez reforçar os aproches, e naõ defiftir dos avances até ella fer rendida, ou arrazada. O rendimento deftas tres praças foi o golpe, que abrio as portas da Villa de Aljezur, e dizem, que do Caftello de Porches; mas nefte Lugar humilde naõ ha, nem ninguem fe lembra, de que junto a elle houveffe tal Caftello, que fe exiftio, como fe affegura, o tempo o confummio de forte, que por todos aquelles contornos fenaõ confervaõ delle memorias, nem veftigios.

He neceffario advertir, que os Reis do Algarve fe chamavaõ Reis do Algarve Dáquem, Dálem mar, em razaõ, de que o Reino naõ fe contrahia ás demarcações do pequeno Continente da noffa Coroa, que hoje fe diz Algarve: mas porque o Algarve Dáquem corria da cófta do Cabo de S. Vicente até a Cidade de Almeiria: Terreno, que comprehendia hum grande número de Cidades, Villas, Lugares, e Caftellos; humas que ficavaõ na Lufitania, as outras fituadas

na

na Andaluzia. O Algarve Dálem mar eraõ as terras de Africa, que correm do Eſtreito de Gibraltar até Tremecem, aonde ſe contem os Reinos de Féz, de Ceuta, e de Tangere, antigamente chamados o Reino de Benamarim. Como os Reis de Portugal, e Caſtella tem entre ſi repartido eſte terreno do Algarve, ambos elles tomaõ o titulo de ſeus Reis, ſem que hum ao outro nada uſurpe.

Era vulg.

1250

Como el Rei dentro do anno de 1249 felizmente concluio a conquiſta do Reino do Algarve; nelle ſe demorou alguma parte do anno ſeguinte, aſſiſtindo em Fáro, aonde na forma do coſtume antigo de Portugal, fez o Regulamento neceſſario para eſtabelecer entre os novos vaſſallos a boa policia; ſubmetellos ás Leis dos outros Póvos, e fixar a extençaõ das juriſdicções reſpectivas a cada Termo. Daqui ſe recolheo D. Affonſo a Coimbra para prover nos negocios da economia civil; porque com a tomada do Algarve ſe acabava a occaſiaõ para o exercicio duro das armas, que na ſua

maõ

Era vulg. maõ deitáraõ de todo aos Mouros fora de Portugal com huma guerra viva, e formidavel de 180 annos contínuos. Mas naõ se servio este Rei da paz para se recostar nos braçòs da ociosidade, senaõ para mostrar, que se até entaõ tinha ampliado o Imperio, agora se visse, que sábiamente o governava. Applicou todo o seu cuidado á restauraçaõ das Praças, Castellos, Lugares, e fundou Estremoz; obras, que justamente lhe merecêraõ o nome de Restaurador. Deo liberdades ao trato, e commercio dos Póvos, sem o qual naõ ha Reino feliz, e pôz taõ francos, e seguros os caminhos dos salteadores, antes atrevidos, que naõ havia que temer nos desertos, e caminhos desamparados da Monarquia.

CA-

Era vulg.

CAPITULO II.

Do Estado Ecclesiastico, e Politico de Portugal por estes tempos.

QUANDO D. Affonso foi encarregado do Governo de Portugal, o Estado Ecclesiastico se queixava das violencias, e usurpações de regalias, que lhe faziaõ os Ministros Seculares: Procedimentos, que entendia serem feitos, senaõ com ordem expressa dos dous ultimos Reis, ao menos com permissaõ tacita sua. Tinha na sua têsta ao Arcebispo de Braga D. Joaõ Viegas, que havia succedido a D. Silvestre, Fidalgo illustre, que com o mesmo espirito dos seus Predecessores, quiz fazer valer a sua Dignidade com competencia ao Sceptro. Foi o instrumento principal da deposiçaõ do Rei D. Sancho pela idéa errada, de que as figuradas desordens do Reino já se naõ remediavaõ com expediente menos violento. Depois delle, ainda reinando D. Affonso, se lhe seguíraõ os Arce-

Era vulg. bispos D. Martinho Giraldes, D. Pedro Juliaõ, e D. Ordonho, que todos se lhe oppozeraõ pelos mesmos motivos, que D. Joaõ Viegas o fizera a D. Sancho. Deos sabe se este successo foi para D. Affonso a pena de Taliaõ para sentir na Magestade da sua pessoa os effeitos de resoluções semelhantes áquellas, que promovêra contra a de seu irmaõ.

A D. Sueiro, ou Mattheus, que rendeo Alcacere do Sal, havia succedido no Bispado de Lisboa D. Ayres, que teve por Successor outro Mattheus por todo o resto do tempo, que governou D. Affonso. Em Coimbra era Bispo o illustre D. Egas Fafes, descendente de D. Fafes Luz, Alferes do Conde D. Henrique, e naõ sabemos o motivo que o levou a França, aonde morreo na Cidade de Mompelher. A Cadeira do Porto estava occupada por D. Juliaõ, que teve por Successor a D. Vicente, Prelado ao Rei estimavel, que nomeou entre outros para pedir ao Papa dispensa da illegitimade dos filhos, que teve da Rainha D. Brites, sendo viva sua primeira mulher a Conde-

deça Matilde; mas depois ſe oppôz ao Rei para conſervar as iſenções da ſua Igreja. Em Lamego, depois de D. Payo, que alcançou o Reinado de D. Sancho, ſucceſſivamente ſe seguíraõ no de D. Affonſo os Biſpos D. Egas, D. Pedro, e D. Domingos. Em Evora ſuccedeo a D. Fernando D. Durando, que teve muito valimento com o meſmo Rei; e em Viſeo ſe ſeguio D. Mattheus a D. Gil. No Meſtrado da Ordem de Aviz o memoravel D. Martim Fernandes, que a deixou enriquecida com muitas mercês, entre ellas Albufeira, as Igrejas de Bórba, Eſtremoz, e ſuas Comarcas, teve por Succeſſor a D. Simaõ Soares.

O Eſtado Politico ſe compunha de muitos, e grandes Fidalgos, que faziaõ brilhante a Corte do Rei D. Affonſo. Entre elles ſaõ dignos da memoria os tres irmãos D. Joaõ Affonſo, D. Affonſo, e D. Martim Affonſo Telles, que eraõ netos do Rei D. Sancho I. por ſua Mãi D. Thereſa Sanches, e primos irmãos do Rei reinante: Todos elles troncos illuſtriſ-

Era vulg. ſimos das caſas mais qualificadas, que até hoje ſe conſervaõ nos Reinos de Portugal, e Caſtella. Naõ menos illuſtres eraõ os quatro irmãos D. Garcia, D. Gonçalo, D. Joaõ, e D. Fernando, filhos de D. Garcia Mendes, e netos do Conde D. Mendo de Souſa, dos quaes o D. Gonçalo, que foi Conde, caſou com huma filha do Rei D. Affonſo, e o D. Joaõ foi Pai de D. Eſtevaõ Annes, que foi caſado com outra irmã da mulher de ſeu tio, filha do meſmo Rei. D. Martim Pires de Vide, e D. Gil Martins foraõ outros dous Fidalgos muito diſtinctos do meſmo tempo: o primeiro por deſcendente de D. Affonſo Telles o Povoador de Albuquerque: o ſegundo, que ſe fez memoravel pela fidelidade com que aſſiſtio ao Rei D. Sancho todo o tempo, que eſteve em Toledo, até a ſua morte, e voltou a Portugal, aonde por fiel mereceo a graça de D. Affonſo, que o fez ſeu Mordomo Mór.

Pôz termo feliz aos ſucceſſos de Portugal no anno, de que vou tratan-

tando, a morte precioſa da noſſa Infante D. Thereſa, Rainha de Leaõ, e filha de D. Sancho I., que do Moſteiro de Lorvaõ paſſou a gozar no Ceo o premio das ſuas grandes virtudes, e hoje na terra he venerada por Santa. Quando ſentio, que era chegada a morte, fez-ſe levar ao coro, aonde entre colloquios amoroſos com o Eſpoſo das Almas, lhe entregou a ſua no oſculo ſuaviſſimo da paz. O ſeu cadaver, ſobre jucundo, e tractavel, deixou no coro por muito tempo a fragrancia ſuave do bom cheiro de Jeſu Chriſto que ella reſpirára na vida, e entráraõ os milagres ſucceſſivos a ſer próva da ſantidade do inſtrumento, de que a Omnipotencia ſe ſervia para os obrar.

Era vulgar

Como D. Affonſo já naõ podia extender as conquiſtas no Algarve, nem duvidava que o termo dellas eraõ os terrenos, que poſſuiaõ os Mouros, voltou as armas para as partes de Andaluzia, que já piſára ſeu avô, entrando nella com o poderoſo exercito, que depois da ultima expediçaõ ainda con-

1251

Era vulg. conservava sem reforma. Sabia elle, que as Praças de Aroche, e Arecena, que agora possuiaõ os Mouros, já as tiveraõ em seu poder os Reis Predecessores de Portugal; sobre ellas se postou, e as rendeo. Dizem, que em todas as mais expedições desta guerra de Andaluzia, que nós ignoramos, o acompanhára o Mestre de Sant-Iago D. Payo Peres Correa, e que o Rei agradecido aos serviços, que lhe fizera, entre outras mercês doára á sua ordem o Castello de Ayamonte, que recebêra da maõ do Rei Sancho seu irmaõ, declarando na Escritura: Que fazia isto pelos bons serviços, que havia recebido de D. Payo Peres Correa, Mestre da Ordem de Sant-Iago, e de Gonçalo Pires, Commendador de Mértola.

Porém D. Affonso X. Rei de Leaõ, que acabava de succeder a seu Pai o santo Fernando no de Castella, cioso das conquistas, que o Portuguez continuava na Andaluzia, se lhe oppôz com o semblante de quem olhava ao nosso Principe, por bravo, ca-

paz

paz de emprehender, duro em desis- Era vulg.
tir, e a sua opposiçaõ foi obstaculo,
que o fez parar no meio das suas vi-
ctorias. Naõ foi esta desistencia falta
de corage; mas hum lance de politi-
ca em D. Affonso, que ainda se con-
siderava pouco seguro no Throno pa-
ra se occupar todo em negocios es-
tranhos com esquecimento culpavel
dos domesticos. Naõ ignorava, que
entre os seus vassallos havia hum nú-
mero consideravel de gentes grandes
em qualidade, e poder, que naõ ris-
cavaõ da memoria as iniquidades pra-
cticadas com o Rei D. Sancho: sus-
to, que pedia hum desvelo effectivo
para dissipar o partido, que podia
crescer, e para o conseguir necessita-
va da paz com Castella.

D. Affonso, que se occupava em 1252
formar Leis saudaveis para a tranquil-
lidade interior do Reino, naõ a pode
conseguir com o novo Rei de Castel-
la, que do objecto da guerra de An-
daluzia, que lhe valeo para o primei-
ro rompimento, agora o dominio do
Algarve, que dilatava muito as en-

san-

Era vulg. ſanchas de Portugal, lhe ſervío de pretexto para o ſegundo. Dous annos durou eſta guerra, cujos ſucceſſos nos ſaõ incognitos, nem della ſabemos mais, que haver-ſe pacificado os Principes belligerantes á inſtancias do Papa Innocencia IV. que os perſuadio

1253 empregaſſem as ſuas armas nos Infieis. Hum dos Artigos do Tratado foi, que ao Rei de Portugal ficaria a poſſe, e dominio do Reino do Algarve; mas que as rendas delle as desfrutaria o Rei de Caſtella em ſua vida ſómente: Obrigaçaõ, de que o meſmo Rei depois abſolveo a ſeu neto o noſſo D. Diniz. Para que a eſta uniaõ a apertaſſe laço mais eſtreito, D. Affonſo, que eſtava caſado com a Condeça Matilde, fez pouco eſcrupulo de receber por mulher a D. Brites, filha baſtarda do Rei de Caſtella, e de ſua Amiga D. Maior Gilhem de Guſmaõ; mas como ella naõ tinha idade para conſummar o chamado matrimonio, elle foi differido por mais dous annos, até que a natureza aperfeiçoaſſe a noiva. Seu Pai a dotou com as terras,

que

que já possuia sua Mãi, e naõ com o Reino do Algarve, como pensáraõ muitos Escritores, que nunca foi dos Reis de Castella; mas conquista nossa, como fica dito.

Era vulg.

Nós devemos aqui dar lugar a todo o catastrofe do repudio de D. Affonso a sua mulher a Condeça Matilde de Bolonha, que sacodio do thalamo com a mesma violenca, com que arrancou o Irmaõ do Throno. Historiadores estrangeiros pertendêraõ persuadir, que D. Affonso tivera da Condeça Matilde dous filhos: o mais velho chamado Fernando, ou Pedro, o segundo Roberto, e que com o primeiro viera ella a Portugal, aonde morrêra o imaginado Principe, e fora sepultado na Igreja de S. Domingos de Lisboa. Do segundo Roberto affirmáraõ, que se lhe fizera a injustiça na successaõ de Portugal de lhe preferirem os filhos de D. Affonso, que nascêraõ espurios de D. Brites antes de ser sua mulher legitima: Que Roberto teve de se contentar com o dominio do Condado de Bolonha,

aon-

Era vulg. aonde se conservou a sua descendencia, que por huma ideada transfusaõ de sangue se chegou a communicar á Rainha de França Catharina de Medicis, que era todo o fim desta quimera para se provar na Rainha o direito, que ella tinha á nossa Coroa, quando se quebrou a Varonia na morte do Cardeal Rei D. Henrique. Os mais, os melhores, e Escritores imparciaes, com argumentos, e próvas até agora irresponsaveis, fizeraõ evidente a esterilidade da Condeça, e que nos annos, em que seu marido teve com ella commercio, nunca concebêra, ou fosse pela sua infecundidade natural, ou por avançada em annos, quando celebrou este segundo casamento, sendo já viuva do Principe Filippe, filho de Filippe Augusto, Rei de França.

O successo verdadeiro que se descobrio entre as sombras desta Fabula da successaõ de Matilde foi; que sua irmã Alida casára com o Conde de Auvergne, e tivera hum filho chamado Roberto, e que se deste descendia a

Rai-

Rainha Catharina de Medicis; ainda que a Condeça Matilde fosse morta em qualidade de Rainha de Portugal, como podia por cabeça de Roberto seu sobrinho, que naõ tinha sangue dos Reis de Portugal, communicar-lhe o direito á sua Coroa? Em fim D. Affonso ingrato repudiou a Matilde, que o fez Principe rico, quando era Infante pobre. Ella o busca em Portugal sendo já Rei, e pelos Emissarios, que lhe enviou de Cascaes a Frielas, aonde estava D. Affonso, lhe fez saber: Que o homem naõ podia apartar o que Deos unira no vinculo do matrimonio: Que ella mulher vinha de França buscar seu marido a Portugal para lhe remunerar a fineza delle ir pertendente de Portugal procuralla a França para esposa: Que lhe asseguravaõ, como elle, pizando todas as Leis Santas, se casára com huma bastarda de Castella; noticia, que lhe causava sustos mortaes em quanto elle naõ pozesse em socego o seu espirito com as próvas, que derrotassem rumor taõ vago, já para ella injurioso.

Era vulg.

D.

Era vulg.

D. Affonſo trata auſtero, deſpede ſecco, e ſem reſpoſta aos Officiaes, que lhe apreſentáraõ a Carta de Matilde. Eſte golpe deshumano ſobre a primeira ferida mortal da Condeça a fez dar hum ai laſtimoſo nos ouvidos do Papa Alexandre IV., e de S. Luis, Rei de França, para que perſuadaõ a ſeu marido os ſeus juſtos deveres; para que embaracem a Affonſo o repudio ignominioſo; para que amparem huma Princeza, ſobre deſvalida, affrontada. S. Luis defende em Roma, com todos os esforços huma cauſa com juſtiça até ao fundo: o Papa manda lavrar huma Bulla, em que declara a Matilde por legitima mulher de D. Affonſo, e a D. Brites a põe para com elle na meſma claſſe, em que eſtava ſua mãi para com ſeu pai. D. Affonſo, firme na primeira reſoluçaõ, nada o move, e o Papa eſtimulado do deſprezo, fulmina ſobre elle o trovaõ das Excommunhões, e ſobre o Reino o raio do Interdicto, que eſpirou depois de doze annos com a morte de Matilde.

El-

Ella que via ſeu marido immovel no meio de tempeſtade tamanha, pertende abalallo com a preſença, e volta a Caſcaes, aonde entaõ ſe achava a Corte. Ella com olhos, lingua, e coraçaõ falla, diz, repete, quanto em occaſiões ſemelhantes coſtuma inſpirar o eſpirito de mais terno, mais tocante, mais ſenſivel. A tudo D. Affonſo ſe moſtra huma montanha, que faz ouvir a repercuſſaõ triſte dos eccos laſtimoſos muito longe della. Da ternura paſſa Matilde ás reprehensões, ás ameaças, ao deſpique da uſurpadora do lugar, que era ſeu, de que tinha a poſſe, o dominio, direito, e uſofructo. D. Affonſo recebe os repelões como o rochedo no meio do mar, que huma onda vai, outra vem, todas o batem, e elle rochedo. Deſenganada Matilde ſe retira a Bolonha, fulminando vinganças, que ſe reduzíraõ a fazer o ſeu teſtamento, em que deixava a ſeu marido Affonſo a ſomma de vinte mil libras, e mais quatro mil, que lhe deviaõ os Condes de Flandres. Em fim o ſeu amor, naõ podendo re-

Era vulg.

Era vulg. resistir mais tempo aos golpes da ingratidaõ, morreo rodeada de afflicções no anno de 1262.

CAPITULO III.

Do casamento do Rei D. Affonso com a Rainha D. Brites, filhos que della teve, e outros successos destes tempos.

DEPOIS de fazermos narraçaõ das infelicidades da Condeça Matilde, vamos a tratar da ventura da Rainha D. Brites, que ajustado o seu casamento no anno, em que estou tratando, logo que ella teve aptidaõ para consummar o matrimonio, ainda viva Matilde, se ajuntou com seu marido. Já dissemos, que naõ trouxera para Portugal mais dote, que as poucas terras, que o Rei de Castella D. Affonso X., chamado o Sabio, déra a sua mãi; porque o Algarve sempre foi da nossa Coroa. Mas como a fecundidade nas Princezas, que casaõ, he o melhor dote; a Rainha D. Brites en-

enriqueceo com este o Reino em sete filhos, que lhe deixou, e de que nós daremos a noticia com circunstancias necessarias á Historia. O primeiro foi a Infante D. Branca, que nasceo em Guimarães a 28 de Fevereiro de 1259, foi Abbadeça de Lorvaõ, e das Huelgas de Burgos; o Infante D. Fernando, de que logo fallaremos; o Infante D. Diniz, Successor do Reino, que nasceo em Lisboa a 9 de Outubro de 1261; o Infante D. Affonso, Senhor de Portalegre, que nasceo a 8 de Fevereiro de 1263, casou com D. Violante, filha do Infante D. Manoel, morreo em Lisboa a 2 de Novembro de 1312, e jaz no Convento de S. Domingos; a Infante D. Sancha, á qual alguns dos nossos Chronistas chamaõ Constança, que nasceo a 2 de Fevereiro de 1264, morreo em Sevilha, e jaz em Alcobaça; a Infante D. Maria, que nasceo a 21 de Novembro de 1266, morreo a 6 de Junho de 1304, e jaz em Santa Cruz de Coimbra; o Infante D. Vicente, que nasceo a 22 de Janeiro de 1268, e jaz em Alcobaça.

Era vulg.

Era vulg.

A Infante D. Branca he hum alto aſſumpto das opiniões deſcomedidas, que animáraõ pennas inſolentes; repreſentando-a na face do mundo taõ arraſtada pelo ſeu appetite, que a abateo a ſer mãi de D. Joaõ Nunes do Prado, Meſtre da Ordem de Calatrava, gerado do concubito infame com Pedro Eſteves Carpinteiro, que outros dizem Carpentos. Deo cauſa a eſte teſtemunho vil o Chroniſta de D. Affonſo II. de Caſtella, e deſte canal immundo foi correndo a noticia, que bebêraõ todas as idades até a noſſa. A nós naõ nos admira, que caiaõ as torres eminentes, ainda as formadas de pedra, quanto mais as que ſaõ feitas de carne; que ambas as qualidades de quéda ſaõ couſa bem natural. O em que nós reparamos he, que á qualidade ſublime ſe faça huma reputaçaõ ſem exame, que haja de moſtrar com evidencia, como naõ he huma calumnia. Aſſento, que a paixaõ deſordenada, com que os Genealogicos Heſpanhoes ſempre quizeraõ deſcobrir no tronco das arvores hum

Rei,

Rei, ainda que lhe fique na raiz hum Mouro, frase com que o nosso Faria e Sousa os satyrisa: Elles para fazerem apparatosa a da Familia de Prados, introduzíraõ nella o enxerto bastardo com rotura enorme, e cicatriz insanavel no credito de huma Princeza illustre. Era vulg.

No mundo ainda naõ havia a Infante D. Branca, e já existia em Hespanha a Familia de Prados, de que Sandoval nos dá noticia na Chronica do Rei chamado Imperador D. Affonso VII., que no anno de 1142 fez mercê a Martim Dias do Prado da Villa de Alvires no Reino de Leaõ: Que esta Familia por ser mais antiga, que o nascimento da Infante, lhe naõ désse principio no filho, que lhe imagináraõ: o Marquez de Monte-Bello o próva á plana 32 do Nobiliario do Conde D. Pedro. Além de que a Infante foi Abbadeça, e governou o Convento de Lorvaõ, depois o das Huelgas de Burgos, fundaçaõ de D. Affonso o das Navas, a que rendiaõ sugeiçaõ doze Mosteiros. Naõ se faz

Era vulg. crivel, que huma jurisdiçaõ taõ larga fosse premio da incontinencia de D. Branca, sellado com a marca do filho bastardo do Carpinteiro, que andando á face de todos; antes que a benevolencia, elle provocaria para com sua mãi o furor de huns Principes taõ severos, e taõ escrupulosos, como eraõ os Reis de Portugal, e de Castella seus Progenitores.

O Infante D. Fernando he certo, que morreo menino, e consta da sua sepultura, ou do Epitafio della, que está em Alcobaça, que fora no anno de 1262: Demonstraçaõ, que desmente as mais noticias contrarias, e se corrobora com a supplica, que fizeraõ os Prelados de Portugal ao Papa Urbano IV., pedindo-lhe, que em attençaõ á utilidade pública do Reino, levantasse o interdicto, e dispensasse com o Rei no segundo matrimonio, que contraíra, vivendo sua primeira mulher, que já era morta, e legitimasse os filhos, que tinha de D. Brites.

Da

Era vulg.

Da Infante D. Sancha differaõ Manoel de Faria e Sousa, e Duarte Nunes de Leaõ, que se chamava Constança; mas naõ tiveraõ noticia do *Livro da Noa*, aonde se faz mençaõ do nascimento da Infante por estes termos; Na Éra de 1302 (anno de Jesu Christo 1264) a 2 de Fevereiro nasceo a Infante D. Sancha, filha de el Rei D. Affonso, e da Rainha D. Brites. Com a authoridade de Fernaõ Lopes próva Brandaõ, que tudo o que aquelles dous Escritores dizem da vida, e lugar da morte de Constança, foraõ acontecimentos da Infante D. Sancha. D. Nicoláo de Santa Maria, Chronista dos Conegos Regulares, mostrà com o *Livro dos Obitos de S. Salvador de Moreira*, que a Infante D. Maria foi Conega de Santa Cruz no Mosteiro das Donas, e que morreo a 6 de Junho de 1304.

Continuando com o fio da Historia, he huma idéa bem fundada entendermos, que D. Affonso no ajuste da paz com Castella se sugeitou ás condições pesadas, que lhe pôz aquelle

Era vulg. le Rei, especialmente a de lhe ceder as rendas do Algarve: Porque no seu Reino, e serviço andavaõ muitos Fidalgos de alta consideraçaõ, que naõ podiaõ esquecer-se do Rei D. Sancho, ignominiosamente deposto, e se receou tanto delles em Castella, como dos seus amigos, e parentes em Portugal. O Papa Innocencio os protegia, e escreveo com instancia ao sabio Affonso, para que os amparasse, e conseguisse do de Portugal admittillos no Reino com honra. Elle para se fazer amavel com dar providencias saudaveis ao Estado, convocou Cortes, que foraõ celebradas em Leiria, e entre outras graças, se concedêraõ nellas vantagens aos moradores do Porto, aos da Villa de Gaya, e de Santarem. O Bispo daquella Cidade experimentou nestas Cortes huma grande québra tanto nas suas rendas, como na authoridade Secular, que tinha na Capital do seu Bispado: que o Rei politico, attento ao muito poder dos Bispos nos Reinados precedentes, que tanto lhe valeo para ser Rei, agora

1254

que

que já o era, eſtimou ter occaſiaõ de abatella, para que as Mitras naõ diſpozeſſem das Coroas, nem os bagos inclinaſſem os Sceptros.

Era vulg.

1256

A Rainha D. Mafalda, filha de D. Sancho I., e mulher que foi de Henrique II. Rei de Caſtella, vindo paſſar em Portugal a ſua viuvez no exercicio das heroicas virtudes, que eſcondia entre as paredes do Convento de Arouca, paſſou a gozar a vida eterna; e depois de ſeculos, quando reinava neſte Reino Filippe III. foi o ſeu corpo, e mortalha achados incorruptos. Pelo meſmo tempo o Rei D. Affonſo ſe occupava em moſtrar-ſe liberal com os vaſſallos, que lhe eraõ, e tinhaõ ſido fieis, em fazer forte, e formoſo o Eſtado com muitas fundações, e refórma de Lugares. Fez edificar no Alem-Téjo a Villa Monforte, e mandou reedificar Béja, Eſtremoz, e Villa-Viçoſa ſituadas na meſma Provincia. Entre Douro e Minho diſpendeo com maõ larga na conſtrucçaõ de Viana, Monçaõ, e Melgaço. Tal era o eſtado dos negocios civís em

Por-

Era vulg.

Portugal; mas os Ecclesiasticos já principiaõ a pedir as nossas attenções.

1258 Em tempo dos Reis Predecessores de D. Affonso tinhaõ sido feitas as demarcações dos Bispados, declarados os Metropolitanos, e os seus suffraganeos, especialmente os que pertenciaõ a Braga, e a Compostella, que lhe ficáraõ incluidos os que antes eraõ de Mérida, entre elles Lamego, e a Guarda, que até ao tempo do Rei D. Joaõ I. se conserváraõ suffraganeos da Igreja de Sant-Iago. D. Affonso deo providencias para se observar esta ordem, e naõ duvidou pedir ao Arcebispo de Compostella a confirmaçaõ para D. Pedro Annes, que acabava de

1259 ser nomeado Bispo de Lamego. Com piedade naõ menos edificante mandou fundar a obra magestosa do Convento de Santa Clara de Santarem; e no mesmo anno servio de explendor luminoso a Portugal o transito feliz de S. Gonçalo de Amarante; Varaõ igualmente admiravel em virtudes, e milagres.

Quan-

Era vulg. 1260

Quando assim hiaõ tendo principio os grandes successos Ecclesiasticos, que levaráõ a sua ordem nos tempos devidos; o Rei de Castella pedio soccorros a D. Affonso para lançar os Mouros de Andaluzia. Outro Principe, que naõ fosse elle, duvidaria render este bom officio, sem o mover a paz, nem a alliança pouco antes contraida; mas D. Affonso, que preferia os avances da Religiaõ ás razões de Estado, elles o fizeraõ esquecer os seus interesses. Sem o embaraçar a lembrança, de que concorria para engrandecer hum Principe visinho, que poderia vir a ser seu inimigo, mandou-lhe soccorros mais numerosos, do que o mesmo que os pedia, chegaria a pertender. Em quanto elle os punha promptos, recebeo a noticia da morte da Condeça Matilde; e com esta boa nova os Prelados do Reino se ajuntáraõ, e pedíraõ em seu nome ao Papa Urbano IV. a validade do casamento do seu Principe, a legitimaçaõ dos filhos, que lhe nascêraõ da Rainha D. Brites em vida de sua primeira mulher: Ro-

1262

ga-

Era vulg. gativa taõ justa, que o Pontifice condescendeo a tudo o que lhe pediaõ, e hum taõ bom passo talvez fosse auspicio feliz para o bom successo das armas, que marchavaõ a empregar-se no serviço da Religiaõ contra os Barbaros.

1263 Ainda que a paz anterior entre os dous Reis estava revestida de todas as solemnidades necessarias para ser de longa duraçaõ: Quizeraõ ratificalla de novo por meio de hum Tratado, que regulasse as demarcações de ambos os Reinos, com especialidade as do Algarve; e esta convençaõ voluntaria he a que nós daqui em diante devemos entender nos limitou as conquistas sobre as terras dos Infieis, que até entaõ nos eraõ illimitadas pelo direito das armas sobre os Barbaros com quasi seis seculos de posse nos Dominios, que com o mesmo Direito que elles, os possuiraõ os Godos. Esta determinaçaõ dos dous Monarcas bem parece hum effeito da sua equidade natural, e huma disposiçaõ ingenua de fazerem gozar os seus Póvos o benefi-

ficio da tranquillidade, arrancando pe- Era vulg.
la raiz as fementes da futura difcor-
dia.

O Rei de Caftella, querendo ain-
da dar ao de Portugal feu genro hum
teftemunho mais fenfivel do feu reco-
nhecimento pelo foccorro, que lhe
havia mandado contra os Mouros;
cedeo do contrato de compenfaçaõ,
que lhe déra direito para cobrar em
fua vida as rendas do Algarve, com
condiçaõ, que D. Affonfo lhe enviaria
cincoenta lanças, quando lhas pediffe
para ferviço da fua Peffoa, ou do feu
Eftado, naõ como tributo, naõ como
feudo, naõ como demonftraçaõ de
vaffallagem, que indicaffe inferiorida-
de de foberania; mas em fua vida fó-
mente, affim como lhe foraõ cedidas
as rendas do Algarve, em agradeci-
mento delle as abandonar agora ao Rei
feu genro, que nefta fórma fe deo
por obrigado. Tanto que fe vio nos
termos de gozar livremente do feu Rei-
no do Algarve, entrou a tratallo co-
mo dependencia da fua Coroa; for-
mando para elle regulamentos refpe-

Era vulg. ctivos ao governo politico, e boa arrecadaçaõ da fazenda Real, conformes aos mais expedientes practicados em Portugal a estes assumptos.

1265 Neste anno, que cito, acabou o curso maravilhoso da sua vida o Santo F. Gil, que nasceo de pais nobres, e levou a mocidade entre vicios taõ infames, que chegou a aprender dos mesmos Demonios a arte da Negromancia. Mas Deos, que naõ quer a morte do peccador, o tocou com auxilios taõ fortes, que mudou em servo seu o escravo de Satanaz, e fez do escandalo das gentes hum Santo, que illustra a respeitavel Ordem

1266 dos Prégadores. No anno seguinte succedeo em Santarem o prodigio admiravel, que vulgarmente chamamos o Santo Milagre: Testemunho estupendo, com que Jesu Christo perpetuamente nos está persuadindo a existencia real do seu Corpo no Sacramento do Altar; entaõ para confundir os Judeos, que persuadíraõ á afflicta mulher a fazer-lhe desacatos; agora para continua edificaçaõ nossa, e argumento

con-

contra a impiedade dos hereges, que o negaõ.

Era vulg.

1267

Ainda que os succeſſos tinhaõ corrido á medida dos deſejos do Rei D. Affonſo; á ſua ſoberania independente naõ ſe fazia toleravel a obrigaçaõ de mandar a Caſtella 50 lanças cada vez que lhas pediſſem: Imitador glorioſo dos Reis ſeus predeceſſores, que naõ queriaõ ter a ſua Coroa dependente mais que de Deos, livre de tudo quanto pareceſſe tributo, que ſempre he origem de diſcordias entre o Principe, que o paga, e o que o cobra. Occupado deſta idéa a que deſejava ver o fim; com o pretexto do Infante D. Diniz receber da maõ de ſeu Avô a Ordem da cavallaria; o mandou na idade de ſete annos a Caſtella com a magnificencia devida a hum Principe ſucceſſor. Além das muitas peſſoas, que faziaõ o ſequito brilhante, o Rei nomeou outras de caracter capaz de fazer amigos na Corte de Caſtella, que facilitaſſem a condeſcendencia ás pertençõ es, de que o Infante hia encarregado. A negociaçaõ foi conduzida

Era vulg. da com tanta dexteridade, que o Rei D. Affonſo em attençaõ a ſeu Neto, contra o voto dos ſeus Miniſtros, abſolveo o Reino do Algarve da penſaõ das 50 lanças, que era obrigado a pagar em ſua vida pela demiſſaõ das rendas, que deixamos ditas.

Eſte caſo foi o tropeço de todos os Eſcritores Caſtelhanos, que dominados pela ambiçaõ de repreſentar no mundo a Portugal tributario do Reino de Leaõ, com bem pouco eſcrupulo o perſuadíraõ, naõ que o Infante D. Diniz fora pedir a relaxaçaõ das 30 lanças contratadas ſobre o Algarve; mas a de 300 que pagava Portugal de tributo, depois que Affonſo VI. o deſanexou da ſua Coroa, e o deo em dote ao Conde D. Henrique. A verdade he, que na conjuntura ſobre que eu eſtou tratando, os Miniſtros de Caſtella lembráraõ ao Rei eſta pertençaõ. Fallando em ſeu nome, e no de outros D. Nuno de Lara, diſſe ao Rei: Que elle naõ ſó devia eſcuſar-ſe da aboliçaõ das 50 lanças, que eraõ huma próva da ſua Sobera-

nia

nia sobre o Algarve; mas applicar todos os meios para reentrar na posse das regalias, que os Reis seus Predecessores haviaõ tido em Portugal antes de o separar da sua Coroa: Que elle naõ podia despojar-se dos direitos de Soberania, de que naõ era mais que hum Depositario: Que se o amor para com seu Neto o movia, lhe désse joias, riquezas, thesouros; mas que das prerogativas do seu Estado nada dispozesse; porque dellas ficava responsavel a Deos, e aos homens.

Era vulg.

Dizem varios Authores, que vi: Que este desembaraço de D. Nuno de Lara irritára o Rei, que o tomára em tom de reprehensaõ contra a ternura, que mostrava a seu Neto: Que naõ lhe respondêra palavra; mas que com ar colerico se voltára para os outros Conselheiros, e lhes pedira o voto: Que a maior parte delles applaudíraõ a sua resoluçaõ, e rogáraõ concedesse ao Infante quanto lhe pedia, sem reservar para si regalia alguma de honra, e interesse a respeito do Algarve, e estimasse esta acçaõ como

Era vulg. mo huma devisa da amizade, que tinha ao Principe seu Neto, e como huma generosidade, que enchia a sua reputação de nova gloria: Que com estes ultimos conselhos D. Affonso authorisára as suas bóas intenções, mas que fazendo-se pública a sua liberalidade, naõ o escusou de se dizer em Castella, que nesta conjuntura Affonso naõ merecêra ser chamado o sabio.

Estas ultimas vozes, e as do parecer de D. Nuno de Lara saõ huns esforços da paixaõ; porque Portugal nunca pagou tributo ao Reino de Leaõ, como tem mostrado com próvas incontrastaveis os Escritores mais exactos. No Reino do Algarve succede outro tanto, nem os de Leaõ, e Castella podiaõ ter sobre elle direito, que naõ fosse imaginario, quando os Mouros o possuiaõ com dominio diuturno pelo mesmo direito das armas, com que o adquiríraõ os Godos; quando qualquer dos Reis Catholicos das Hespanhas o podia tirar do poder dos Barbaros; quando era huma conquista nos-

nossa, feita pelas nossas trópas, sem soccorro, authoridade, nem licença dos Reis de Leaõ, e Castella, que naõ necessitavamos; em fim, quando a acçaõ, que elles tinhaõ no mesmo Algarve era por convenções, lances de politica, e interesses, que costumaõ os Reis ter huns com os outros, sem avance, nem abatimento da sua Soberania mutua. Tenho mostrado, como a cessaõ das rendas do Algarve, depois a obrigaçaõ das 50 lanças foraõ huns contratos vitalicios entre os dous Reis, naõ porque o de Portugal recebesse o dito Reino do de Castella: Reino, que começou a ser conquistado pelo Rei D. Sancho I.; que continuou a conquista seu neto D. Sancho II. e agora a concluio D. Affonso III. tambem seu neto, sem dependencia de Castella.

He huma próva bem evidente do que acabo de dizer, a propria Carta do Rei de Castella, escrita nesta occasiaõ a seu genro, que o Doutor Brandaõ extrahio da Torre do Tombo, e a insertou no *IV. Tomo da Monar-*

Era vulg. *narquia Lusitana*, *Livro XV. Capitulo XXXIII.* Nella diz aquelle Monarca: Que para todo sempre dá por acabados todos os pleitos, conveniencias, posturas, e omenagens, que foraõ póstas em razaõ do Algarve: *Que nós tenemos de vós en nuestros dias, y no más.* Na mesma Torre do Tombo ha outra Carta semelhante, com expressões conformes, que tambem traz Brandaõ no *Capitulo XXXIV. do Tomo citado*, aonde nota a Duarte Nunes de Leaõ de a haver viciado; porque como seguia a opiniaõ, de que o Rei de Castella dotára sua filha D. Brites com as terras do Algarve, a estas palavras do Rei: A nada sejais theudos em razaõ dos Castellos, e terras do Algarve: Accrescentou Duarte Nunes: *Que vos dei*: clausula, que affirma aquelle Escritor severo, e exacto se naõ acha no original, que elle vio. Donde fica evidente, que o Algarve entre os dous Reis entaõ existentes, principiou a ser hum assumpto de litigios, que deraõ occasiaõ ás convenções differentes, que mutuamente

te celebrárao, e que elles impediao a D. Affonſo o uſo-fructo do Paiz, que havia regado com os ſeus ſuores nas fadigas da guerra. Porém depois da ceſſao feita ao Infante D. Diniz, em que tiverao fim as diſputas precedentes, D. Affonſo ajuntou o titulo de ambos os Reinos, e ſe dizia Rei de Portugal, e do Algarve.

Era vulg.

CAPITULO IV.

Das controverſias, que por eſte tempo ſe moverao entre o Rei, e o Eſtado Eccleſiaſtico, e outros ſucceſſos do ſeu Governo.

DOM Affonſo, que era naturalmente liberal, e tao caritativo com os pobres, que chegava a empenhar a cópa da ſua caſa para os ſoccorrer: Seja por que via muitos bens da Coroa alheados em poder das Ordens Militares de Sant-Iago, de Aviz, e do Templo; ſeja porque ſeu irmao D. Sancho com mao tao larga as havia dotado; ſeja porque ſe quiz enriquecer; entre

Era vulg. as mesmas Ordens, e o Rei teve principio huma disputa bem debatida sobre varias Villas, Castellos, e rendas, que depois de allegações fortes por ambas as partes, se veio a compôr com interesses vantajosos a D. Affonso. Como elle tinha a D. Sancho em conta de hum prodigo, eraõ escrupulosas para o seu espirito as mercês, que aquelle Rei havia feito. Por isso naõ contente com o que acabava de obrar a respeito das Ordens Militares, mandou tirar inquirições exactas por todo o Reino dos titulos, por que cada hum possuia as terras, e propriedades, de que era Senhor, para que naõ houvessem fraudes, que deteriorassem a Coroa.

Mas estes negocios escondêraõ os vultos, quando appareceo á vista delles o da renovaçaõ das controversias entre os dous Poderes Ecclesiastico, e Secular: Controversias nascidas da rotura das immunidades, que os Canones concedem ás Igrejas; que foraõ o labyrinto intrincado, aonde D. Affonso II. acabou a sua vida; o mesmo

em

em que viveo seu filho D. Sancho; o mesmo em que agora se embaraçou seu Irmaõ, e Successor D. Affonso III. quando se chegava ao fim da vida. O poder Ecclesiastico facilitou a D. Affso a usurpaçaõ do Throno: o seu repelaõ violento deitou delle abaixo a D. Sancho. Por isso o Usurpador em França lhe fez grandes promessas, e deo juramentos os mais solemnes de promover todas as suas vantagens, que entaõ julgou injustamente abolidas. Em quanto á Coroa teve pouca firmeza na sua cabeça, houveraõ dissimulações, que pareciaõ beneficencias; mas depois que ella fez assento com direito, e posse legitimos, os juramentos naõ se guardáraõ, e as promessas esquecêraõ. Nós naõ decidiremos se a Pessoa obrou injusta, se a Mâgestade se mostrou ingrata, e só cuidaremos em cumprir na narraçaõ dos successos com as obrigações de Historiador.

Era vulg.

Alguns de caracter muito mais sublime, que o meu, entendem, que do pouco escrupulo que el Rei D. Af-

Era vulg. fonſo fez de caſar com D. Brites ſendo viva ſua primeira mulher, deſprezando as cenſuras da Igreja; que dos lances de incontinencia, em que preſiſtira, ſe fora arrojando a outros exceſſos, que o conduziraõ a depôr a violencia com que parecia, que amparava os Eccleſiaſticos: Declarando-ſe abertamente contra elles: ſoprando das cinzas as paixões antigas em nova oppreſſaõ dos Biſpos: Permittindo, que o Clero foſſe obrigado a reſponder no Juizo Secular; e outros exceſſos deſta qualidade, que obrigáraõ a unir-ſe os Prelados do Reino para uſarem de todos os meios, com que ſe podeſſem oppôr á violencia, que entendiaõ ſe lhes fazia. O ſeu primeiro paſſo foi o rendimento humiliante, que appreſentou o Memorial dos juramentos, e promeſſas feitas em Pariz, que pedia ſe obſervaſſem; mas como elle, nem as propoſtas mandadas fazer pelo Papa Clemente IV. pouco antes da ſua morte, produziraõ effeito: em que romperiaõ os Biſpos, que ſe imaginavaõ ingratamente correſpondidos?

A

A maior parte destes Prelados rompeo no excesso de se pôr a caminho, e irem elles mesmos em pessoa á Curia Romana queixar-se ao novo Papa Gregorio X. das desordens succedidas em Portugal, que pediaõ os remedios promptos, que entaõ mettia em uso o espirito dos tempos. O Papa, e os seus Curiaes se assombráraõ deste tumulto dos Ministros da paz, e quiz commetter com ella ao Rei para naõ exasperar a guerra. Encarregou aos Prelados das Religiões de S. Domingos, e S. Francisco a commissaõ de representarem ao Rei com termos doces, e suaves, quanto era odiosa, e injusta a perseguiçaõ, que fazia aos Ministros do Senhor; mas o Principe se mostrou taõ inflexivel a tudo, quanto se lhe disse de mais tocante, de mais forte, e de mais terno, que em cousa alguma mudou de sentimentos. Entaõ o Clero, com arrojo temerario, tirou a público o descomedimento de faltar com o respeito á Pessoa Sagrada do Rei, a queixar-se altamente da usurpaçaõ, que fazia da sua jurisdiçaõ,

Era vulg.

e

Era vulg. e dos ſeus bens, a notallo de avarento, até de incontinente.

1273 O Papa, prevenido por tantos Prelados, e por todo o Clero da Igreja Luſitana, nas idades em que o pouco diſcernimento fazia ſubmetter os Sceptros com tanto prejuiſo da ſua Soberania Temporal: Elle ſe reſolveo a admoeſtar aſperamente ao Rei por meio de huma Bulla, em que o notava de ingrato para com a Santa Sé, que lhe dera o Reino; da ſua falta de palavra no cumprimento das promeſſas, que fizera, todas reſpectivas aos intereſſes da Religiaõ. Depois de outras expreſsões naõ menos vivas, e fortes, que ſe animavaõ no juramento dado pelo Rei em Pariz: Gregorio X. paſſou das perſuasões ás ameaças, declarando, que ſe D. Affonſo em tres mezes, ou os ſeus Succeſſores dentro em hum anno naõ cumpriſſem fielmente as ſuas promeſſas, ſeriaõ excommungados nas ſuas Peſſoas; e que ſe depois de hum mez da declaraçaõ os negocios naõ mudaſſem de ſemblante, havia por excommunga-

ga-

gados em geral os Reinos de Portugal, e do Algarve. A groſſura deſte tom, que fazia no mundo hum ecco da meſma corpulencia da voz coſtumada a cauſar tremor nos mais altos montes; moveo a D. Affonſo para publicar alguns Editos favoraveis ás Igrejas, e aos ſeus Miniſtros, que ſuſpendêraõ por entaõ as demonſtrações fulminadas ſobre o Rei, e os ſeus Reinos.

Era vulg.

Quando veio a morte ao Papa Gregorio já o haviaõ feito conceber as imagens triſtes, de que o Rei nada do que promettêra cumpria, e eſtava reſoluto a executar quanto ameaçára. Com a meſma deſconſolaçaõ acabáraõ Innocencio V., e Adriano V. que depois de Gregorio obtiveraõ o Pontificado pouco tempo. Foi ſeu Succeſſor Joaõ XXI. Portugez, antes chamado Pedro Joaõ, filho do Medico Juliaõ, e elle em Lisboa profeſſor da meſma arte de ſeu Pai. Dizem delle, que deixára hum grande Receituario para a conſervaçaõ da ſaude; que depois ſeguíra o Sacerdocio;

1275

1276

fo-

Era vulg. fora Arcediago, e Arcebiſpo de Braga; que o Papa Gregorio X. o criára Cardeal, e ultimamente foi Pontifice. Os que duvidaõ tiveſſe as qualidades de bom Filoſo, o perſuadem exceſſivamente applicado á Aſtrologia judiciaria, ſem outro exercicio, que o de eſcogitar meios para viver muito, conformes com os Syſtemas da meſma Sciencia. Affirma-ſe, que levantára o ſeu horoſcopo; mas contou taõ mal o calculo, que naõ previo tinha de ficar ſepultado nas ruinas do ſeu quarto no Palacio de Viterbo em 1277, hum anno depois da ſórte o fazer Papa, e ſe levantar a figura. Naõ obſtante ſer eſte Pontifice Portuguez, mandou hum Nuncio a Lisboa para notificar ao Rei cumpriſſe a palavra, que tinha dado aos ſeus predeceſſores; mas o Nuncio, que naõ teve mais ventura que os outros, vendo que nada avançava ſobre o eſpirito de D. Affonſo, ſe retirou á ſua Corte.

1279 Aſſim corriaõ os negocios de Portugal, quando Deos com as enfermidades, que tocaõ no coraçaõ do homem,

mem, bateo a D. Affonso, que occupado em si mesmo, cuidou sériamente nas desordens de tanta duraçaõ entre elle, os Prelados, e o Clero do Reino. A sua mesma consciencia lhe principiou a accusar as tolerancias sobre as usurpações, que se haviaõ feito na jurisdiçaõ, e bens da Igreja; na sua opposiçaõ a Decretos da Sé Apostolica, que já reconhecia saudaveis; na pouca attençaõ, que lhe levavaõ os conselhos, e os Ministros Ecclesiasticos; nas infelicidades, que a sua teima causára no Estado; no escandalo, que as controversias haviaõ dado ás Potencias catholicas: E movido o espirito com estas reflexões, tocado do temor da morte, que sentia proxima, resolve-se a dar de tudo huma satisfaçaõ pública, que sobre ser util ao mesmo espirito, seja tambem para o mundo Christaõ edificante.

Era vulg.

Na presença do Bispo de Evora, e de grandes pessoas da Corte mandou D. Affonso lavrar o Acto, que se guardava no arquivo da Sé de Lisboa, don-

Era vulg. donde o copiou Brandaõ, e o transſcreveo no *IV. Tomo da Monarquia*, *Livro XV. Capitulo* 47: Acto, em que o Principe dá as demonſtrações mais ſenſiveis de penitente; jurando aos Santos Evangelhos de obſervar dalli em diante as Bulhas Pontificias; de render á Igreja as honras, que lhe eraõ devidas; de reſtituir aos ſeus Miniſtros todos os damnos, que lhes havia cauſado. Para fazer mais ſignificante eſta diſpoſiçaõ, quiz que a preſenciaſſe o ſeu Succeſſor D. Diniz para lhe encarregar tomaſſe parte neſtes ſeus ſentimentos, e intenções; para no futuro reſarcir os prejuiſos, que entendeſſe cauſados pelas ſuas ordens, e permiſsões: Encargos, que o Principe proteſtou naõ ſeria omiſſo em ſatisfazer, para que a penitencia de ſeu Pai foſſe a Deos acceitavel, e a ſua reputaçaõ ſe conſervaſſe glorioſa na memoria dos homens.

Já illuminada a alma, que ſe deſatava das prizões da carne, D. Affonſo moſtrou hum pezar exceſſivo do aborrecimento grande, que teve a

ſua

fuá primeira mulher, do amor demasiado, que rendeo á segunda; ambos os extremos causas motivas dos excessos a que o arrojárao as duas paixões tao contrarias, que agora se uniao na dor, que crêmos faria expiaveis os crimes. Com estas disposições tao catholicas morreo D. Affonso III. aos 69 annos da sua idade, e 33 de Governo. Foi sepultado na Igreja de S. Domingos de Lisboa, donde seu filho D. Diniz o transferio para a do Mosteiro de Alcobaça, aonde jaz com a Rainha D. Brites sua mulher. Teve huma grandeza de corpo tao extraordinaria, que quando o Rei D. Sebastiao mandou abrir o seu sepulchro, todos os que o virao se admirárao da sua estatura.

Era vulg.

De sua primeira mulher já disse, que nao tivera filho algum, ainda que a adulaçao, e lisonja imaginárao o contrario contra a resoluçao dos homens mais sabios, e diligentes, e contra as declarações expressas do Testamento da mesma Condeça Matilde.

Da

Era vulg. Da Rainha D. Brites, teve a succeſſaõ, que já deixo declarada. Os Baſtardos foraõ muitos, e de alguns naõ fallá-raõ os noſſos Eſcritores, ſendo troncos de grandes Familias; o primeiro foi Fernando Affonſo, Cavalleiro Templario, que foi ſepultado em S. Braz de Lisboa, aonde ſe conſervou muitos annos o Epitafio, que dizia quem era ſeu pai; o ſegundo Gil Affonſo foi Bailio da meſma Igreja de S. Braz, aonde tambem foi ſepultado hum ſeu filho chamado Lourenço Gil, que foi da Ordem de S. Joaõ, hoje de Malta; o terceiro Affonſo Diniz, caſou com D. Maria Ribeira, e foraõ pais de cinco filhos varões, cujas deſcendencias trata o Conde D. Pedro; o quarto Martim Affonſo Chichorro naſceo de huma Moura, dizem que filha de Aloandro, Almoxarife de Fáro, da qual o Rei ſe namorou quando conquiſtou a Cidade, e fez nella eſte filho, que caſou na familia dos Souſas, e delle deſcendem muitas das que diz Faria, que levaõ o Rei no tronco, e lhes fica na raiz a Moura; a quinta

foi

foi D. Leonor, que casou com o Conde D. Gonçalo Garcia. Naõ tiveraõ noticia os nossos Escritores antigos de D. Urraca Affonso, que consta de Memorias da sua idade fora filha de D. Affonso, que lhe deo a Aldea do Lamegal, e casou com D. Pedreannes, filho de D. Joaõ Martins dos de Riba de Visella, e de sua mulher D. Urraca Abril. A mesma ignorancia houve a respeito de outra Leonor, differente da Condeça, que foi Freira em Santa Clara de Santarem, e o Rei deixou dito a tivera de Elvira Esteves; e de Rodrigo Affonso, que foi dotado por seu pai com muitas herdades em Santarem, e Guimarães.

Era vulg.

O Rei D. Affonso deo nova fórma ás Armas do Reino. Como acabára a conquista, e se vio Senhor pacifico do Algarve, lançou como orla ao Escudo Real, para devisa do novo Dominio, hum campo de purgura semiado de Castellos de ouro. Sobre estas Armas pôz as de Portugal abbreviadas, de modo que as do Algarve se descobrissem por toda a circunferen-

Era vulg. rencia, e nas do centro tirou dous pontos do número, que até entaõ costumava levar o escudete. Florescêraõ no seu tempo Heróes memoraveis, e entre nós sempre digno de lembrança o grande Mestre de Sant-Iago D. Payo Peres Correa, Josué Portuguez, que na opiniaõ de Authores sevéros, e judiciosos, fez parar o Sol, quando na batalha da Serra Morena, junto á Igreja de Santa Maria de Tentudia, contra os Barbaros, aquelle Planeta se escondia, antes que elle aperfeiçoasse a obra, clamou á Mãi do Omnipotente, dizendo: *Santa Maria de ten tu dia.* Brado, a que o Sol no horisonte respondeo parando. Quatro annos antes da morte do Rei D. Affonso passou D. Payo da vida mortal a receber o premio das suas virtudes na eterna, e jaz na Cidade de Tavira no Algarve.

Feitos gloriosos nas expediçoẽs daquelle tempo obráraõ D. Fernando Peres Guimarães, D. Egas Henriques Portocarreiro, D. Egas Gomes Barroso, D. Gueda Gomes, D. Martim

Fer-

Fernandes de Novaes, D. Ramiro Quartela, D. Raimundo Viegas de Siqueira, D. Pedro Soares, D. Lourenço Fernandes da Cunha, D. Affonſo Peres Ribeiro, D. Mem Rodrigues de Tougues, D. Lourenço Gomes Maceira, D. Gonçalo Peres de Belmir, D. Eſtevaõ Peres de Távares, D. Guterre Aldaire, D. Pedro Fernandes do Valle, D. Eſtevaõ Martins Petir, D. Joaõ Pires de Vaſconcellos, D. Mem Paes Mogundo de Sandim, Pedreannes do Portal, Joaõ de Aboim, e outros Varões célebres, de que a antiguidade, e o deſcuido nos roubou os nomes, e as noticias para naõ as podermos dar illuſtres de tantos filhos benemeritos da Patria, que tem criado em todas as idades para a fazerem luminoſa.

Era vulg.

F I M.

INDICE
DOS CAPITULOS.
LIVRO IX.

LIVRO X.

LIVRO XI.

LIVRO XII.

LIVRO XIII.

LIVRO XIV.

CAP.

ER-

ERRATAS DOS TOMOS I., E II.

Erratas	Lea-se
TOMO I.	
Na Prefaçaõ pag. XXI. Os *mesmos* brutos	os *menos* brutos.
Pag. 120. Rendeo Fabio *Cines* lugares	*cinco Cidades.*
Pap. 140. Para *arrastar* o outro	para *arrostar.*
Pag. 236. Villa nova de *Tascoa*	de *Fascoa.*
Pag. 292. Conhecermos as *fadigas*	conhecermos as *figuras.*
TOMO II.	
Pag. 34. Morto *Theodoro*	morto *Theodosio.*
Pag. 47. Walia que *passava*	que *passeava.*
Pag. 135. *Iria* da paz	*Iris.*
Pag. 153. Como de *taõ* valido	de *tal* valido.
Pag. 173, e seg. D. *Truela*	D. *Fruela.*
Pag. 248. D. *Bernardo*	D. *Bermudo.*
Pag. 255. *Resolveo* os de Toledo	*revolveo* os de Toledo.
Pag. 301. Do Livro II. deste Tomo	do Livro *V.*
Pag. 306. Naõ só difficultosa, mas *possivel*	mas *impossivel.*
Pag. 386. Naõ perdoára a Egas	naõ *só* perdoára.
Ibid. Que entaõ se *acha* em Roma.	se *achava.*
Pag. 387. Foi o Principe *respeitado* por hum herege	*reputado* por &c.
Peg. 418. Em cima a nodoa da *escuridade*	nodoa da *esterilidade.*

Francisco Soares Pinheiro

Francisco Nunes Pinheiro

Francisco Soares Pinheiro

Francisco Soares Pinheiro